

JUREMA CHAGAS

BLOGS PESSOAIS

A representação do eu na vida cibernética

FLORIANÓPOLIS

2007

JUREMA CHAGAS

BLOGS PESSOAIS

A representação do eu na vida cibernética

**Dissertação apresentada como requisito à
obtenção do grau de Mestre em Literatura,
Curso de Pós-Graduação em Literatura, Centro
de Comunicação e Expressão, Universidade
Federal de Santa Catarina.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Claudia de Lima Costa

FLORIANÓPOLIS

2007

Dedico este trabalho aos meus pais
Angelino Chagas e Maria Eulina de Freitas Chagas,
aos meus irmãos João, Luiza e Antonio; e ao meu querido
Larry Dudley, companheiros de
jornada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, antes de tudo, por eu acreditar.

À minha orientadora Claudia de Lima Costa,
pela oportunidade e pelo exemplo.

Aos meus professores e professoras,
pela bagagem compartilhada.

À nossa querida Elba, por realizar o seu trabalho com tanta doçura.

Às amigas

Sumaya Lima, Luciana Cesconeto, Janaina Amorin,
Janine Ruszczyk, Clara Emília Hohegger, Dirce Margarete
Grosz e Eliane Dutra pelas palavras de estímulo e
alegria dos momentos compartilhados.

E especialmente aos meus queridos amigos Frank Deal, Rodrigo Chagas
e Márcio Markendorf pelas idéias e imensurável apoio
nos momentos em que eu mais precisava.

É superficial entender o diário íntimo apenas como receptáculo dos pensamentos privados, secretos, algo assim como um confidente surdo, mudo e analfabeto. Escrevendo o diário não somente me expesso mais abertamente que com qualquer pessoa, senão até que comigo mesma.
Susan Sontag

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	07
INTRODUÇÃO.....	08
I - O EU COMO TEXTO: UM BREVE PERCURSO.....	12
1.1 - A escrita de si do <i>epiméleia heautoû</i> às confissões.....	14
1.2 - A tradição dos diários íntimos.....	25
1.3 - A presença das agendas.....	36
II - BLOGS E BLOGOSFERA: UM NOVO AMBIENTE PARA AS ESCRITAS DO EU.....	42
2.1 - Um lugar sem censura para a livre expressão do eu.....	53
III - A CONSTRUÇÃO DE UM EU VIRTUAL.....	63
3.1 - Um recorte de gênero.....	65
3.2 - Um fio de poesia tecendo o feminino.....	69
3.3 - No teor poético masculino.....	78
3.4 - Auto-representações e recriações possíveis.....	85
3.5 - Os fios da teia.....	107
IV - CONCLUSÕES.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	115
SITES CONSULTADOS.....	119
BLOGS ANALISADOS.....	120
ANEXOS.....	121

RESUMO

Este trabalho traz uma análise de determinado universo de blogs pessoais enquanto espaços de auto-representação do sujeito contemporâneo. Ao deixar de ser apenas o traço sobre a branca folha de papel, as escritas de si passaram a incorporar novos e criativos recursos disponíveis pela cibercultura para o registro do eu, agora sob o signo da máquina. Os blogs pessoais são espaços discursivos que indiciam um outro patamar de constituição do sujeito em constante transformação e em interação com um público leitor interessado na intimidade do/a autor/a, cujas identidades revelam-se tão performáticas quanto públicas.

ABSTRACT

This work analyzes personal blogs as spaces of self representation of the contemporary subject. Blogs are no longer simply markings on a blank sheet of paper, ones self writings have moved on to incorporate new and creative resources available in today's cyber culture enabling one to register themselves now as a sign of machine. Personal blogs are now discussion spaces that indicate another type of self construction; one that is in constant transformation and interacts with its reader public who are interested in a more intimate relationship with the author whose identity reveals itself as a public performance.

INTRODUÇÃO

Embora eu venha da área da comunicação e tivesse um contato muito intenso com a Internet, tendo, inclusive, construído minha própria *homepage* durante o período da graduação, nunca tinha experimentado um interesse maior pelos blogs. Posso confessar até que seguia na esteira das pessoas que pensam que blog é coisa de gente vaidosa, narcisista, egocêntrica, de anônimo querendo fama. Mas após algumas incursões pela blogosfera descobri que os blogs representam na verdade um novo e imenso espaço de auto-expressão. Bastam algumas leituras para verificar-se o quanto essa ferramenta permitiu o amplo acesso a qualquer indivíduo – claro que me refiro àqueles com recursos o suficiente para ter acesso a um computador conectado à Internet – à publicação de suas opiniões, sentimentos e experiências que agora podem ser instantânea e amplamente difundidos, pois no ciberespaço a postagem de textos não é controlada ou monitorada por setores hegemônicos de comunicação.

Com esse novo olhar, passei a entender os blogs pessoais como espaços de auto-representação da comunicação mediada por computador, cuja disponibilização imediata é dirigida a um público leitor cada vez mais interessado na intimidade do “outro”. Público este, na maioria das vezes, também escritor de blogs. Indivíduos que procuram no espaço virtual o meio de ver e ser vistos, numa espécie de via de mão dupla, ver a “intimidade” alheia e, ao mesmo tempo, despir sua própria intimidade sem (e com) cerimônias. A intimidade que ali é mostrada é, porém, algo encenada, a exemplo do que ocorre nos programas de *reality shows*, que exploram a “construção” do privado, pois o que se vê nesses espaços é um tipo de privacidade adulterada e consumida pelo/a espectador/a como sendo adulterada, uma vez que cada participante deve interpretar um “si mesmo” previamente definido como legítimo, como “real”. Ou seja, sabe-se que não se trata da realidade mesmo que os nomes dos programas afirmem que o são. O fator operante da realidade, no sentido de real, é apenas o tempo. De tempo real. Ao vivo. E nada mais do que isso. As pessoas revelam a privacidade em jogos milionários, corridas pela fama, famosos em situações inusitadas. Uma época de aparecimento de celebridades e de celebração, e em que dizer “eu fui realmente eu” é paradoxal já que estamos diante de um jogo ou um espetáculo. O mesmo se procede, penso, com os blogs. A realidade não repousa ali, muito menos a idéia que se concebe de privado, privacidade ou segredo, uma vez que ao saber-se lido/a, o/a autor/a do blog constrói o segredo, o privado, o

que de íntimo pode intencionalmente ser dito nesse espaço público de interação e exposição de si.

Movida então por inquietações como essas, direcionei minha busca especificamente aos blogs pessoais, uma vez que estava diante de um vasto campo de narrativas dessa constelação tão diversificada chamada blogosfera, e onde são tantas as opções entre gente que escreve blog opinando sobre tudo, desde futebol, política, religião, culinária, livros, literatura, tecnologia, jornalismo, cinema, fotografia, viagens, mas também, felizmente para mim, escrevem sobre seus próprios dilemas, experiências, sobre o si mesmo, o principal foco da minha procura.

A princípio meu interesse era averiguar se e o quanto o blog enquanto diário *online* passou a ocupar o lugar do tradicional diário íntimo, como repositório dos segredos de um eu íntimo e privado, até então não revelado, mas agora público e aberto aos olhos de quem tiver acesso e quiser ler. E, mais do que estudar essa transição queria averiguar a importância dessas escritas de si para a construção do sujeito, sob os feixes teóricos pós-estruturalistas e dos estudos de gênero, chegando ao ápice de mostrar se o fato de o/a blogueiro/a receber comentários de leitores/as influencia em sua subjetividade, quero dizer, na constituição desse sujeito que escreve. Porém, após iniciar a leitura diária de blogs percebi que não se tratava, na verdade, de uma transição, e não havia, portanto, como realizar semelhante percurso. Uma forma de narrativa de si não está necessária nem absolutamente ligada à outra, e não se trata de uma continuidade. Primeiro veio o diário e depois veio o blog e ambos nada têm de seqüencial, ainda que às vezes apresentem relativas semelhanças. Este último emerge em um momento histórico diverso com particularidades específicas desta época e nesse ambiente, com seus recursos e linguagens muito próprias, um novo sujeito está a se constituir. Assim, entender que sujeito é esse passou a ser o principal foco deste trabalho, cujas narrativas de si encontradas nos blogs pessoais passaram a ser lidas a partir de uma problemática do sujeito, submetida às teorias que conceitualizam o sujeito contemporâneo como não possuidor de uma identidade fixa, essencial ou permanente, e atribuem sua subjetivação instável ao processo de transformações das paisagens sociais, estruturais e institucionais emanadas pelos diversos “centros de poder” que o cercam. Para minha análise então, concebo o sujeito contemporâneo como essa “*celebração móvel* formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais é apresentado, representado ou interpelado nos sistemas culturais que o rodeiam” (HALL, 1987, p. 13), e muito especialmente como uma *celebração móvel* que se dá no meio virtual.

Sendo assim, para sustentar uma leitura crítico-analítica dos blogs, amparei-me em teorias que apontam para uma “consciência do eu” que se inicia no período do Império Helenístico e Romano, apresentadas por teóricos como Michel Foucault e Mikail Bakhtin, entre outros que fundamentam o primeiro capítulo deste trabalho. Tais teorias são tomadas numa visão panorâmica do aparecimento de diferentes formas de escritas de si que vão culminar nos tradicionais diários íntimos entre outras práticas de escrita auto-referenciais como a escrita epistolar, agendas, cadernetas, relatos de viagem, autobiografias e biografias, práticas amplamente desenvolvidas e verificáveis na significação do sujeito.

E se antes o indivíduo usava o pergaminho e depois a branca folha de papel para falar sobre si e constituir-se nesse processo, na Era da Informação o caminho não poderia ser outro senão o uso do computador para pavimentar a construção de um sujeito contemporâneo. Não que o blog tenha suplantado o tradicional diário de papel - há relatos nos próprios sítios analisados de autores/as que continuam a escrevê-lo apesar de manter um ou mais blogs, enquanto outros/as substituíram um pelo outro, e outros/as há ainda que nunca escreveram um diário e hoje mantêm seus diários virtuais – mas o seu declínio parece inexorável. É disso que trato no segundo capítulo com o surgimento dos blogs e da blogosfera, compreendendo-os como o primeiro passo para que todas as pessoas alfabetizadas que disponham acesso à Internet tenham a oportunidade de possuir sua própria plataforma no mundo. Para realizar tal percurso recupero ainda a experiência dos/as primeiros/as blogueiros/as, e verifico como se deu o aparecimento e o avanço desse novo espaço de manifestação de si na Internet.

No terceiro capítulo, com a delimitação de um *corpus* composto de seis blogs, sendo três escritos por mulheres e três escritos por homens (de acordo com as identidades de gênero declaradas nos próprios sítios), procuro analisar que sujeito é esse de que se está falando. A partir da arquitetura e construção de espaços personalizados de auto-expressão (blog, fotolog, videolog) está se formando um novo sujeito de identidades múltiplas e cambiantes, como postulado por Stuart Hall (2005, p. 21), assim investigar que sujeito é esse é minha empreitada neste trabalho, tendo em vista que no farto ambiente chamado blogosfera é possível encontrar blogueiros/as que usam seus diários *online* para descarregar emoções, arquivar experiências e memórias, afirmar seus pontos de vista, opinar sobre o mundo que o cerca, o que em nada difere da forma tradicional, não fosse a aparente preocupação com sua “reputação” e a busca pela construção de uma identidade pública aprovada. A busca também do contato com o outro, alguém que o/a leia e dê um maior significado a narrativa de sua existência é outro fator relevante em minha análise, já que no ambiente blog, a figura do/a leitor/a ganha enorme importância, ele/a não apenas é previsto/a como também desejado/a.

Minha análise aborda o sujeito em sua narrativa hipertextual, literária e performática, tendo em vista as tantas possibilidades de criar, recriar, falsear e ficcionalizar o “si” e sua “realidade” que o anonimato da Internet oferece e favorece. Dada a natureza dessas questões, espero ter feito as escolhas mais acertadas quanto aos caminhos teóricos e existenciais adotados para a realização deste trabalho e justifico minha inquietação diante da vastidão do campo investigado onde retive o olhar por tempo demasiado e cujo resultado me foi nada menos do que prazeroso.

I - O EU COMO TEXTO: UM BREVE PERCURSO

Antes de percorrer o mundo virtual dos *blogs* é necessário fazer uma incursão panorâmica por sobre as escritas de si a fim de compreender melhor sua condição pós-moderna de inscrição da subjetividade. Pretendo balizar tal percurso, sobretudo, pelos aspectos relacionados às superfícies de produção e circulação – privada e/ou pública – porque são os que, acredito, mais parecem interferir no modo como o indivíduo se representa no papel. Digo interferência no sentido de que, tendo em vista o lugar de trânsito dos textos, privado ou público, o indivíduo faz inferências e escolhas a respeito de qual face social, psicológica e cultural deseja transparecer no escrito. Há, portanto, uma interferência nos conteúdos de representação que é determinada pelos modos de produção da representação – autobiografias, diários, cartas, documentos, entrevistas – estes, por sua vez, são pré-determinados pela superfície social de circulação, ou melhor, pelo(s) interlocutor(es) do escrito. Assim sendo, tal cadeia de representação mostra o quanto a subjetividade do indivíduo se inscreve de modo diferente quando o percurso discursivo parte de si para si ou de si para o(s) outro(s).

Acredito que tais relações entre modo, conteúdo e trânsito sejam motivadas enormemente pela consciência de que o objeto textual garante a permanência do indivíduo no meio dos homens, por meio da imortalidade da palavra, mesmo que a mortalidade do seu corpo lhe ateste uma ausência do mundo. A escrita, interrompendo uma ausência em definitivo, funda a angústia da permanência residual, via artefato lingüístico, do que o sujeito se diz ser, impedindo-o de, uma vez escrito, revisar ou retificar sua imagem escrita depois de morto. Talvez por isso hoje em dia exista tanta preocupação ética e moral rondando a publicação de escritos privados e da privacidade, como cartas, diários e biografias, porque estes são capazes de reforçar, desestabilizar ou destruir a imagem social fundada por escritas públicas.

Por certo, ao longo do tempo, muito se alterou em relação às representações de si. Não tanto quanto aos modos de representação, mas quanto às concepções deste tipo de produção. Em outras palavras posso dizer que continuam se escrevendo diários, autobiografias e textos do gênero como antes, apesar de ter se alterado o ponto de vista dos

críticos em relação ao assunto após duas grandes crises. Em primeiro lugar, “a crise de identidade” – compreendida não mais por critérios de unidade, fixidez e estabilidade – dissolveu a idéia de que um indivíduo é, ao mesmo tempo e sob todos os pontos de vista, um ser *transparente* e centrado em um eu *idêntico* (HALL, 2002, p. 07). A ascensão dos estudos da teoria social e da pós-modernidade passou a entender o indivíduo como um ser formado por identidades múltiplas, fragmentárias e instáveis, definido historicamente e não biologicamente (HALL, 2002, p. 13). Em vista disso, os conteúdos representados nas escritas de si poderiam variar tanto quanto variavam as identidades sociais, revelando, pois assim, a impossibilidade de se compreender o sujeito enquanto unidade, totalidade e coerência facilmente apreensíveis. As escritas (auto)biográficas seriam tão somente objetos minimalistas de uma entidade complexa do sujeito, formada por eus *múltiplos* e identidades *opacas*, e impossível de ser abarcada no todo. A tentativa de abranger o sujeito em sua completude seria a tarefa infinita de uma biografia sem fim (PENA, 2004). Afinal se as identidades coexistem no indivíduo, mas se alternam na representação social, como seria possível dar conta da representação biográfica desse paradoxo sem reducionismos ou dilatações?

Associada à problemática das identidades do sujeito, se dá a “crise da representação biográfica”, acirrando as discussões ao questionar o sentido cronológico de organização de uma vida. Tal crise foi deflagrada depois que se entendeu que uma narrativa biográfica linear, coesa e coerente, imbuída de um sentido de existência, é apenas uma ilusão porque o sujeito, durante seu percurso vivencial, não se apresenta enquanto um produto lógico e inteligível como querem os relatos biográficos. A organização e ordenação dos fatos de vida segundo uma lógica cronológica e causal é meramente uma interpretação que faz do objeto biográfico uma construção artificial (BOURDIEU, 2005, p, 184 -185). Tratar a história de vida por esses termos é o mesmo que tratá-la como história de ficção totalizadora. A cronologia garante uma unidade e uma constância que não pertencem ao indivíduo, conforme atestam suas múltiplas identidades e a caoticidade do ser (HALL, 2002, p. 13). E se eram artificiosos, tais empreendimentos biográficos foram questionados não somente em relação à sua operância, mas também, em relação à sua veracidade. Podendo os relatos biográficos ser múltiplos, a verdade que neles repousa, enquanto um fluxo da história passou a ser considerada múltipla e contraditória, impossível de ser captada pela linguagem. A retórica biográfica, da mesma maneira, foi colocada sob suspeita de impossibilidade.

Ainda se tais crises colocaram a questão do sujeito e das verdades do sujeito num campo absolutamente relativo, o estudo das narrativas de si deve obedecer a outros critérios

de avaliação, de concepção e de engendramento do biográfico. É nesse campo que identifico os *blogs* pessoais enquanto modalidade de biografia tão problemática quanto qualquer outra. A eles ainda se associam outros aspectos, como a espetacularização da privacidade detonada pelos *reality shows*, a facilidade de publicação e difusão permitida pela Internet, a atração e o fetiche dos anônimos por uma aura de celebridade instantânea ou, ainda, pelas conseqüências da virtualidade nas formas de representação do sujeito. No entanto, antes de adentrar nesse mundo, faço passagem obrigatória por outras narrativas, menos modernas e menos virtuais. Deixo, então, para os próximos capítulos as discussões dos problemas biográficos.

1.1 - A escrita de si do *epiméleia heautoû* às confissões

Em seu livro *A Hermenêutica do Sujeito*, Michel Foucault (2006) devassa a literatura que trata da constituição do sujeito em relação à verdade, a fim de apontar como se processou a organização da subjetividade através da linguagem, transversalizando a época atual pelas outras épocas históricas. Foucault recupera e destrincha as contribuições de Platão, Sócrates, Epicuro, Epiteto, Sêneca, Marco Aurélio, Plutarco, Musonius Rufus, Filodemo de Gedara, Fílon de Alexandria, entre outros, dando a conhecer os modos pelos quais o sujeito se constituiu na Antiguidade, mesmo que sempre associado à busca pela verdade. Compactuo com o crítico no sentido de não pretender afirmar que o processo de subjetivação do indivíduo contemporâneo seja uma relação causal principiada pela noção platônica do *epiméleia heautoû* e pela idéia socrática do *gnôthi seautón*. Antes disso, desejo demonstrar que não há uma relação de continuidade ou de causalidade entre eles, pois, como conforme indica o autor em seu percurso histórico, as escritas de si estão carregadas das especificidades de cada época. Por isso precisou contextualizá-las e demonstrar que não se tratava de algo novo na história do homem, construindo uma hermenêutica do sujeito intimamente relacionada com as práticas da Antiguidade tardia. A prescrição socrática do *gnôthi seautón*, representada pela famosa sentença “conhece-te a ti mesmo”, seria a base da relação entre sujeito e verdade, que seria, mais tarde, deslocada para outro preceito. De acordo com Foucault, o *epiméleia heautoû*, que significa “tomar conta de si mesmo”, era uma prática que incentivava o sujeito a se preocupar e se ocupar consigo próprio, e que englobava o pensamento socrático no sentido de que cuidar-se era conhecer-se.

Sob a égide da cultura helênica e do Império Romano, a noção platônica de *epiméleia heautoû* tornou-se um tema filosófico bastante comum e difundido. Epicuro (341 – 271 a.C.) juntamente com os Cínicos e os filósofos da Escola Estóica reconheciam como

importante o cuidado de si, muito embora cada grupo incorporasse diferentes conotações a esse princípio. Para os epicuristas nunca era tarde demais para ocupar-se consigo mesmo, podendo o indivíduo, a qualquer momento de sua vida, começar essa prática amorosa voltada para dentro. Por outro lado, os estóicos declaravam que era preciso estar sempre atento a si mesmo, sendo preferível “retirar-se em si mesmo e aí ficar”¹ (FOUCAULT, 1988, p. 27). Influenciado pelo epicurismo e pelo cinismo, o pensamento estóico florescido na Grécia foi levado para Roma por volta de 155 a.C., tendo como seguidores Marco Aurélio, Sêneca, Musonius Rufus e Galien. Tal encadeamento filosófico prova o quanto o tema do cuidado de si não constituiu uma opinião abstrata, mas uma atividade amplamente irradiada através das doutrinas do pensamento e das culturas, chegando a constituir uma rede de obrigações e de serviços pela qual o indivíduo poderia se dedicar à sua alma. Por este sentido é possível afirmar que o *epiméleia heautoû* era uma atitude que estava bastante ligada à atividade da escrita porque, como afirma Foucault (1988, p. 22), “o eu era algo para se escrever sobre, um tema ou objeto (sujeito) da atividade de escrita”².

Assim sendo, escrever sobre si mesmo revelou-se como uma prática bastante antiga e repousada diretamente na concepção de um cuidado para consigo mesmo. Durante o período imperial romano, por exemplo, compreendido entre os anos de 27 a.C. e 476 d.C., o pensamento helenístico difundiu a idéia da escrita de si como componente da cultura do *epiméleia heautoû*, privilégio de alguns poucos, visto que o domínio da oralidade ainda gozava da condição de ser quantitativamente superior em relação ao domínio da escrita. Tal prática cultural incluía em suas manifestação a redação de notas sobre si mesmo, que poderiam ser relidas num tempo posterior e sob uma nova luz de consciência a fim de avaliar o amadurecimento do eu, assim como a escritura e organização de tratados, que poderiam servir de acordos comerciais ou políticos, a redação de cartas, enviadas quase sempre para o auxílio ou comunicação com amigos, a manutenção de cadernos de anotações, ao modo de aforismos, com a finalidade de reativar no sujeito as verdades das quais precisasse. No entanto, como a prática da escrita não era dada a todos, mas apenas a uma elite, representada principalmente por funcionários públicos, políticos e filósofos, escrever sobre si mesmo, segundo a cultura do *epiméleia heautoû*, seria, em primeira análise, a construção de uma imagem pública. A dimensão dos registros do eu, ao procurar demonstrar os valores de um sujeito e suas cadeias de relações pessoais, objetivava, portanto, uma finalidade política.

¹ *Retire into the self and stay there.* (Tradução minha).

² *The self is something to write about, a theme or object (subject) of writing activity* (tradução minha).

Foucault (1988, p. 27) pontua que no período imperial romano, mesmo que a oratória³ fosse a principal técnica de comunicação, o desenvolvimento das estruturas administrativa e burocrática da máquina imperial aumentou a importância da escrita. A oralidade ou a marca dela sempre pareceu mais importante do que o texto escrito, o que fez com que Platão, durante o século IV a.C., escrevesse seus tratados filosóficos na forma de diálogos, pois acreditava que apenas através deles seria possível atingir o verdadeiro conhecimento, por um percurso que partia do mundo sensível em direção ao mundo das idéias. A literatura platônica foi caracterizada, portanto, por uma natureza pseudo-dialógica ao trazer para a forma escrita os reflexos de uma retórica dialética. Durante o período helênico, no entanto, a dialética assume função maior na escrita, enquanto espaço de valorização do conteúdo e da essência do conhecimento em detrimento da forma e da aparência que vigoravam na retórica e oratória. O caráter dialógico da escrita persistiu nas correspondências, pois como já afirmara o filósofo romano Cícero (106 – 43 a.C.), a carta servia como conversação por meio da escrita, podendo se distinguir entre *litterae publicae* e *privatae* (TIN, 2005, p. 21), assinalando uma clara diferença de conteúdos e estilos dependendo da superfície de circulação do documento epistolar.

Foi durante a época Imperial Romana que uma outra forma de experiência do eu começou a ser experimentada a partir do momento que a introspecção e a observação afinaram-se no espírito do homem, chegando ao ponto de associar intimamente a escrita ao sentido de vigilância. Praticamente toda a atenção era voltada para as nuances da vida, do humor, da leitura, possibilitando uma intensificação da experiência de si e o engrandecimento do eu por meio das virtudes da escrita. Abria-se por essa época um novo e vasto campo de experiência do sujeito na construção de sua subjetividade tendo por carro-chefe o gênero epistolar. Apesar de a Antiguidade não ter concebido nenhum tratado de epistolografia autônomo, como alerta o pesquisador Emerson Tin (2005, p. 18), a inclusão de capítulos específicos nos tratados de retórica a respeito das cartas sinalizaria a importância que o gênero passou a ter. E embora não gozassem de tal autonomia, os diferentes tratados que incluíam o assunto em suas discussões concordavam que a carta era, por natureza, uma escrita dialógica, um diálogo entre amigos, registra Tin (2005, p.18) arrematando.

³ Com a ascensão da cultura helênica, a oratória tornou-se a modalidade latina para a retórica grega, diferenciando-se desta no que diz respeito aos núcleos de ação: enquanto a retórica se debruçava em técnicas de persuasão, a oratória se compunha de técnicas de eloquência. Outra distinção importante a ser feita é que a retórica grega floresceu em ambientes democráticos enquanto a oratória latina nasceu em ambientes totalitários.

Demétrio⁴, autor de *De Elocutione*, por exemplo, concebe que a carta deveria ser mais elaborada que um diálogo, tomando por pressuposto de que este é a imitação de alguém que improvisa ao contrário da escrita, que é um percurso mais bem acabado e elaborado, mas que ainda assim deveria se aproximar de uma conversa entre amigos. Segundo Demétrio, a carta permite a fixação dos estados de ânimo de quem a escreve e é a forma literária que torna mais visível o caráter do escritor (TIN, 2005, p. 19). *De Elocutione* distingue um estilo livre e simples para cartas íntimas e familiares e um tom ligeiramente elevado de composição quando endereçadas a personalidades do Estado, representando, nas palavras de George A. Kennedy, o crescente papel da epístola, pública e privada, no período helenístico (TIN, 2005, p. 20). Ao que eu acrescentaria, ainda, a preocupação com os locais de circulação social dos escritos que engendra diferentes modos de representação.

Já Cícero, citado anteriormente, apesar de não ter escrito especificamente nenhum tratado sobre epistolografia em alguns de seus textos, sobretudo nas próprias cartas, se pode depreender seus conceitos a respeito da arte epistolográfica. Não seria de outro modo visto que até nós chegaram quase um milhão de cartas de Cícero, tratando de diversos assuntos e constituindo, por isso, um importante conjunto documental. Resgatado no Renascimento, Cícero é eleito como o modelo absoluto de escrita de cartas (TIN, 2005, p. 21). Conhecedor da teoria epistolar grega, Cícero também concebe a carta como uma conversação por meio da escrita e lugar no qual o destinatário manifesta seu caráter. O filósofo romano acreditava que as cartas deveriam adaptar-se às circunstâncias e ao temperamento do destinatário, devendo ser escritas no estilo mais apropriado, ainda mais tendo em vista que a narração epistolar não estava orientada apenas para informar, mas também para persuadir (TIN, 2005, p. 22). Foucault lembra que a relação entre corpo e alma é demasiadamente importante para Cícero, constituindo, assim, um importante componente que reflete o *epiméleia heautoû* nos assuntos epistolares (1988 p. 26-27).

Sêneca, assim como Cícero, não teorizou sobre as cartas (4 a.C. - 65 d.C.), mas apresentou em *Epistulae morales ad Lucilium*, alguns dos preceitos que orientavam sua escrita epistolográfica. O estóico acreditava que a carta encenava um encontro entre pessoas, visto que a correspondência era a marca autêntica e a escrita pessoal de um amigo, que permitia tornar presente o remetente ausente (TIN, 2005, p. 24). Sêneca defendia um estilo coloquial, como numa conversa entre amigos, condenando como falsos e artificiais outros estilos que não esse. Importante frisar que se Cícero defende o uso do artifício, com fins

⁴ Pouco se sabe sobre esse autor e acredita-se que o tratado mencionado tenha sido escrito entre os séculos I a.C e I d.C. c.f. (TIN, 2005, p. 19).

persuasivos e ilusórios, pelo qual o remetente constrói uma outra imagem de si, Sêneca opta pelo despojamento do estilo, entendido como expressão decorosa do que se pretendesse transmitir (TIN, 2005, p. 25).

Ainda na Antigüidade, no século IV, Caio Júlio Victor é o primeiro a sistematizar a escrita de cartas na língua latina, afirmando que muitas das diretrizes pertencentes ao discurso oral também se aplicariam às cartas. Estas poderiam ser agrupadas em dois tipos, as cartas de negócios e as cartas familiares, ou seja, cartas de superfícies pública ou privada (TIN, 2005, p. 29). Em certa medida tais discussões a respeito do gênero epistolar revelam uma tênue preocupação com as esferas do público e do privado, identificando-os ora com as ocupações de uma vida política ora com as expressões de uma convivência familiar e íntima. Sobretudo nessa última é que se apóia o sentido do *epiméleia heautoû*. Nas cartas de Sêneca e Marco Aurélio (121 – 180 d.C.) um olhar crítico pode identificar uma meticulosa atenção para com os detalhes da vida cotidiana, os movimentos do espírito e à análise de si mesmo. Na carta de Marco Aurélio para Frontão (44 – 45 d.C.), por exemplo, estão presentes todos os elementos característicos da concepção epistolar do período Imperial, oferecendo ao destinatário uma completa descrição da vida cotidiana do remetente. Nela são descritos com detalhes os cuidados de si, sejam os de menor ou maior importância, ao mestre distante. O detalhamento com que é redigida revela a preocupação de Marco Aurélio com os conteúdos discorridos porque, para ele, os pormenores representam o pensamento e a vivência que compõe seu sujeito. Tal exposição do íntimo não parece se furtar a certo elogio público, mesmo numa carta pessoal, visto que é a construção discursiva de um sujeito, a apresentação seletiva das coisas do eu. Foucault recorda que as cartas de Plínio e Sêneca relatam retiros em casas de campo, onde os filósofos se ocupavam de atividades intelectuais e rurais, e teoriza que tais informações eram fundamentais visto que naquela época, por força do pensamento estóico, o contato com a natureza poderia contribuir para o indivíduo reencontra-se consigo mesmo.

Outra modalidade de escrita bastante difundida no período helenístico, juntamente com as cartas, são os chamados *hypomnémata*. Foucault explica que estes eram escritos que em nada se aproximam dos diários íntimos que conhecemos, nem poderiam porque estavam isentos de um caráter confessional, mas que, entretanto, representavam o modo de uma política de si. Os *hypomnémata* são definidos como um misto de livro de apontamentos, registros públicos, caderno de anotações pessoais e funcionavam como a memória individual do sujeito político, adquirindo mais tarde, na nuance moderna, o sentido de registro individual da busca pelo governo perfeito de si mesmo. Sendo assim, estes escritos constituíam o repositório verbal de todas as coisas lidas, ouvidas ou pensadas, um tesouro acumulado para

releitura e meditação posterior, bem como formavam a matéria-prima sobre a qual tratados mais sistemáticos poderiam ser escritos como, por exemplo, aqueles que se ocupavam da luta interior com defeitos de caráter ou moral. Deste modo, os *hypomnēmata* e as correspondências eram os indicadores textuais do debruçar-se sobre si próprio pregado pelo *epiméleia heautoû*, ilustrado pelas memórias de registro e pela comunicação simples do cotidiano, mesmo que, por vezes, estivessem ausentes de uma marca sensivelmente reflexiva. Mas para Foucault (2006, p. 433) é por esse caminho que um *olhar sobre si* começava a se delinear, não com o objetivo de efetuar uma descrição de si, mas com o intuito de reunir tudo aquilo considerado essencial para a constituição de si.

No entanto, como se deve compreender esse si que se deve cuidar com esmero? Foucault explica que por ser um pronome de natureza reflexiva, seu sentido transporta uma dúvida significação ao expressar igualdade entre o sujeito e o objeto da ação, assim como ocorre no prefixo auto, que também remete a uma noção de identidade. A dubiedade reside no fato de que o si se refere ao agente da ação, ao corpo que age, e, para Foucault, cuidar do corpo não significa cuidar de si. O si não pode ser reduzido a uma vestimenta, a uma ferramenta ou a uma posse, devendo ser entendido como um elemento que permite a utilização desses materiais e como um princípio que não pertence ao corpo, mas, sim, à alma. Para o filósofo francês a expressão “ocupar-se consigo mesmo” designa, na realidade, “não certa relação instrumental da alma com todo o resto ou com o corpo, mas, principalmente, a posição, de certo modo singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos de que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo, enfim a ele mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 71). A principal atividade do *epiméleia heautoû*, portanto, deveria ser vista como inquietação voluntária da alma enquanto substância e não como uma atividade de cuidado com o corpo. Dedicar-se a si mesmo seria um ocupar-se com o “sujeito de” – o sujeito de ação instrumental, o sujeito das relações com o outro, o sujeito do comportamento e das atitudes, o sujeito das relações consigo mesmo. A partir da noção de *epiméleia heautoû* pode-se definir um *corpus* de pesquisa que engloba maneiras e atitudes de ser e formas de reflexão, para práticas discursivas que fazem parte da história das representações, e são importantes, sobretudo, não apenas para a história do conhecimento, mas, sim, para a história da subjetividade na qual a escrita exerceu papel fundamental.

Posso constatar, seguindo o pensamento de Foucault, que as narrativas de si não são um traço moderno, nascido na Reforma Iluminista ou no Romantismo, mesmo que a idade de ouro da concepção do *epiméleia heautoû* resida nos dois primeiros séculos de nossa era. As narrativas de si são, antes disso, produtos de uma das tradições ocidentais mais antigas da

humanidade e que estabeleceu caminho direto para a exploração de formas mais profundas de contato e de comunicação íntima, como pode ser visto no exercício escrito das confissões. Para os seguidores do Cristianismo, escrever desempenhava papel significativo no relacionamento entre o eu e a memória, e estes tomavam por base o modelo da autoconfissão, compreendida como o veículo de acesso às recordações mais profundas e meio de atingir o sagrado por meio da remissão dos pecados. Até mesmo os religiosos redigiam confissões a fim de incentivar e induzir os crentes a igualmente fazê-lo. Foucault afirma, via Humphries, que a religião cristã é essencialmente confessional e nela “cada um tem o dever de saber (...) o que está acontecendo dentro dele, conhecer suas faltas, reconhecer as tentações, localizar os desejos, e cada um é obrigado a desvelar estas coisas diante de Deus ou para outros da comunidade e angariar o testemunho público ou confidencial do encontro consigo”⁵ (HUMPHRIES, 1997, p. 131). Assim, aliada à natureza confessional do Cristianismo, a tradição cultural do pensamento socrático demarcou a rota pela qual Santo Agostinho (354 – 453 d.C.) pôde escrever as *Confissões*, redigidas entre 397 e 401, nas quais trava um diálogo direto e contínuo com Deus. Assumindo o tom autobiográfico, Agostinho de Hipona relata sua vida desde antes de se tornar cristão até a experiência espiritual de sua conversão religiosa. Para Foucault (1988, p. 27), o relato agostiniano enceta pelo caminho da autobiografia espiritual que se tornará famosa pela introspecção psicológica empregada no discurso e pela profundidade e agudeza de suas especulações. O livro é inspirado pelo princípio cristão da confissão da culpa e pela admissão de que o si mesmo é vigiado por Deus e pela Igreja. Para Santo Agostinho, no entanto, confessar era muito mais que uma declaração de pecados, era uma adoração a Deus (AGOSTINHO, 1980, p. 31). Configurando-se como um discurso de louvor que compara a pequenez do homem à grandeza de Deus, o discurso privilegiado por *Confissões* é mais de oração do que discurso humano. Por isso Foucault justifica o caráter público de tais denúncias sobre si mesmo, lembrando que não somente há um tom dialógico no discurso, mas também a intenção de que sejam lidas em voz alta. A respeito do relato de Santo Agostinho, Leonor Arfuch (2002, p. 37) afirma que o modelo discursivo de sua narrativa confessional estava assentado na busca pelo eu, mesmo que a singularidade da vida terrena fosse menos importante do que a virtude piedosa da comunidade. Tal ênfase do coletivo no trajeto narrativo da conversão religiosa seria motivada pelo próprio momento histórico e por sua idéia de “subjetividade”, o que não furta muitos

⁵ *Christianity is a confessional religion, each person has the duty to know (...) what is happening inside him, to acknowledge faults, to recognize temptations, to locate desires, and everyone is obliged to disclose these things either to God or to others in the community and hence to bear public or private witness against oneself, (tradução minha).*

teóricos de nosso tempo considerar as *Confissões* o paradigma de toda história autobiográfica. Arfuch (2002, p. 38) sustenta a noção de narrativa como um processo temporal transformador porque “contar a história de uma vida é *dar vida a essa história*”⁶ (grifo no original). Para a crítica argentina é sobre tal marca que se afirmará, mais tarde, o diário íntimo enquanto ato privado de confissão, auto-exame e modulação mística de salvação, e consolidará a espiritualidade aludida como *vida interior* (ARFUCH, 2002, p. 38).

Tendo em vista que o livro de Santo Agostinho possui como conteúdo principal a relação com o divino e o acesso aos seus domínios por meio da contemplação de si próprio através da fé e da razão, acredito ser mais adequado assinalar como marco da escrita de si *As Confissões* (1782) de Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) por essas privilegiarem uma construção subjetiva especificamente individual. A opção se dá por ter sido Rousseau quem inaugurou a *escrita sobre o eu* na qual o desenvolvimento da existência era tido como objeto de conhecimento e o eu era concebido como dotado de realização própria e natural. Para Leonor Arfuch (2002, p. 42), Rousseau transpôs definitivamente o umbral entre o público e o privado a partir de uma explícita auto-exploração na qual o relato da própria vida e a revelação de segredos pessoais operam como reação contra o avanço inquietante do público/social, em termos de uma opressiva normatividade de condutas. Ao estarem marcadas pelo caráter pioneiro de uma voz auto-referencial, por uma promessa de fidelidade absoluta e por uma percepção filtrada por um outro como destinatário, *As Confissões* se destacam dos modelos biográficos anteriores a elas e trabalham com veemência a topografia inicial do espaço autobiográfico moderno (ARFUCH, 2002, p. 42-43). Rousseau mesmo dando grande ênfase à sinceridade e à exatidão da narrativa de sua vida, produziu entre seus contemporâneos uma reação diferente da esperada. Pretendia o pensador francês, segundo Arfuch, despertar uma cumplicidade admirativa entre seus leitores por conta da carga de sinceridade expressa por sua retórica do íntimo, mas, ao contrário do esperado, o público as recebeu muito mais como uma obra de ficção do que um relato autobiográfico verdadeiro.

As Confissões, em contraponto com o *epiméleia heautoû*, revelam que Rousseau antes de empreender uma narrativa que se aprofunde no “conhecimento de si” desejou que o mais importante do relato fosse o “reconhecimento de si pelos outros” (STAROBINSKI *apud* DAMIÃO, 2005, p. 179). Tal busca pelo reconhecimento se deve à perseguição política que achou injusta quando da publicação anterior de dois outros livros, *O Contrato Social* (1761) e *Emílio ou Da Educação* (1762) e que o empurraram para o exílio. Convicto de sua inocência

⁶ No original: “*contar la historia de una vida es dar vida a esa historia*”.

empreendeu um relato autobiográfico que revelasse o valor da verdade e da sinceridade sob novos prismas, apresentando um sujeito de identidade heterogênea que é sincero por ‘falar com o coração’ (DAMIÃO, 2005, p. 179 -182). Como o próprio Rousseau dá a entender no *Livro II* de *Confissões* foi pelo remorso sentido por um erro cometido na infância – a falsa acusação de roubo que preteriu a Marion - que o levou à busca pela reparação de possíveis culpas anteriores e, conseqüentemente, o levou a aprofundar-se na sinceridade como forma de extirpar as fagulhas da mentira e reparar sua imagem pública (GARMA, 2005, p. 199 – 200). A mentira, para ele, apenas surgiria por conta das opressoras e artificiais convenções sociais, remetendo, assim, à sua teoria do bom selvagem, na qual o homem nasce bom e a lenta corrupção do sujeito se processa no seu convívio em sociedade. O relato autobiográfico adquire, por estes termos, o sentido de uma viagem de um eu que *conhece a si mesmo* porque *sente a si mesmo* e espera que os outros o reconheçam e o sintam em seu eu *verdadeiro* e *sincero* (DAMIÃO, 2005, p. 180). Arfuch (2005, p.44) conclui que em Rousseau

a necessidade da autobiografia adquire assim relevância filosófica: não somente explora os limites da afetividade abrindo caminho para um novo gênero, entre as tendências literárias de sua época; não apenas expressa o sentimento de perseguição e de defesa diante da introdução do íntimo pelo social – na interpretação de Arendt –, senão que introduz a convicção íntima e a intuição do eu como critério de validade da razão.⁷

O livro de Rousseau tem fomentado ao longo dos anos amplas discussões teóricas a respeito de conceitos como verdade e sinceridade, entendidas hoje, como um caminho impossível de ser alcançado na totalidade, a não ser por graus de representação de *uma verdade*. Muitos dos contemporâneos de Rousseau podem ter recebido sua obra como um objeto ficcional, porque naquela época era bastante comum os romances se servirem de procedimentos retóricos de “autenticação” do biográfico como, por exemplo, através do artifício sedutor do manuscrito encontrado e da pseudo-autobiografia, empreendido por Daniel Defoe em *Robinson Crusóé* (1719), ou por meio do fluxo de “cartas verdadeiras”, encenado por romances epistolares tais como *As Relações Perigosas*, de Choderlos de Laclos (1782), *A Campesina Pervertida* (1784), de Rétif De La Bretonne e pelo próprio Rousseau, em *A Nova Heloísa* (1756) (ARFUCH, 2005, p. 40). Não seria para menos que certa confusão entre real e ficcional se processasse na recepção de *As Confissões*, visto que os escritores

⁷ No original: “La necesidad de la autobiografía adquiere así relevancia filosófica: no solamente explora los límites de la afectividad abriendo paso a un nuevo género, entre las tendencias literarias de su época; no sólo expresa el sentimiento de acoso y de defensa frente a la intrusión de lo íntimo por lo social – en la interpretación de Arendt –, sino que introduce la convicción íntima y la intuición del yo como criterios de validez de la razón”.

estavam explorando sistematicamente os gêneros confessionais na busca por novas modalidades de ficção. No entanto, quando a tradição romântica inundou o universo literário com discursos biográficos ficcionais e entidades líricas íntimas, não esperava que no futuro fossem responsáveis, ao menos em parte, por uma série de perturbações enfrentadas pela modernidade. O olhar do crítico contemporâneo tende a ser um olhar de desconfiança para com os discursos tidos como biográficos, quase como um tipo de ranço pós-estruturalista, que coloca à prova a validade da memória, da representação, da verdade ou da identidade.

Por essa época começava a se delinear as noções de público e de privado a partir das transformações sociais promovidas pela ascensão da classe burguesa, principalmente no que se refere à família e às atividades econômicas ligadas a ela. Em primeira análise, as demarcações dos espaços públicos e privados principiaram pela própria arquitetura das residências burguesas. Como explica Jünger Habermas (1983, p. 60 – 62), se a existência de quartos individuais fez o indivíduo limitar o acesso dos outros a um lugar tido como restrito e particular, por outro lado, as salas de visita ou salões assinalavam o lugar de acesso público e ao público. A demarcação de territórios público e privado era motivada também, pela identificação do ambiente externo como um lugar de algum modo ameaçador, construído por perigos políticos e econômicos, e para os quais o sujeito burguês criava mecanismos de defesa, representado pelos lugares privados da casa, espaços de refúgio do indivíduo. Conforme afirma Witold Rybczynski (1991, p. 50), ao reconstruir a história social da casa, a idéia de intimidade não existia, por exemplo, na Idade Média, sendo que a necessidade, a sensação e a valorização de um espaço restrito e íntimo foram surgindo gradualmente a partir do surgimento de um foro específico do sujeito e da família, que teve seu auge no mundo burguês. Por isso as casas foram-se tornando lugares cada vez mais *privados* e, ainda segundo Rybczynski, “junto com essa privatização do lar surgiu um sentido cada vez maior de intimidade, de identificar a casa exclusivamente com a vida familiar” (1991, p. 50). Em muitos dos lares começaram a se definir funções específicas para os diversos cômodos, aparecendo inclusive os *cabinets* designados como quartos mais reservados, ao modo de um escritório particular, para atividades privadas, como a própria escrita.

Desse modo, o sentido de privado passava sensivelmente a ser confundido com a idéia de íntimo e secreto no dimensionamento do espaço interior do indivíduo como um espaço também privado. Tal internalização do conceito alimentou um especial sentimento narcisista dentro da classe burguesa e implicou uma alta consideração do ser individual e da individualidade humana como tal, principalmente no que diz respeito à escrita e à leitura. Por isso ao mesmo tempo em que o interior passou a ser objeto de uma subjetividade específica, o

indivíduo passou a exercer dois movimentos contrários em resposta às instâncias criadas pelas convenções privadas: ao mesmo tempo em que ergue um biombo que o separa do mundo, o sujeito burguês elege a intimidade do outro como um objeto que precisa ser consumido. Tal relação paradoxal não se furtou, também, de elaborar uma forma de narcisismo a partir do momento que a burguesia passou a exigir produtos literários que tematizassem sobre seu próprio universo. Processa-se nesse viés um retorno da correspondência que transforma o século XVIII no século das cartas porque, para Habermas (1983, p. 65-66), o indivíduo, através do discurso epistolar, desenvolvia sua subjetividade e explorava o espaço do papel não como um repositório de notícias ou descrições cotidianas, mas como um recipiente para os “derramamentos do coração”. Segundo o crítico, as cartas nessa época sentimental burguesa eram consideradas “escritas da alma” ou uma “visita da alma”, configurando-se como textos que desejam ser escritos com sangue e escritos diretamente com o choro. Habermas ainda denuncia que a tal introspecção epistolar se uniria às oscilações da alma do outro numa relação de desejo em parte por curiosidade em parte por simpatia. A intimidade, então, sofria da antítese de manter-se privada ao mesmo tempo em que desejava que outra que não a sua se tornasse pública, fundando a prática demasiadamente contemporânea da indiscrição, da fofoca, do mexerico. Era bastante comum que cartas fossem copiadas, passadas de mão em mão, e até mesmo impressas.

Tal contexto justificaria o demasiado interesse do período pelos romances epistolares, romances biográficos, memórias, confissões porque estes traziam em seu bojo o caráter íntimo de uma subjetividade pactualmente tomada pelo leitor como real, podendo saciar em parte o interesse pelo secreto do outro mesmo que esse fosse uma entidade fictícia. Para Leonor Arfuch (2005, p. 41 – 42), estava definido um círculo paradoxal pelo qual o que era privado, precisava-se para existir, se constituir do público/publicado, incluindo o outro no texto não como um mero espectador, mas como um co-participante da subjetividade e do segredo. A leitura de gêneros autobiográficos propunha que o leitor olhasse pelo buraco da fechadura e ainda se mantivesse impune na leitura solitária do seu quarto. Leonor Arfuch (2005, p. 42) conclui que a literatura, ao se apresentar como uma violação do privado garantia que o próprio caráter do privado sobrevivesse na medida em que este era deslocado para uma superfície pública. Residem por esse caminho as relações que farão do diário íntimo um lugar privilegiado do íntimo e por excelência o lugar do segredo, permitindo, ainda, que a literatura explorasse os mitos do diário roubado, perdido, violado.

Para realizar um contraste e uma mudança de matiz, relembro Mikhail Bakhtin, quando este argumenta que a consciência (auto) biográfica surgiu nas praças públicas da

Grécia Antiga, quando o indivíduo realizava ao modo de uma encenação teatral, a exposição e o julgamento de sua vida enquanto cidadão. Naquela época, segundo ele, o homem biográfico primordial não gozava das noções de íntimo e privado, sigiloso ou pessoal, porque sua superfície era inteiramente pública. Nada havia para si só e não havia nada que não estivesse sujeito ao controle e à avaliação público-estatal, mesmo que se tratasse do próprio indivíduo (BAKHTIN, 1990, p. 252). Mas mesmo oralmente biográfico, o cidadão grego tudo revelava? A exposição pública de sua identidade pública de cidadão não poderia ser considerada um primeiro interesse humano pela biografia do outro? Sem arriscar qualquer resposta retorno ao mundo burguês e seus biombos, mundo no qual o *cuidado de si* parece que gradualmente foi substituído pelo *cuidado da (vida) do outro*. Concordo e concluo com Arfuch, portanto, que a educação sentimental processada pelo século XVIII lançou as sementes que floresceram o profundo olhar *voyeur* da modernidade, tempos nos quais não é preciso olhar pelo buraco da fechadura, e, sim pela janela global que ampliou de tal modo o lugar de observação que não é preciso se esconder para degustar o íntimo, pois ele acontece em primeira mão e em “tempo real” no *strip-tease* moderno de qualquer segredo (ARFUCH, 2005, p. 42).

1.2 - A tradição dos diários íntimos

Tendo em vista que os *blogs* pessoais podem ser considerados os diários virtuais do mundo contemporâneo, apresento, antes de tudo, um breve histórico sobre como a tradição desse gênero confessional se comportou ao longo do tempo, marcando as funções sociais que determinavam sua produção. Como exposto na seção anterior, os diários íntimos passaram a ser de domínio quase exclusivo da subjetividade mais recolhida do sujeito que, no paradoxo do ocultar-revelar, passou a delinear-lo como um cultuado objeto de fetiche *voyeur*. Afinal, como bem pontuou Leonor Arfuch (2005, p. 42), o caráter do íntimo e secreto apenas ganharia validade ou valor desta natureza ao sofrer o constante perigo da revelação e/ou da efetiva publicação. Os diários estariam sujeitos, portanto, a um intenso assédio de um possível *leitor intruso*, visto que eram destinados a um único leitor captado na figura da própria pessoa que o escreve. Por isso mesmo os diários eram tidos como o repositório modelar do segredo, uma vez que abrigava o universo íntimo de uma subjetividade em particular. No entanto, o diário não é e nem se torna o lugar onde tudo pode ser dito. Levando em consideração o risco da leitura indesejada, Béatrice Didier (*apud* CAMARGO, 2003, p. 115) argumenta que tal escrita de si sofre de interditos e de tabus, na medida em que o extravio se faz possível e a destinação póstuma uma realidade incerta.

A privação da manifestação livre da realidade do eu parece ser sintomática das novas relações subjetivas que a burguesia contribuía para erigir. Antes do século XVIII o espaço do diário era um lugar dado, em grande parte, ao exame da consciência, demonstrando que as linhas da página serviam aos mesmos propósitos da tradição cristã da confissão. E desde a Antiguidade, os primeiros escritos de si também operavam, dentre outros, como dispositivos de fixação da memória – individual e/ou coletiva. Cinthia Gannett (1992, p. 111) defende que o caráter essencialmente pessoal e privado dos diários, popularizado nos últimos dois séculos, apenas ocorreu a partir do Renascimento Europeu, período histórico-cultural que incitou a produção de novas formas de pensar e de escrever o eu e a respeito do eu. No entanto, é difícil precisar quando de fato se deu tal virada no modelo autobiográfico dos diários, pois mesmo os críticos chegam a ser contraditórios na definição de períodos ou estabelecimento de marcos. Há produções diarísticas tanto na cultura ocidental quanto na oriental, o que de fato dificulta a asserção de datas e o levantar de bandeiras teóricas. Um dos mais famosos diários de que se tem registro é o *Makura No Sōshi (The Pillow Book)*, de Sei Shōnagon (966/67 – 1013), escrito no século I no Japão. Classificado segundo um estilo de escrita rápida, a *zuihitsu*, o livro de Shōnagon é composto por uma coleção de cadernos que contém fofocas, reminiscências, observações pessoais, descrições do dia-a-dia, poesia e qualquer outro assunto que pensasse ser interessante a respeito da vida na corte Heian. Não é difícil observar que esses cadernos são muito semelhantes aos que eram escritos durante o período Imperial Romano, quando vigorava o *epiméleia heautoû*, e através deles posso ilustrar o problema das demarcações temporais, haja vista que escrever sobre si mesmo é uma atividade essencialmente humana tão antiga quanto a própria escrita.

Longe de entrar em tais discussões, tenho demasiado interesse sobre as alterações sócio-culturais que fundaram o modelo de diário como hoje é conhecido: pessoal, privado, secreto. É bem verdade que tais conceitos foram validados e aprofundados a partir do século XVIII nas relações burguesas já mencionadas, mas devo frisar que a preocupação em tornar o diário inacessível, ao menos em um dos mais famosos registros reportados, pode ser ilustrada pelo diário do escritor britânico Samuel Pepys (1633 – 1703). Os sessenta e quatro volumes de seus diários foram escritos taquigraficamente entre 1660 e 1669, o que remete ao segredo por contemplarem praticamente todos os registros do cotidiano de forma bastante íntima, passando por gostos, usos, costumes, viagens, inclinações amorosas, intimidade conjugal e relatos de infidelidade (ARFUCH, 2005, p. 39). Muito embora tenham sido escritos apenas para si, depois de descobertos e decifrados, os cadernos de Pepys foram publicados em 1825. Após a morte de Pepys, os diários e o restante de seus livros foram transferidos para

Cambridge, onde ele havia estudado, no *Magdalen College*. Os Diários ficaram sem serem lidos até 1819. Com o sucesso comercial dos diários de John Evelyn (1641-1706), teve início a tentativa de tradução dos diários de Pepys. Após três anos de trabalho de tradução, uma versão resumida foi publicada em 1825. Uma nova edição, desta vez com a chave para decifração deixada pelo próprio Pepys, foi produzida em 1875-79. E uma versão definitiva foi publicada por Latham and Matthews entre 1970-83. Os Diários de Samuel Pepys representam um documento histórico inestimável. Para os historiadores, eles oferecem uma visão sem igual da vida, das tendências e dos pensamentos existentes na Londres do século XVII, cuja narrativa testemunhal detalhada e fascinante do Grande Incêndio de Londres e da Peste Bubônica estão entrelaçados aos registros de caráter pessoal e confissões, contando em detalhes a vida londrina da época, incluindo as intrigas da Corte. Pepys era confidente do Rei Carlos II. Deve ter sido um taquígrafo fluente, pois, como ele mesmo conta em seus diários, taquígrafou a narrativa feita pelo próprio Rei Carlos II da sua fuga de Worcester. O interessante é que quando tentaram transcrever os Diários em 1819, não se deram conta de que estavam escritos em taquígrafia, e pensavam tratar-se de algum código secreto. E mais interessante ainda é que o próprio Samuel Pepys havia deixado entre seus papéis a chave para a decifração da sua taquígrafia. Na realidade, tratava-se do sistema de taquígrafia muito conhecido na época, o sistema de Thomas Shelton (sistema usado por Isaac Newton em suas anotações), ao qual Pepys introduziu variações pessoais.

Leonor Arfuch (2005, p. 39) filosofa que o sentido de privacidade (*privacy*) dos diários é praticamente uma invenção inglesa, pois “o diário privado, como relato dos acontecimentos da vida cotidiana, estava muito generalizado desde os fins do século XVI na Inglaterra, e diferente do francês, muito menos freqüente (de certo modo, seu lugar foi ocupado pelos *livros de razão*), tem menos pudor enquanto expressão dos afetos.”⁸ Tal afirmação leva a crer que o volume de registro dos afetos é que passou a determinar o sentido de privacidade, assim como os quartos individuais determinavam um lugar privado para os movimentos afetivos do eu. Afinando um pouco mais a discussão sobre as duas modalidades de espaço – escrita e arquitetônica – vale lembrar que se os diários constituíam um campo para homens e mulheres escreverem sobre si mesmos, os quartos individuais também passaram a ser uma exigência nas famílias burguesas e um desejo de algumas mulheres. Na primeira metade do século XX, em 1929, Virgínia Woolf publica o famoso ensaio *A Room Of*

⁸ No original: “El diario privado, como relato de los sucesos de la vida cotidiana, estaba muy generalizado desde fines del siglo XVI en Inglaterra, y, a diferencia del francés, mucho menos frecuente (en cierto modo, su lugar fue ocupado por los libros de razon), es menos pudoroso en cuanto a la expresión de los afectos”.

*One's Own*⁹, no qual advoga que as mulheres precisariam ter, além de dinheiro, um quarto próprio se quisessem escrever. Nesse sentido as formas de literatura se confundem com o espaço privado da casa, na leitura ou na produção textual, identificando, com isso, o sentido de refúgio e isolamento necessários para o/a escritor/a se debruçar sobre a ficção literária ou sobre a escrita autobiográfica. Os diários de Woolf podem ser considerados um ótimo exemplo para ilustrar a escrita de si enquanto o refúgio de um eu que, para ser íntimo e sincero, quando da revelação dos afetos, exige a privacidade, mesmo para textos que repousem apenas sob os olhos de quem os redige.

Como se pode depreender com tais exemplos, a escrita dos diários oscila entre o mundo dos homens e das mulheres, entre as culturas do ocidente e do oriente, entre as superfícies do privado e do público, nunca se esgotando em tais dicotomias, mas se enriquecendo e se alterando ao longo dos tempos. Segundo Robert Fothergill (*apud* GANNETT, 1992, p. 105), os diários íntimos com o caráter que têm hoje resultaram da evolução de quatro classes distintas de pré ou protodiários nos quais estão os jornais públicos, os diários de viagem, os jornais de memorando pessoal e os diários de consciência ou diários espirituais.

Os jornais públicos são, em essência, tão antigos quanto à própria escrita. Incluem recordações e relatos, diários militares e recordações de campanhas militares ou expedições científicas. Já os jornais de viagem são uma das mais antigas formas de diários, configurando-se como importantes registros de viagens feitas por religiosos ou oficiais, como ocorreu no Japão do século X em diante, abarcando prosas descritivas e narrativas, além de poesia, sendo levado muito em conta por seu valor histórico e literário. Durante o século XVII os jornais de viagem também funcionaram como parte dos ritos de passagem na educação de rapazes, o chamado *Grand tour*. Os jornais de memorando pessoal, considerados ancestrais dos jornais de leitura, continham as quotas, as observações, as notas e o esboço cultural de escritores, artistas e estudantes. Mas ao que parece os jornais de memorando também serviam como programa de auto-educação e eram comuns, senão essenciais, no auxílio ao estudo, visto que os livros eram muito caros e raros. Serviam de algum modo como manuais de estudo, livros comunitários, pois continham notas de aula que eram ampliadas quando se passavam de mão em mão. Em outro sentido, os diários de consciência ou espirituais estavam ligados às formas antigas de autobiografia espiritual, tomando forma específica quando são tomados pelos “não-conformistas” ou dissidentes, um grupo religioso do século XVII. Fothergill e Brian Dobbs

⁹ Embora tenha sido traduzido no Brasil com o título de *Um teto todo seu*, a melhor aceção para o título, levando em consideração o conteúdo do livro e a época da qual trata, é a de *Um quarto todo seu*.

(*apud* GANNETT, p.110) afirmam que os Puritanos, os Quakers e os Metodistas, bem como outros religiosos, desafiaram a autoridade externa em matéria de crença pessoal e se voltaram para a punição e a rigorosa auto-examinação espiritual, para as quais encontraram no diário uma ferramenta muito útil. Gannett ainda lembra que nos Estados Unidos o diário espiritual foi ordenado primeiramente por dissidentes protestantes, tornando-se uma das mais antigas tradições literárias, atuando como modelo central do gênero, ao lado dos diários de viagem, até o século XIX, e pavimentando, assim, o caminho para os diários seculares. Estes, embora discorram sobre as impressões intimistas do diarista, dão preferência para uma interpretação da realidade externa.

No entanto, Gannett adverte que as diversas funções dessas classes de protodiários só podem ser compreendidas se considerada a origem e a história dos termos primários que nomeiam o gênero – jornais (*journals*) e diários (*diaries*), que, curiosamente, derivam de uma mesma raiz latina, significando dia ou diário e se referindo a um trabalho diário, a uma viagem diária, ou entrada diária de informação (GANNETT, p. 105 – 106). Muito embora possuam uma origem comum, diferenças sutis nas respectivas conotações e na gama de aplicações podem ser identificadas através do sentido cultural que as impregnou cada momento histórico. Resumidamente os jornais foram incorporados pelo inglês a partir do antigo francês *journal*, para uma acepção religiosa que se referia ao *livro das horas*, mais tarde sendo usada para se referir às viagens, aos seus itinerários e aos apontamentos sobre elas. A área comercial incorporou o termo para se referir aos livros de contabilidade e aos livros-razão. No setor público, passou a registrar os eventos diários e as transações das instituições públicas, nomeando ainda periódicos públicos e acadêmicos e jornais diários (GANNETT, p. 106). Por sua vez, o termo diário é derivado da raiz latina de *diari-um* intimamente relacionada ao termo *diurnal* que formou o *journal* francês e foi tomado como um sinônimo exato para *journal*, representando registros diários ou regulares de eventos tanto públicos quanto privados. Muito embora não tenha coberto uma gama maior de tipos de prática de escrita comercial e pública como o *journal*, o termo diário nunca esteve associado às conotações de trivialidade, sentimentalismo excessivo ou feminilidade como é bastante usual hoje em dia (GANNETT, p. 106 -107).

Tão difícil quanto apontar o exato surgimento dos diários, é marcar o exato momento que tal gênero de escrita foi relegado a um campo tão somente feminino, muito embora vários homens tenham escrito diários ao longo do tempo. A compreensão do gênero como prática feminina parece estar localizada entre os séculos XIX e XX, quando as construções culturais de gênero passaram a definir e determinar os campos do masculino e do feminino,

restringindo para este segundo os espaços domésticos – num sentido depreciativo para o privativo – enquanto para o primeiro eram destinados os espaços públicos – num sentido valorativo do termo. Em outras palavras, pode-se dizer que para os homens era destinado o campo da razão e do trabalho intelectual, enquanto para a mulher era atribuído o campo da emoção e das atividades afetivas. A noção de diário como escrita do eu ligado à mulher é bastante recente, ganhando mais força somente a partir da metade do século XIX, quando o movimento Romantismo é incentivado, sobretudo no que diz respeito às incursões sentimentais, e quando os estudos da psicologia são aprofundados com a teoria freudiana do inconsciente. Para Margo Culley (*apud* GANNETT, p. 142), é a partir daí que o diário ou jornal pessoal perde sensivelmente o prestígio por associar-se à esfera feminina, apressando, assim, o abandono da prática diarística por homens, o que contribuiu para uma concepção depreciativa do gênero:

Durante o século XIX, com a divisão entre as esferas pública e privada, passou-se crescentemente a separar a vida, o cotidiano de mulheres e homens; aqueles aspectos da cultura associados ao privado tornaram-se domínio das mulheres. Ao mesmo tempo, mudanças de idéias do eu influenciadas pelo romantismo, como a revolução industrial, a descoberta do inconsciente, contribuíram para mudanças no conteúdo e função dos diários. Cresce a idéia moderna do diário como recordação ‘secreta’ de uma vida interior, cuja reflexão e emoção são importantes aspectos da ‘esfera privada’. Mulheres tornaram o diário como um lugar onde elas foram permitidas, sem dúvida, encorajadas a exercitar completamente o ‘autoconhecimento’. Homens americanos desacostumados a explorar e a expressar a vida interior, exceto em termos religiosos, encontraram tanto o seu eu secular emergido quanto necessário objeto do diário, a forma menos complacente para eles.¹⁰

Se hoje há um aparente desinteresse dos homens pela escrita de diários, a própria história do gênero o desmente, pois mostra que a prática sempre foi muito mais dada a homens do que a mulheres. Em sua pesquisa *Le Moi Des Demoiselles*, Philippe Lejeune (*apud* MUZART, in MIGNOT et al, 2000, p. 182), confirma que a prática do diário não foi um fato exclusivamente feminino e que os primeiros diários de que se tem notícia na França, por exemplo, são de homens. Conforme afirma Zahidé Muzart (In MIGNOT et al, p. 182), “a pesquisa de Lejeune apresenta um verdadeiro mapeamento do diário íntimo naquele país: o aparecimento nos anos 1780, o eclipse entre 1789 e 1830 à época do diário ‘romântico’ (1830-1850), do diário de ‘ordem moral’ (1850-1880), a democratização e laicização no final

¹⁰ No original: “*In the course of the nineteenth century, as a split between the public and private spheres came increasingly to shape the lives of women and men, those aspects of culture associated with the private became the domain of women. Simultaneously, changing ideas of the self, influenced by romanticism, the industrial revolution, the “discovery” of the unconscious contributed to the changes in the content and function of the diary. As the modern idea of the secular diary as a “secret” record of an inner life – the life of personal reflection and emotion – became an important aspect of the “private sphere” and women continued to turn to the diary as one place where they were permitted, indeed, encouraged to indulge full “self-centeredness”. American men, unused to probing and expressing this inner life in any but religious terms, found as the secular self emerged as the necessary subject of the diary, the form less and less amenable to them*” (tradução minha).

do século”. A respeito de dar voz às mulheres, Claudia de Lima Costa (1994, 154) observa que sociolinguistas e antropólogos, concebendo o gênero a partir de um modelo de sistemas culturais, alegam que pelo fato das mulheres terem seu discurso caracterizado como ausente de poder, ineficaz e incerto, é possível identificar os dispositivos pelos quais os grupos dominantes – no caso, os homens – distorceram e silenciaram as expressões de um modelo alternativo de representação das mulheres para o mundo.

Seria demasiado importante, em vista do percurso apresentado até então, desmentir o caráter marginal atribuído a esse gênero literário, principalmente após a mistificação de que os diários são os representantes de uma escrita essencialmente feminina. Os estudos teóricos que se debruçam sobre a tradição do gênero contradizem esse mito, pois os discursos sobre jornais e diários têm sido conduzidos por homens e sobre homens, usando critérios eminentemente masculinos para avaliar os trabalhos. Isto mostra o quanto os discursos dominantes tendem a silenciar a voz feminina quando tomam o diário como um campo do feminino e o marginalizam no auge de sua popularização, e, ao mesmo tempo, os estudos da tradição igualmente marginalizam ou elidem os diários de mulheres da História. Como Gannett (1992, p. 119 -120) revelou em seu trabalho, outro fator que contribui para tal paradoxo é o fato de que os diários masculinos não somente são considerados mais importantes, mas têm sido mais frequentemente preservados do que os das mulheres. Tais condições certamente conspiraram para trivializar a presença das mulheres na tradição desse gênero e situá-las como representantes de uma literatura menor – reduzida em número e qualidade. As construções de gênero sexual também contribuíram para o desprestígio dos diários femininos, levando a uma forma de privatização que se confunde com o esquecimento completo dos mesmos. É o que parece querer dizer a pesquisadora Penélope Franklin a respeito da ausência dos diários de mulheres nas listas de publicações de livros:

O que encontrei entusiasrou-me: a vasta maioria de diários publicados era de homens. Os milhares de diários de mulheres não publicados estavam em arquivos através do país – milhares, concluí, estavam em sótãos, como o meu. Eu notei que diários de homens publicados eram frequentemente histórias de exploração, guerra, política ou aventura; ou eram diários de famosos escritores ou figuras históricas. Os diários de mulheres publicados eram às vezes escritos por mulheres famosas, mas frequentemente eles o eram pela esposa, mãe ou irmã de um homem famoso. Porque mulheres não estavam na maior parte, escalando montanhas ou correndo para o escritório, ninguém tinha considerado seus diários particularmente interessantes. (FRANKLIN *apud* GANNETT, 1992, p. 121).¹¹

¹¹ No original: *What I found amazed me. The vast majority of published journals were those of men. The thousands of unpublished women's diaries were in archives across the country – thousands more, I realized, were in attics like mine. I noticed that the men's diaries published were often tales of exploration, war, politics, or adventure; or were those famous literary or historical figures.*

Tal situação pôde ser observada também no Brasil. Segundo Muzart (*In Mignot et al*, 2000, p.182), os diários de escritoras brasileiras do século XIX são os mais difíceis de serem encontrados, pois a maioria esconde-se em gavetas ou já se perdeu para sempre como, por exemplo, as memórias de Inês Sabino, intituladas *Através de meus dias*, cujo manuscrito está desaparecido. O modo de escrita encontrado nos diários de mulheres, durante os séculos XVII a XIX, de acordo com Gannett e Muzart, acaba refletindo, pois, o modo de vida de suas autoras e o modo como elas atuavam socialmente. Não obstante, a tipologia desses jornais e diários seguia, basicamente, o modelo adotado pelos homens – incluindo jornais públicos de comércio e políticos, de viagem, livros comunitários, científicos e naturalistas, espiritualistas e relatos de memória pessoal. Contudo, a tradição liderada por elas aparece mais frequentemente sob a ótica do privado, voltada para a vida doméstica e espiritual. “Elas escreviam para elas mesmas ou para um interlocutor ‘oculto’, sobre coisas que podiam ou não falar com outras pessoas de seu círculo social ou doméstico”¹² (GANNETT, 1992, p.131). É a velha história do “meu querido diário” como amigo ou confidente da mulher, um lugar para exploração da própria voz. No entanto, como afirma Gannett (p. 123), nos Estados Unidos as mulheres que escreviam diários exerciam, muitas vezes, o papel de historiadoras da família e da comunidade, registrando, assim, não somente a memória individual, mas também a coletiva: recordavam com detalhes nascimentos, mortes, doenças, viagens e ocorrências incomuns que fizessem parte do tecido de suas vidas.

Em terras brasileiras o diário íntimo emerge com grande ênfase entre os séculos XVIII e XIX, e coincide com a agitação política da proclamação da República, a profusão literária e o aumento da alfabetização, principalmente entre as mulheres. De início destinado ao segredo, à reclusão e ao privado, o diário foi aos poucos circulando timidamente pelos meios familiares sob a forma de textos escritos a partir da memória familiar dando ênfase, no entanto, às narrativas de um eu significativo na sua relação com a recordação e a experiência vivida. Aos poucos, assim como se sucedeu na tradição do gênero, o diário passou a ser um campo destinado muito mais à memória individual, transformando-se num campo de divagações, afetos, observações, intimidades. Tomo como exemplo ilustrativo para este

The women's diaries published were sometimes by a famous woman, but very often they were by the wife, mother, or sister of a famous man. Since women weren't for the most part climbing mountains or running for office, no one had considered their personal diaries particularly interesting (tradução minha).

¹² No original: (...) *They wrote to themselves or to the diary, parts of which they may or may not have shared with others in their immediate domestic or social circles*, (tradução minha).

modelo de diário íntimo, enquanto refúgio do eu, os cadernos da gaúcha Cecília de Assis Brasil, descobertos e estudados por Maria Helena Câmara Bastos (2000).

Cecília de Assis Brasil nasceu em 26 de maio de 1899, em Washington DC, e morreu na Granja de Pedras Altas, interior do Rio Grande do Sul, em 11 de março de 1934. Era a primogênita do segundo matrimônio de Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938), advogado, político eminente, diplomata, poeta e agropecuarista. O diário da jovem cobre o período vivido na granja, mas também em Pelotas, Rio Grande, Bagé e Rio de Janeiro. Na granja, localizada a 30 quilômetros do município de Pinheiro Machado, o pai de Cecília mandara construir um castelo com torrões medievais, 44 cômodos e muita mobília vinda de Paris e Nova Iorque. A notável moradia tinha uma biblioteca dotada de um acervo com mais de 15 mil volumes que favoreceu a jovem tornar-se voraz leitora de literaturas em diferentes idiomas e diversos assuntos. A moça anotava em seu diário seu cotidiano e o de sua família, registrava como repercutiam na casa paterna os acontecimentos políticos e os lances revolucionários da época. Por um período de tempo, escreveu com a finalidade de informar o pai, frequentemente ausente de casa, sobre o que se passava com a família e os amigos, com os visitantes e os empregados, sobre os afazeres domésticos e os negócios, sobre o cuidado com as plantas e os animais. Seus escritos são tanto uma forma de crônica quanto um diário pessoal em que a autora registra momentos de intimidade, de conversa consigo mesma, de prazer com as atividades e suas práticas intensas de leitura. Através desses registros é possível inventariar o nível intelectual de Cecília porque “pelo seu diário, sabemos o que lê, como lê, as impressões que as leituras lhe despertam e a apropriação que faz de cada uma.” (BASTOS *apud* MIGNOT *et al.* 2000, p. 148). Cecília assume, segundo Bastos (2000, 147), o papel de informante do futuro, fazendo do diário um assistente do porvir para o qual reúne e organiza o material de sua vida. Dessa forma, o diário de Cecília pode ser considerado o documento pelo qual transparece a cultura de seu tempo, sob uma ótica feminina. Afinal, o diário “é um dispositivo educativo e pedagógico, que permite entrever os espaços discursivos de um tempo-espaço, as representações sociais forjadas em cada época e o imaginário desses atores sociais” (BASTOS *in* MIGNOT *et al.*, 2000, p.147).

Esse breve percurso histórico-cultural da tradição dos diários permite demonstrar o quanto esse gênero de escrita tornou-se um espaço de auto-representação, onde o sujeito se posiciona frente a si mesmo, tomando o papel no qual escreve como seu espelho e seu confessor. O diário é o lugar por excelência da autobiografia por dar mais conta da constituição e da existência do sujeito que o escreve, pois tendo como objeto o si próprio ao longo dos dias, a prática do diário não deixa de ser um exercício de auto-análise, mesmo que

não se debruce tão detidamente na construção de um *sentido de vida* como ocorre num livro de memórias ou numa autobiografia. Não podendo ou não desejando tomar o passado a fim de explicar o presente ou o futuro, o/a diarista não organiza o discurso segundo uma lógica coerente, antes disso, se apresenta como tal um ser incoerente. Sendo assim, o diário é a modalidade biográfica que melhor pode representar a vida de um sujeito, por ser organizado tão múltipla e caoticamente quanto os acontecimentos e apontamentos que ele contém. É uma forma textual sem normas ou limites (DIDIER, 1976, p. 08) que engole tudo, desde a divagação pessoal ao registro histórico-social, ao que Maurice Blanchot (2005, p. 270 – 271) completaria:

O diário íntimo, que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades, já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que se quiser, é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário. Esse é o pacto que ele assina. O calendário é o seu demônio, o inspirador, o compositor, o provocador e o vigilante. Escrever um diário íntimo é colocar-se momentaneamente sob a proteção dos dias comuns, colocar a escrita sob essa proteção, e é também proteger-se da escrita, submetendo-se à regularidade feliz que nos comprometemos a não ameaçar. O que se escreve se enraíza então, quer se queira, quer não, no cotidiano e na perspectiva que o cotidiano delimita. Os pensamentos mais remotos, mais aberrantes, mais mantidos no círculo da vida cotidiana e não devem faltar com a verdade. Disso decorre que a sinceridade representa, para o diário, a exigência que ele deve atingir, mas não deve ultrapassar. Ninguém deve ser mais sincero que o autor de um diário, e a sinceridade é a transparência que lhe permite não lançar sombras sobre a existência confinada de cada dia, à qual ele limita o cuidado da escrita. É preciso ser superficial para não faltar com a sinceridade, grande virtude que exige também a coragem.

Mesmo que Blanchot afirme que o calendário exerce uma força ditatorial sob o diarista ou mesmo que a etimologia do termo que o nomeia indique uma tarefa diária, os registros de diário apenas em princípio são efetuados dia por dia, seguindo, na verdade, um fluxo intermitente, fazendo com que o diarista seja definido muito mais pela constância de seu projeto diarístico do que pela constância de sua prática (GENETTE, 1984). O que reforça a idéia da excelência biográfica que perpassa os diários porque seu caráter fragmentário, lacunar e múltiplo permite a reflexão do sujeito apenas na metonímia do dia, não na totalidade de uma vida e de suas histórias. Blanchot (2005, p. 274) também parece eleger o diário como um lugar de salvação e de proteção, um recurso contra a solidão e o silêncio, que tem por objetivo atingir a verdade, resultando a sinceridade muito mais uma atitude estilística do que um produto narrativo. Talvez com isso quisesse denunciar a insuficiência ou a incapacidade que a linguagem tem de representar o real – tomado como sinônimo de verdade –, sendo possível apenas atingi-lo na superfície, nunca na profundidade da palavra. Via diário o sujeito registra, mesmo sem o saber, as experiências de suas múltiplas identidades num território

narrativo que traduz o si em personagem de si, construindo, assim um *alter ego* de papel. A superfície textual privada dos diários permite ao sujeito revelar os seus “segredos”, indicando as diversas faces que constituem seu eu, mesmo que com certas restrições impostas pela linguagem ou mesmo pelo risco de uma leitura por outro, ilustrado outrora pelo mito literário do diário roubado.

Contudo, mesmo que o diário ao longo de sua história, seja perpassado por um sentimento de recorte, superficialidade e seleção do que deve ser registrado, sua narrativa representa, ainda assim, muito mais do que um mergulho no eu, porque permite uma imersão do sujeito no que ele é, no que pensa, no modo como age. É a narrativa de si que não deixa de lado sua realização narcisista, e vai se abrindo pouco a pouco para uma destinação pública, pois como afirma Blanchot (2005, p. 273), “o diário é a âncora que raspa o fundo do cotidiano e se agarra às asperezas da vaidade”. A narrativa do diário procura escapar do silêncio e do esquecimento, mero capricho vaidoso de quem considera a finitude do corpo, e para isso faz dele o lugar da memória, visto que registrar um dia (ou um período de dias) é vivê-lo duas vezes – a primeira, na ação; a segunda na recordação registrada. O diário seria o lugar pelo qual a escrita encena a salvação de uma memória individual. Mas como salvar da esterilidade o trabalho de um eu que pretende se perpetuar pela escrita, visto que as memórias do sujeito morrerão com seu corpo? Afinal, ao ser escrito apenas para si mesmo, sem outro destinatário, como reativar as memórias registradas no papel? A saída possível ocorre com a migração do diário de uma superfície privada para uma superfície pública, ou seja, sua publicação. Deste modo, as memórias do diarista não estarão mais apenas a serviço do auto-resgate de um único eu, mas servirão também para alterações subjetivas de outros leitores, assim como ocorre em biografias e autobiografias: reconhecimento de heróis, espelhamentos, identificações.

Através da publicação, a realização narcisista latente no interior dos diários se efetua por completo, muito embora o consentimento do diarista não possa ser levado em conta, porque a maioria dos diários publicados faz parte do espólio de personalidades que morreram. Mas não é pelo fato de serem publicados que não estarão sujeitos aos interditos e às censuras. Cortes de trechos, supressões de intimidades, abreviação de nomes fazem parte dos dispositivos moralistas que rondam esse processo de migração de superfícies, ao procurar manter o mínimo de intimidade do sujeito exposto, bem como proteger a privacidade de outras pessoas citadas na escrita. Situação muito parecida se dá no âmbito da publicação de cartas, muito em voga nos dias de hoje, e que conta com os mesmos dispositivos de censura dos diários. Em vista dessa nova realidade, Jean Rousset (1983) chega a propor uma tipologia para os diários íntimos, sistematizada a partir da posição do destinatário, no percurso que vai

do segredo à publicação em que tal gênero confessional sofrerá uma gradativa abertura do seu espaço, transmutando a premissa do externo leitor ausente em leitor externo consentido. É bom observar que na alteração do lugar de circulação e consumo dos diários, quando da ascensão de um leitor externo a ele, também se altera o modo como é recepcionado. Se para si mesmo representava um repositório do eu, outros leitores podem tomar o diário como uma ficção do eu, um relato, uma narrativa ou um testemunho, como o foi, por exemplo, o diário de Anne Frank. Nesse caso a intimidade registrada nos diários não se alterou, e, sim, o modo como foi recebida tal intimidade pelo público.

Levando em consideração tais questões, pretendo reunir elementos que possam explicar a alteração da natureza dos diários que se deu no âmbito do mundo virtual. Ao se proporem como textos da intimidade, publicados em rede mundial por um eu vivo, devo considerar que não somente a superfície de produção se transformou, mas também a intimidade é outra? Ou devo entender que a intimidade permanece a mesma e que, no entanto, o que se modificou foi o substrato cultural, influenciado sobremaneira pelo crescente voyeurismo advindo do século XVIII e radicalizado no século XX? Voyeurismo que se confunde com o narcisismo quando o sujeito passou a acreditar, através da lógica da mídia, que a publicação da intimidade confere *status* social, o que, no trocadilho significa dizer que *celebra a celebridade*. Se os diários íntimos mantinham o modelo de uma escrita de fusão – no sentido de autor e leitor serem consumidos por um mesmo e único lugar de produção e leitura – tentarei identificar a que se deve a virada cultural e histórica que permitiu a dissociação desse modelo, fazendo dos *blogs* um lugar à deriva de qualquer olhar. Acredito que após esse caminho pela tradição dos diários é que poderei responder a tais questões.

1.3 – A presença das agendas

Longe de apontar para uma tradição, mas desejando ainda assim apontar uma prática bastante localizada das escritas de si, trato com certa brevidade do fenômeno das agendas, que dominou parte do fetiche adolescente nas últimas décadas do século XX. Embora o tradicional diário íntimo venha perdendo espaço,¹³ por algum tempo ele coexistiu com essa

¹³ Uma matéria publicada no site de notícias <http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI1461195-EI4802,00.html> em 8 de março de 2007 (16h35) diz que uma pesquisa inglesa comissionada pela emissora Sky para marcar o lançamento da premiação "Sky Young Journalist Awards" confirmou que os diários virtuais estão acabando com a antiga prática de manter um diário tradicional. De acordo com o site IT Pro, no estudo que ouviu mil pessoas descobriu-se que menos de um em cada dez jovens mantém o hábito de escrever um diário tradicional, comparado a 47% que divulgam seus textos online. (Acesso em 08.03.2007).

contemporânea modalidade de registro diário do eu. Não houve substituição ou predominância de um ou outro, mas nessa convivência pacífica acredito que outro modo de se escrever a subjetividade foi permitido, o que possibilita o estabelecimento de uma relação entre diários, agendas e blogs. As três modalidades em questão são regulamentadas pelo calendário, mas se diferenciam pelo fato de que as duas primeiras possuem uma configuração que obriga uma leitura em ordem cronológica crescente, enquanto os blogs, atendendo aos princípios da atualização virtual, permitem uma leitura decrescente dos dias. O que difere diários de agendas é que estas abrem um espaço biográfico muito mais social e público – compromissos, encontros, tarefas – do que propriamente íntimo, num espaço de página mais reduzido que os diários, exigindo, por isso mesmo, um caráter fragmentário, imediato, prontamente comunicativo. A esse respeito William Gass (*apud* KIEFER, 1995, p. 27) diz:

A agenda tem que ser anotada dia a dia e é inadequado deixar para terça-feira um encontro que cerrou nossos olhos tristonhos no sábado. Suas páginas são tão circunscritas quanto as horas e seus espaços devem ser recheados de fatos, observações e lembretes. O estilo da agenda é ‘staccato’, telegráfico. O diário acompanha o andamento do calendário, mas seu alcance é mais amplo, mais circunspeto e meditativo. Os fatos diminuem de importância e são substituídos por emoções, devaneios, pensamentos. Se seu diário estiver cheio de informações, isso significa que você não tem vida interna. E o diário pede frases, embora essas frases não precisem ser forçosamente bem-acabadas. Você pode voltar atrás no que já escreveu no diário, mas quando altera um trecho anterior ao dia em que está escrevendo, já está começando a inventar.

O movimento biográfico das agendas, em comparação com os diários, tem curta duração, embora seja mais pontual em relação às informações. Em função da sua característica principal de uso – a ordenação social dos dias – não possibilita tanto o vôo do *pensamento*, pois prevalece o papel fundamental de registro das *ações*. A perspectiva temporal é invariavelmente futura a partir do momento que se presta a registrar o que precisa ser feito nos dias seguintes. E entre o *agir* e o *pensar* há um espaço biográfico extremamente fértil em efeitos e reações subjetivas que a princípio ficam de fora das agendas, porque enquanto um campo destinado a informações elas devem registrar os aspectos da *vida externa*. O diário, pelo contrário, é o lugar textual onde o indivíduo registra sua *vida interna*, num debruçar meditativo a respeito do momento presente e dos dias passados, incluindo quase tudo em suas páginas, reafirmando, assim, sua forma sem normas. Gass (*apud* KIEFER, 1995, p. 25) reflete também sobre a natureza das cadernetas pessoais, declarando que tal modalidade de escrita rompe com a cronologia a partir do momento que as notas não

necessitam de datação, balizando-se pela informalidade e pelo descomprometimento, abarcando o que o portador desejar – de simples anotações a pensamentos dos outros – configurando-se como um tipo de laboratório ou de arquivo. Acredito que tal propriedade das cadernetas de algum modo contaminou o universo das agendas ao estabelecer um lugar um pouco mais caótico para os registros (anotações feitas em uma página qualquer), um pouco mais atento ao vôo do pensamento (pensamentos, trechos de livros, poemas compilados para seu espaço) e um pouco mais sensível para o eu íntimo (registro de encontros e outras marcas visuais da situação espiritual do/a portador/a em relação aos dias passados). É, sobretudo, nas agendas de mulheres que será possível identificar esse lugar textual “contaminado” por dois gêneros diferentes, diários e cadernetas, catalisador de uma outra forma de escrita de si, marcada pelo semi-segredo. A intimidade das agendas é aberta para um círculo restrito de pessoas, em geral pelos/as amigos/as mais próximos/as, mas não chega a ser escancarada, aberta a qualquer um. A subjetividade caótica das agendas revela um outro processo de construção de identidades sociais, ao permitir a materialização do eu interior ao mesmo tempo em que se coloca como um ícone da personalidade externável. Recorro à voz de Tânia Ramos (*In MIGNOT et al, 2000, p. 193*) para lançar mais luzes sobre essa peculiar superfície textual:

Nas agendas estão as excentricidades nem sempre reproduzíveis nas (im)possíveis memórias registradas nos diários, gênero freqüente na tradição histórico-literária. O desejo que antecede esse outro exercício de escrita, de certa forma narcísico e metalingüístico, manifesta-se em um peculiar espaço textual e é o mesmo que motiva as garotas a consumir jeans, camisetas, tops, tênis e mochilas, que explicitam o status, perante o grupo social, no uso de certas grifes da moda. Colorido, capa plastificada, emborrachada, de couro, ao mesmo tempo em que assume uma função social e econômica, esse nem sempre tão obscuro objeto, passa a ser extensão do corpo num ir e vir diário, em espaços públicos e privados, transformando-se num depósito de recados, adesivos, recortes, clipes coloridos, papéis de bala, ingressos para shows, desenhos cuidadosamente elaborados, palavras e frases multicores numa exposição de criatividade em torno de nomes e especificações aparentemente inúteis.

Após examinar doze agendas de adolescentes entre 13 e 17 anos a autora concluiu que, por conta da superfície de semi-segredo que as rondam, “há ainda pouco do *contado*, talvez pela ausência da maturidade necessária a uma elaboração textual mais sofisticada, mas há muito do *contido*, facilitado pelo fracionamento simbólico ou pelas possibilidades de figuração dos pensamentos, das palavras e das obras, ou talvez porque essa é a forma pela qual as meninas hoje estão lendo o mundo” (RAMOS *in MIGNOT et al, 2000, p. 194*). Tânia Ramos observou que, na maioria das vezes, a escrita das agendas estava marcada por um caráter primariamente cifrado, destinado ao conhecimento de poucos, fazendo com que alguns de seus conteúdos não fossem tão explícitos assim, o que remete, de algum modo, aos diários criptografados de Samuel Pepys. Ao reunir características de diários, cadernetas e das

próprias agendas, foi possível, mesmo por linguagem cifrada, encontrar nessa modalidade de escrita muitos registros de primeiras experiências, angústias, tomadas de decisão. A autora ainda conclui que “(...) não precisamos quebrar a cabeça para entender que nesta virada de século a agenda não tem a função exclusiva de registrar os possíveis compromissos de pessoas atarefadas, mas servem muito mais como um esboço de autobiografia em potencial, semelhante ao diário que registra acontecimentos e confissões, a agenda codifica, através de fotos, frases soltas e ilustrações, compromissos discretos e acontecimentos secretos” (RAMOS *in* MIGNOT *et al*, 2000, p. 193).

Tânia Ramos acredita que o desejo que antecede esse exercício de escrita “narcísico e metalingüístico” é o mesmo que motiva suas escritoras a consumir certos tipos de produtos que as qualificam e situam em determinado grupo social, ou melhor, é o desejo de iconizar a personalidade exterior que leva à escrita e à materialização do interior. Os produtos de consumo, incluindo as agendas, por si só têm o poder de manifestar um *status quo*, um estilo, um modo de estar no mundo. Entre as páginas, vários elementos de recordação, de guardanapos e embalagens de chicletes a cartões e ingressos, que nem sempre assinalam o motivo de estar ali, mas ao mesmo tempo, representam e delimitam o espaço que ocupam na memória, e fazem da agenda, “(...) um depósito de recados, adesivos, (...) palavras e frases multicores numa exposição de criatividade em torno de nomes e especificações aparentemente inúteis.” (RAMOS *in* MIGNOT *et al*, 2000, p. 193). É o início do uso do jargão *bom pra colocar na agenda*.

É nesse espaço de interpenetração dos gêneros e das modalidades de escrita que acredito seja possível marcar aproximações com a realidade dos blogs, pois as agendas, mesmo que não tenham ocupado o lugar dos diários, determinou outros recursos de expressão do eu, mais adequados à vida contemporânea porque mais velozes em sua escrita “telegráfica”, e induziu ao uso de recursos criativos e estéticos para esta expressão – desde canetas de cores a adesivos e imagens coladas a fim de marcar uma visualidade representativa do eu. Talvez não seja demais me apropriar dos traços da modernidade, apontados por Charles Baudelaire a respeito da pintura de Constantin Guys e destacados por Antoine Compagnon (1999, p. 28-29), para explicar a natureza textual que as agendas incorporaram de modo inconsciente no seu processo de feitura.

Dentre eles está o *não-acabado*, um princípio justificado pela velocidade de transformação do mundo moderno que exigiria igual velocidade de execução da arte e, num paralelo, do próprio registro biográfico. A essa esfera se somam os valores que escapam à cultura da elite, por permitirem o trivial, o popular e o urbano nos seus conteúdos. Nesse

sentido, sem querer ser redundante, as agendas assumem um estilo *staccato* porque atendem a um princípio moderno de velocidade de comunicação, e que será decididamente aprofundado nos blogs, por estes estarem situados num lugar de maior velocidade e volume de informação – a Internet. A trivialidade parece ser outra recorrência importante mostrando não ser à toa que surgem em ambos universos textuais conteúdos aparentemente inúteis, mas que revelam identidades de uma personalidade urbana, voltada, sobretudo, ao consumo e ao gosto popular, a fim de construir uma identidade pública aprovada.

Outro critério seria o aspecto *fragmentário* da modernidade, marcado por impressões rápidas, econômicas, embaçadas, apenas esboçadas. O sentido de incompletude preteriu o valor do detalhe e permitiu, assim, o desaparecimento de um sentido de hierarquização dos objetos representados. Tudo estaria num mesmo plano, fazendo parte de uma obra total, a partir da hipertrofia e da autonomia do detalhe. No entanto, o fragmentário leva à anarquia e ao caos. Caótico também é o discurso das agendas e das cadernetas, como também o são as narrativas dos blogs, que não privilegiam o todo, mas apenas uma visão panorâmica, geral, parcial, porque pública. Dentre as múltiplas identidades que o indivíduo pode revelar, um mínimo é permitido de ser vislumbrado na anarquia do biografar diário. Ao contrário das autobiografias e biografias, não existe uma figura de intérprete, quase equivalente a de demiurgo, que ordena os significados numa relação de causa e consequência, cronologia e espacialidade, estabelecendo um sentido de vida. A vida registrada nos blogs é fragmento, metonímia, impressão de uma subjetividade que se delinea ainda míope porque está sendo vivida sem projetar sentidos, em constate vir a ser.

É justamente da confluência do não-acabado e do fragmentário que se define o traço moderno de *insignificância* ou *perda de sentido*. A velocidade de expressão e o privilégio da obra total tenderiam para uma construção desarmônica que postergaria seu sentido e o transferiria para o sujeito receptor. No espaço biográfico, seria o leitor que poderia atribuir um sentido para os registros efetuados nas agendas ou nos blogs, interpretando imagens, cenas mal acabadas, cores ou qualquer outro elemento paratextual a que se tenha recorrido para um apontamento subjetivo.

Por fim, o critério de *autonomia* que garante a reflexividade e a circularidade do ato criativo, exigindo uma consciência crítica por parte do artista a fim de garantir sua independência de produção. O artista, assim, não reconheceria critérios, código ou assunto exterior a sua arte, e faria ele mesmo suas próprias regras e modelos. Ora, o percurso apresentado pelos diários e agendas mostra o quanto esses lugares textuais se transformaram em modelos sem formas ou normas fixas, não exatamente por força de uma consciência

crítica ou artística, mas muito mais por um acordo tácito e involuntário do fazer biográfico. Nos blogs isso ficará mais evidente, porque esse espaço virtual é completamente desprovido de regras, permitindo instituir-se no modelo que o seu portador ou sua portadora desejar.

Longe de cometer um reducionismo de tais traços da modernidade pretendo, nessa aproximação com o universo das agendas, possibilitar um olhar mais produtivo sobre os diários virtuais, representantes diretos das formas mais contemporâneas de biografia. A esse resultado estético-biográfico da vida moderna, também incorporarei uma visão mais detida a respeito da compreensão da identidade social na pós-modernidade, bem como uma avaliação de como a concepção de tais identidades se efetua em função do espaço público que ocupam os registros biográficos dos diários virtuais.

II - BLOGS E BLOGOSFERA: UM NOVO AMBIENTE PARA AS ESCRITAS DO EU

Chegaríamos então, no final do século XX, ao verdadeiro ápice da fantasia pós-humana penetrando na bolha digital chamada blogosfera, ambiente do atual diário íntimo. Para além das descobertas extraordinárias da tecnologia médica e da pesquisa biológica que promoveram e garantiram a cura para uma infinidade de doenças e forneceram a base material para a mais antiga aspiração humana – a imortalidade - o ser humano alcançou ainda a possibilidade de conceber a si mesmo como padrão de informação, criando assim um novo modo de armazenar seus dados e ascender, desta forma, à imortalidade, com a vida sendo “guardada” em *bits* e *bytes*. Uma aproximação radical com o que Baudrillard (2001, p. 67) chamou de o “assassinato do real” referindo-se ao extermínio literal e metafórico de todas as coisas e seres que ultrapassam seu próprio fim e são transportados para onde não existe mais realidade, um mundo virtual, onde a questão do real, do referente, do sujeito e seu objeto, não mais pode ser apresentada. A morte da “realidade” enquanto conceito e sistema de valores que implicam uma origem, um fim, um passado e um futuro, uma cadeia de causas e efeitos, uma continuidade e uma racionalidade, está decretada. Em seu lugar reverbera a imortalidade das coisas e dos seres num *continuum* artificial, onde a raça humana e as coisas estão se transformando em sua própria realidade virtual, sob a vasta cúpula geodésica da informação. Como decretou Baudrillard, “o planeta já embarcou num caminho experimental para o qual não existe volta” (2001, p. 67). A partir de agora, nesse novo mundo uma nova raça humana torna-se possível, se é que ainda estamos lidando com seres humanos - “uma espécie bem-sucedida em sintetizar sua própria imortalidade, e que tenta transformar-se em informação pura, seria ainda, particularmente, uma espécie humana?” (BAUDRILLARD, 2001, p. 22). O sociólogo francês deixa a pergunta solta no ar sem que nada se possa arriscar ao tentar respondê-la visto que, de certa forma, o ser humano encontrou uma forma de imortalidade

sim, nesse ambiente multimidiático da Internet onde repousam as multinarrativas do indivíduo. Esse lugar de onde o humano enterra seu presente esquizofrênico e escava a libertação dos limites do corpo transcendendo-o em corpo digital que supera a materialidade, produz a irrealidade de corpos digitais e cria um novo modelo de escrita de si para dar conta desse ser em permanente construção e transformação - os blogs pessoais (ou diários virtuais como são também conhecidos) - imprimindo novas características à escrita que sempre garantiu a imortalidade do sujeito.

Este é um tempo singular, radicalmente distinto de todos os momentos anteriores do tempo humano, embora pareça às vezes abrigar uma patologia distintamente auto-referencial, como se na completa suplantação do passado se exaurisse uma contemplação vazia, mas hipnótica, de um presente contaminado de futuro. É o tempo em que se constroem os fundamentos do ser contemporâneo por excelência. Cercado de vazio, mas extremamente próximo de seus iguais, pois a realidade virtual desconhece distâncias e fronteiras. A simultaneidade do *tempo intemporal* de que fala Manuel Castells (2005, p. 556-557), levada ao extremo indizível na experiência humana, cujo tempo não pertence mais à ordem do calendário ou da cronologia, mas ao espaço de fluxos de informação. O espaço de fluxos dissolve o tempo desordenando a seqüência dos eventos e tornando-os simultâneos, instalando dessa forma as sociedades na efemeridade eterna. O espaço de lugares múltiplos, espalhados, fragmentados e desconectados exhibe temporalidades diversas, desde o domínio mais primitivo dos ritmos naturais até a estrita tirania do tempo cronológico, mas remonta uma *realidade* possível pela “dinâmica contraditória da sociedade que estabeleceu uma oposição entre a busca da eternidade humana, mediante a invalidação do tempo da existência terrena, e a percepção da eternidade cosmológica, sob a ótica do tempo glacial. Entre as temporalidades subjogadas e a natureza evolucionária humana, surge a sociedade em rede no limiar do eterno” (CASTELLS, 2005, p. 560). A atemporalidade e a imaterialidade presentes nos fluxos de informação que formam o ciberespaço permitem a realização dos desejos de forma virtual, em um verdadeiro laboratório existencial, liberto de qualquer tipo de obstrução. “Parece o fim dos limites impostos ao sujeito pelo corpo. Um deficiente físico pode correr uma maratona, um sujeito com acrofobia pode pilotar um avião, homens podem ser mulheres e vice-versa, em um exercício lúdico de todas as possibilidades que possam se apresentar”, acrescenta Felipe Pena (2004, p. 77), reforçando a idéia de que no ciberespaço o corpo pode ser visto como significante imaterial ou apenas como um lugar dos sinais lingüísticos, sem um conteúdo pré-colocado e, porque vazio, é cheio de todo conteúdo possível. Ou como analisa Viviane Serfaty (2004, p. 101):

“no ciberespaço, o corpo é aparentemente dissolvido sob as bolhas dos sinais lingüísticos. A metamorfose do corpo dentro do texto é percebida na imaterialidade da carne que eventualmente volta a ter mero significado, como o dinheiro na famosa definição de Karl Marx, o corpo como texto é um tipo de ‘equivalente geral’ com conotações de universalidade e uniformidade, embora causando a perda de seu sentido como coisa única, seu valor é fixado como símbolo social. Estendendo um pouco mais a metáfora do dinheiro, o corpo como texto, ou a superabundância do papel do dinheiro, provoca o medo da desvalorização simbólica, inflação esta, na verdade, devastadora tanto para a moeda quanto para o corpo.”¹⁴

Tudo se deu também graças ao computador e a informação em rede, artefatos tecnológicos que permitem ao sujeito estar em dois lugares ao mesmo tempo, ultrapassando qualquer lei e desdobrando sua realidade em duas: aquela em que o mesmo está inserido - como no escritório onde trabalha - e aquela que irá criar para além da tela, como acontece quando escreve um blog, por exemplo. Ambas podem depender uma da outra, mas também podem estar totalmente separadas. Assim, o computador aparece como meio de comunicação que pode aproximar os indivíduos, como aqueles leitores/as de blog que se identificam com o/a blogueiro/a com quem compartilham sentimentos e segredos, situação que jamais seria possível se não fosse a exposição desencadeada na/pela Internet. No entanto, o computador pode também contribuir para o isolamento: é feito para ser usado por apenas uma pessoa de cada vez (afinal, computadores são os PC’s – ou *personal computers*). O uso do computador em casa ou no trabalho faz com que o indivíduo se feche para o mundo que o cerca, em que as pessoas são conhecidas e a interação social acontece, para se abrir num segundo plano, virtual.

Nessa dupla realidade a exposição pública é premeditada e a privacidade outrora tão almejada e conquistada a duras penas pela burguesia é agora abatida pelo machado puntiforme do mundo contemporâneo. Essa mesma burguesia que por muito tempo teve no diário íntimo o marco de defesa da intimidade do indivíduo, de seu espaço privado, agora abre-o sem pudor. Analisando esse aparente paradoxo, percebe-se que o fenômeno da intimidade aberta ao público não é exclusivo dos diários íntimos expostos na Rede, mas é cada vez mais freqüente e está no mundo atual de várias maneiras. A presença, cada vez maior dos *reality shows* na televisão e das *webcams* nas conversações *online* e na confecção

¹⁴ No original: *In cyberspace, corporeity seemgly dissolves and boils down to a set of linguistic signs. The body's metamorphosis into text, the perceived immateriality of the flesh eventually turn it into a sheer signifier; like money in Karl Marx's with connotations of both uniformity and universality, thus causing it to lose its uniqueness as well as its value as a fixed social symbol. By stretching the money metaphor a bit further, the body-as-text, like an overabundance of paper money, arouses fears of symbolical devaluation. Inflation is indeed devastating for both currency and corporeity*, (tradução minha).

de vídeos caseiros, que podem revelar bem mais do que ingênuas cenas do cotidiano; ao sucesso das revistas de fofoca e dos *paparazzi* mostram quanto interesse as pessoas têm pela intimidade alheia, num movimento semelhante àquele observado no século XVIII que levava curiosos/as a bisbilhotarem gavetas atrás de diários íntimos de outrem. É fácil perceber então o movimento do indivíduo alimentado pelos valores do individualismo e do narcisismo que levaram a sociedade burguesa a levantar muros e paredes, dividindo os cômodos em quartos individuais a separar os membros da família dos estranhos, cujo acesso era e é permitido apenas à sala de visitas; bem como individualizar o uso de aparelhos de televisão e por último o computador pessoal; faz agora o movimento inverso encontrando novas formas de abrir outra vez ao público sua privacidade. Essa exposição pública premeditada da vida também dá ao sujeito a ilusão de não-morte, da perpetuação de sua trajetória e foi um dos principais fatores que fez surgir os blogs como lugar privilegiado das escritas do eu¹⁵.

O fenômeno data de 1994, quando começava a difusão da Internet e das ferramentas de comunicação que têm, no ambiente virtual, o seu espaço de criação e utilização. Desde esse período, os recursos disponibilizados pela Rede vêm se popularizando, passando a fazer parte do cotidiano de mulheres e homens de várias partes do mundo. Como uma das mais revolucionárias tecnologias de comunicação já vista, desde o telefone, a Internet vem transformando as noções de tempo e de espaço e as concepções de mundo e de si mesmo que cada pessoa carrega consigo. Ambos os eventos – a disseminação dos computadores pessoais e o surgimento da Internet – vêm contribuindo para transformações objetivas e subjetivas nas mais diferentes áreas da atividade humana. Tais transformações podem ser entendidas como parte de uma verdadeira revolução que gerou efeitos como o surgimento de novas formas de aquisição de conhecimento, a reorganização de poderes tradicionais e a aparição de novos modos de relacionamento e de contato com o outro, a exemplo do correio eletrônico (e-mail),

¹⁵ Cabe observar que há comunidades no Orkut dedicadas a pessoas mortas, como “Pessoas mortas no Orkut”, por exemplo, que reúne 1192 membros. Também no caso de algum membro do Orkut morrer seu perfil nunca será apagado (a não ser que outro membro possua a senha e o faça) então realmente ali se funda uma imortalidade.

o IRC¹⁶ e o ICQ¹⁷, e, ainda, espaços onde se desenvolvem processos de comunicação, como, por exemplo, as salas de bate-papo, ou *chats*¹⁸.

A escrita *online* apresenta aspectos bastante distintos da escrita tradicional, pois conforme a prática dos usuários das ferramentas digitais, a linguagem encontrada nos *chats*, nos IRC's, no ICQ e blogs, por exemplo, possui muitas características da interação oral, além de abreviações, variações no tamanho das letras e a adoção dos sinais gráficos e dos *smileys* ou *emoticons*, recursos visuais que tentam suprir a ausência dos sinais corporais presentes numa interação face a face ou das inflexões de voz em uma conversa telefônica. Apesar de tais particularidades, a escrita *online* possibilitou uma nova e outra potencialidade à linguagem escritural colocando-a novamente em lugar de destaque na comunicação humana visto que, no decorrer do século XX, com a difusão do uso do telefone fixo e móvel, a importância da escrita vinha diminuindo nas trocas interpessoais. Por isso, acredito que o uso da escrita foi, em certa medida, resgatado pela Internet, principalmente por parte dos jovens, mesmo que se refira ao ato de teclar em detrimento ao ato de escrever a mão.

Mas, o ciberespaço tem-se mostrado ainda mais generoso ao oferecer múltiplas opções de narrativas sobre si para o sujeito contemporâneo. Aliado ao poder da palavra, o usuário vale-se do poder da imagem, bem ao gosto da atual sociedade midiática em que vivemos. Assim, além dos blogs, prosperaram também sites de relacionamento como o Orkut, fotologs e videologs. No Orkut, onde já de início o/a membro tem que falar de si e descrever quem é, vê-se um exercício de auto(re)conhecimento, um saber de si¹⁹, ao passo que a seleção de

¹⁶ No IRC ou *Internet Relay Chat* há os canais, dedicados a diferentes assuntos, onde cada canal comporta um grande número de pessoas – que pode chegar até seiscentos em alguns casos. Dentro de cada canal há um operador que faz o papel de um moderador e tem autonomia para, por exemplo, convidar um usuário inconveniente a se retirar do canal.

¹⁷ O ICQ representa um conjunto de iniciais que na língua original inglesa, expressam *I seek you*. É um programa de conversação em tempo real, no qual os usuários se encontram através de seus números. Possibilita a comunicação em tempo real, que se dá tal qual em um telefonema, com a diferença de que as mensagens são escritas.

¹⁸ Uma sala de bate-papo da *web* ou *webchat* é acessada através de um *site* da Internet. As salas são classificadas por faixa etária, localidade ou mesmo por assunto - que pode ser *amizade*, *romance*, *sexo* ou *tema livre*. A comunicação só ocorre em tempo real e cada sala comporta em média, no máximo, quarenta pessoas.

¹⁹ Quem sou eu? Esse texto resultou de mais uma tentativa minha de responder a pergunta quem sou eu que tem no perfil do orkut... Pergunta essa que sempre me confunde quando pretendo responder!

Quantas vezes eu já fiz esse "quem sou eu" do orkut? Muitas vezes, mas em nenhuma me senti satisfeito com a explicação que dei sobre mim.

Por vezes tentei deixar sem nada jurando que palavras não poderiam me definir... Bobagem! Já em outras escrevi em "círculos", acentuando a dinâmica que é a vida e de como é difícil eu falar sobre mim.

Algumas outras ainda, falei, falei, falei, falei e não disse nada, apenas enchi de informação. Mas enfim, o que eu posso dizer de mim?

Quem eu sou? Filho da Marlene Pandini e do Alcides Pandini. Mas isso basta? Ora, sou um ser humano. Mas, e o que é um ser humano? Se eu conseguir definir um isso, significa que eu sou como todo ser humano, ou seja, igual a

comunidades temáticas, fóruns de discussão e descrição de gostos pessoais (literários, culinários, atividades de lazer e outras informações sobre si) que o/a *orkuteiro/a* é chamado a dar, contribuem para um indiciamento do sujeito. Já nos fotologs e videologs vê-se a supremacia da imagem sobre o texto. Apesar de essas formas narrativas oferecerem opções de legenda (*caption*) o que se vê é a imagem falando mais do que a palavra. Palavra esta que nos blogs é o artefato principal e seu uso na escrita de si é a questão que se impõe neste estudo.

O blog foi chamado inicialmente de *weblog*, palavra que tem sua origem numa contração de *web*, que significa página na Internet, e *log* que pode ser traduzida como “diário de bordo”. A expressão foi utilizada originalmente, segundo Rebecca Blood (*In: PERSEUS*, 2002, p.7), por G. Raikundalia e M. Rees numa conferência sobre Internet e suas aplicações, em 1995, mas o conceito que atualmente é associado ao termo foi utilizado pela primeira vez em dezembro de 1997, por Jorn Barger (o primeiro a designar a sua página Robot Wisdom, como “*weblog*”). A palavra “*blog*” seria introduzida no início de 1999, na sequência do anúncio de Peter Merholz, de que iria pronunciar o termo *weblog* como “*we-blog*”.

Algum tempo se passou desde que as primeiras *homepages* (páginas pessoais) chegassem a ser conhecidas como *blogs* e ganhassem o formato e as facilidades para a criação e customização da página que se vê atualmente. Isto só foi acontecer em agosto de 1999 com a invenção do *software* Blogger, da empresa *Pyra Labs*, criada pelo estadunidense Evan Williams²⁰. O software, que não fora concebido para esse fim, descomplicou a construção e popularizou a publicação de textos *online*, uma vez que a ferramenta dispensava o uso de linguagens especializadas da computação, como a HTML, utilizada até então para a construção das páginas pessoais precursoras dos blogs. A facilidade para edição, atualização e manutenção dos textos em rede foi – e ainda é – o principal atributo para o sucesso e a difusão desse verdadeiro instrumento da auto-expressão. A ferramenta permite, ainda, a convivência

todos? Será que devo ignorar meus pensamentos e minhas lembranças ao me definir apenas como mais um? Não. Não creio estar chegando em algum lugar verdadeiro assim.

Talvez se eu tentar dizer o que gosto e o que não gosto seja mais útil. Todavia sempre tive uma dúvida: o gosto é um espelho nosso OU nós somos um espelho do nosso gosto? Não sei. Dependendo do ângulo que eu escolher para analisar, as palavras que eu viria a dizer sobre o meu gosto morreriam, ficariam vazias.

Esquece então! Talvez “quem sou eu” não seja uma pergunta para se responder. Talvez nem para ser perguntada. Afinal, tudo anda tão confuso que não sei nem dizer se o eu é realmente EU. Entende? Se o que penso é o que penso ou o que me induzem a pensar. Se o eu, na verdade, é traduzido por “nós”, e que esse “nós” está totalmente ligado aos eus individualistas e egoístas. Concluindo: se eu to tomado mais por influencias do mundo do que de meus próprios pensamentos. (...) Escrito por Diogenes Pandini (Voltas em Voltas Blog do Panda) <http://pandini.zip.net/> às 22h30 de 14.11.2006. [(4) Vários Comentários] [envie esta mensagem]. Consulta realizada em 22.01.2007.

²⁰ <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/026tcc5.pdf>. Consulta realizada em 02.01.2007.

de múltiplas semioses²¹, a exemplo de textos escritos, de imagens (fotos, desenhos, animações) e de sons. Atualmente, a maior parte (senão todos) dos provedores de Internet não cobra taxa para a hospedagem de um blog. Um blog pode ser definido como um registro freqüente de conteúdos, composto por blocos de textos e/ou imagens, que são apresentados em uma mesma página, de maneira cronologicamente inversa. Os textos mais antigos vão sendo empurrados para os arquivos, formando *links* para a página, como num hipertexto. O que significa dizer que quanto mais textos houver num blog, maior será o número de páginas de arquivamento que ele possui. Uma outra característica bastante importante é a interatividade com o leitor porque outras pessoas podem fazer comentários sobre o que o/a blogueiro/a escreveu, através de um *link comments*, ou enviar e-mail se este for informado pelo/a autor/a. Freqüentemente o nível de sucesso de um blog é medido pela quantidade de comentários que recebe ou de visitas que podem ser registradas em contadores digitais instalados na página. Há também outras ferramentas disponíveis, como o *Google Analytics*, por exemplo, que pode ser instalado na página a fim de fornecer relatórios impressionantes para o proprietário do site, agrupados em quatro itens principais: **visitantes**, no qual é possível avaliar o número total de visitas, o número absoluto de visitantes únicos, a média de visitas por exibição de página, o tempo médio despendido no site, a taxa de rejeição (que indica a porcentagem de visitas a uma única página como, por exemplo, as visitas em que uma pessoa sai do seu site na mesma página em que entrou), o número de novos visitantes, o índice de lealdade ao site, a profundidade da visita, bem como o perfil do visitante (idioma e cobertura geográfica), o perfil do navegador (navegador, sistema operacional, cores de tela, resolução de tela, versões do *flash*, suporte a java) e as propriedades da rede (local de rede, nome de *host* e velocidades de conexão); **fontes de tráfego**, em que é possível avaliar o índice de tráfego direto para o site, os sites de referência que originaram as visitas, os mecanismos de pesquisa (o google, por exemplo), as palavras-chave utilizadas nos mecanismos de busca e a visão geral de tráfego (incluindo outras origens e mídias); **conteúdo**, que avalia o número total de URL's visitadas, estabelece a relação conteúdo e título, indica as principais URL's visitadas e os arquivos mais acessados; e, finalmente as **metas**, que podem ser definidas pelo proprietário a fim de avaliar como o site atende os objetivos esperados²².

Os primeiros blogs começaram a pipocar quando a Internet ainda ganhava corpo. Alguns usuários estadunidenses deram partida ao ritual que aos poucos foi tornando-se cada

²¹ Semiose, segundo Fairclough (2003, p. 203), refere-se ao processo de significação através da linguagem, linguagem corporal, imagens visuais ou qualquer outro meio de significação.

²² Os relatórios do *Google analytics* de um dos blogs analisados, o www.incorrespondencias.blogspot.com a critério de ilustração, está nos anexos ao final deste trabalho.

vez mais freqüente: criar uma *homepage* e nela depositar o diário pessoal *online*, inaugurando uma nova forma de narrativa de si. Quer dizer, talvez inaugurar não seja exatamente o termo mais adequado para se referir a ascensão desse outro modo de escrita, mas foi, antes de tudo, uma exigência própria da Era da Informação e dos mundos midiático e virtual que obrigaram o sujeito a renovar seus modos de expressão e se adequar a um universo cada vez mais veloz de comunicação e informação. Portanto, antes de serem ‘inaugurados’, os diários *online* foram um produto e/ou uma consequência do mundo contemporâneo, que passou a exigir do homem um novo padrão de linguagem e representação frente a um novo espaço social de interação – a Internet. Comunicar a si mesmo – informar sobre o eu ou dar informações sobre o eu – passou para a ordem do dia. Sendo assim, digitar as próprias experiências, fantasias, emoções, sentimentos, opiniões ou visões de mundo, parece que se tornou irresistível para um crescente número, primeiro de jovens e, depois, pessoas de todas as idades.

Os estadunidenses Justin Hall e J. C. Silvério²³ são referenciados como os pioneiros na prática do ritual solitário que pouco a pouco ganhou adeptos em todo o mundo. As *homepages* de J.C. Silvério e Justin Hall revelaram-se uma espécie de confessionário onde discorriam sobre praticamente todos os aspectos de suas vidas. J. C. Silvério²⁴, uma *webdesigner* e programadora de *WebTV*, começou a escrever o diário chamado *Ceej’s Black Book* em 1994, aos 30 anos. “Decidi escrever meu diário porque eu queria tocar outras pessoas diretamente, intimamente. Porque estou fascinada pela idéia de deixar que outras pessoas saibam o que se passa em minha mente”, declarou em um *post*²⁵. Justin Hall²⁶, que estreou como escritor de diários íntimos na Rede em janeiro de 1994, aos 21 anos de idade, quando era estudante da *Swarthmore College*, no Estado americano da Pensilvânia; declarou que os motivos que o levaram a escrever um diário *online* foram a necessidade de partilhar suas experiências e a busca de companhia: “porque nós estamos sozinhos. Nós necessitamos de mais amigos ou ouvidos simpáticos, pessoas que possam ouvir nossas histórias e falar-nos as suas próprias. (...)”

²³ Sites www.links.net/webpub/whyweb.html e www.wired.com/news/news/wiredview/9825 por mim acessados em 30.11.2005, e citados também por CARVALHO, In LEMOS, PALACIOS, 2001, p.235.

²⁴ Silvério começou escrevendo o blog www.ceeblackbook.com e hoje mantém os blogs <http://snippy.ceejobot.com/> e <http://www.ceejobot.com/>. Consulta realizada em 30.06.2006.

²⁵ Do verbo *to post* em inglês que significa postar. *Post* refere-se ao registro textual editado pelo autor do blog, que aparece juntamente com a data (ordem cronológica inversa) e a hora, geralmente no padrão americano.

²⁶ Disponível na URL <http://www.sfgate.com/cgi-bin/article.cgi?file=/c/a/2005/02/20/MNGBKBEJO01.DTL>. o sítio diz que Justin Hall desistiu de fazer blog em janeiro de 2005, e destaca a dificuldade de muitos/as autores/as em continuar escrevendo por muito tempo, e revela que escrever um diário virtual para muitos/as deles/as é como um vício. Muitos/as desistem e depois de algum tempo voltam a escrever. Como aconteceu com o criador da expressão blog (segundo esse artigo), Peter Merholz. Este parou de escrever em janeiro de 2003, mas voltou a alimentar seu blog em março do mesmo ano. Ver site <http://www.links.net/re/> Justin’s Links: *Since January 1994, I’ve been using the web to publish my notes. There’s a mess of pages, some inaccuracies, a bunch of broken links, and too much information.* Consulta realizada em 16.04.2006.

Nós gostamos de ler as histórias de outras pessoas porque elas nos ajudam a afirmar a nós mesmos.”²⁷ Ora, se os burgueses dos fins do século XVIII gostavam de ler romances que retratavam seus modos de vida, isso também se repetirá de algum modo aqui. As pessoas sempre estão à procura de identificação, para sentir que não estão sozinhas no mundo, que há pessoas iguais a si com quem podem compartilhar experiências ou ao menos se identificar, pois pensam e sentem como elas. A busca pela identificação e igualdade é o que rompe com os sentimentos de solidão e incomunicabilidade tão próprios da condição pós-moderna. Antes se lia biografias em busca de heróis e modelos. Hoje, o herói é cada vez mais substituído pelo sujeito comum, à mercê das mesmas adversidades do destino, infinitamente pequeno em sua natureza frágil e dependente. A identificação está deixando de ser vertical, aquela vivenciada através dos heróis e ídolos, para ser horizontal, de sujeito para sujeito. Os blogs assinalam essa maior proximidade do humano quando alguém se dispõe a se enunciar em rede mundial, permitindo que as celebridades sejam as estrelas do cotidiano, o eu comum cada vez mais “espetacularizado”, como propôs Felipe Pena (2004, p. 39), cuja exposição da intimidade gera o *link* de identificação e um sentido de auto-semelhança com o/a leitor/a. Afinal, entender o ídolo é entender-se, é participar da teia de significações que constituem uma mesma realidade, mesmo que ela seja encenada. Para isso é preciso fazer parte da equivalência conceitual que se expressa através do símbolo, reconhecer a linguagem, estar atento às imagens, por essa razão, em geral, blogueiros/as são também leitores/as de blogs. Uma câmara de *ecos*, um sistema de relações então se estabelece. Ídolos que se seguem de palavras, homenageiam vocabulários, invocam emoções, repetem-se em um nome, cuja ressonância pode se fazer em outro e em outro. A transferência de sentido e de significado se faz na troca de “favores”, “eu leio e comento o seu blog” e em contrapartida “você lê e comenta o meu blog”.

Valendo-se então dos artifícios da palavra e da imagem, blogueiros e blogueiras empenham-se para atrair e cativar leitores/as que se aproximam e se afastam das narrativas apresentadas em seus múltiplos significados. O imaginário se estende para além dos limites do amor-próprio, e transborda constantemente entre o ético - até onde contar o vivido sem contar o vivido pelo outro, íntimo ou familiar que poderá ler também o blog? - e o estético como mostram os excertos abaixo:

Eric | Pessoal | Segunda, Fevereiro 12th, 2007
Mudanças

²⁷ <http://www.sfgate.com/cgi-bin/article.cgi?file=/c/a/2005/02/20/MNGBKBEJO01.DTL>, acesso em 16.04.2006.

(...)

Como eu disse, tenho minha consciência limpa.

Sei que ninguém daqueles que deveriam saber disso lêem esse espaço, acho que isso é até bom. Porque não quero prolongar mais a situação do que ela já vem se prolongando. Faço minha parte, até com eles. Não procurei mudar nada. Se falta sinceridade em algum lado, não é do meu. (...)

Comentários (0) <http://blog.ericmartini.com.br>

25.3.07

carta numa garrafa.

dear,

quando eu te escrevo, **finjo que te escrevo porque esta carta está aberta aos olhos de quem quiser.** aos teus, inclusive. **às vezes tenho vontade de colocar os destinatários corretos, com nome e endereço, código postal,** beijos e abraços. **só não o faço pelo medo** de que me faça sentir medo. então o que eu escrevo é uma carta atirada ao mar em uma garrafa verde de champanhe boa. quem sabe você a encontre. uma chance em um milhão de ondas. muito provável que outros a vejam. **como sei que rareiam as chances de pousar os olhos no meu correio,** te digo as verdades mais cruas. **sei que apenas você saberá do que digo.** e se um dia me pegar nas laudas, cairá numa armadilha, pois haverá dúvida se a ti endereço as cartas. porque as verdades que eu disser estarão misturadas à literatura que preparei no fogo meia hora antes. não saberá você separar o cru do cozido. e a mensagem estará perdida ou arriscada de revelação. talvez fosse mais fácil que a lesse em braille do que com teus olhos cegos para a sensibilidade. quando eu te escrevo, apenas finjo que não sou mais eu, porque continuo sendo-me todo em tudo que digo. quanto mais fingido, mais biográfico eu me obrigo a te revelar meus domínios. e só me responda se for criptografado no enigma das algas. os mistérios só entendem os mistérios. sem medo.

m.markendorf. | 7:07 PM | **meu fotolog** | **1 comments** <http://incorrespondencias.blogspot.com>

Quinta-feira, Fevereiro 22, 2007

Hoje **um amigo me contou** que foi fazer o exame da próstata. Fez piada, me contou detalhes, riu. Mas ficou vermelho. Os homens tem pavor desse exame, mas adoram contar.

...como diria Ariano Suassuna, "as coisas ruins de se viver são ótimas de se contar..."

Comment (1) | **Trackback** :: **Giorgia Sena** :: **link** :: **arquivado**

Segunda-feira, Março 05, 2007

Uma amiga me disse que **um amigo dela** tinha morrido. Pediu pra eu rezar. Eu lhe disse que tenho um certo medo de rezar pra morto. Ainda mais, pra morto que eu não conheço...

Bobeira minha, eu sei...

Comments (2) | **Trackback** :: **Giorgia Sena** :: **link** :: **Comente!**

Quinta-feira, Janeiro 18, 2007

Uma pessoa com quem eu não falava há séculos me chamou no messenger:

- Giorgia, você é advogada, né?

Pois é... Normalmente, não me importo em ajudar os amigos, dar conselhos grátis, orientações jurídicas... não gosto é que SÓ me chamem quando precisam disso. Não gosto de me sentir usada.

Comments | **Trackback** :: **Giorgia Sena** :: **link** :: **arquivado** - <http://coisasbobas.blogspot.com>

(grifos meus)

São narrativas fragmentárias e caóticas em que o eu ora se apresenta, ora se esconde, interceptado pela dúvida perene do que deseja ou pode revelar e o que deseja ou pode suprimir na exposição pública de si, voluntária e íntima, alheia e involuntária. Nesse aspecto os discursos encontrados nos blogs muito se aproximam daqueles encontrados nos diários, agendas e cadernetas. Discursos que não privilegiam o todo, mas apenas uma visão panorâmica, geral, parcial, porque pública. Desse modo, sem dúvida, as palavras se transportam, os sistemas lingüísticos se comunicam, a modernidade é experimentada, mas o intertexto que assim se cria é *superficial*, adere-se literalmente à palavra, mantém com seu/a

escritor/a um cordão que não é cortado, mas permanece tenaz e ao mesmo tempo flutuante, como são as múltiplas identidades desse sujeito. Dentre as facetas identitárias que o indivíduo pode revelar, um mínimo é permitido de ser vislumbrado entre os traços e indícios de uma escrita descontínua, no ato do escrever diário. Ao contrário das autobiografias e biografias, não tem como haver uma organização dos fatos numa relação de causa e efeito, porque no blog assim como nos diários tradicionais, essa organização cronológica da vida não se procede. Os mecanismos disponíveis pela Internet chegam ao extremo da ilusão, basta ver este *post* produzido pelo blogueiro Thiago Pedrosa, do blog *Terreiro*²⁸:

Eu não estou aqui agora

Publicado em 24.11.06.

Se vocês estão lendo isto, é apenas por causa da mágica do WordPress, que me permite agendar um post para uma data futura. Na verdade, eu nem cheguei perto de um computador hoje, nem ontem, nem anteontem. Isso foi escrito antes de eu ser cirurgiado. Perturbador, não?

Esse *post* deixa ver-se uma ilusão temporal permitida por ferramentas disponíveis em *softwares* especializados para a realização de artimanhas vivenciais, além da vontade do sujeito de surpreender, brincando com as noções de tempo e espaço, no movimento esquizofrênico dos fragmentos de vida depositados na Rede, de uma subjetividade que se delinea no narrar diário do que está sendo vivido sem projetar sentidos. A escrita permite entrever o sujeito que parece estar se estilhaçando em fragmentos dispersos, cuja velocidade de expressão e a unidade do corpo total tenderiam para uma construção desarmônica que delegaria sua junção e sentido somente ao sujeito receptor. Nesse novo espaço biográfico tão apenas o sujeito leitor/a poderia atribuir um sentido para os registros efetuados - num movimento semelhante àquele registrado nas agendas - interpretando imagens, escritas fugidias ou qualquer outro elemento paratextual a que o autor tenha recorrido para seu apontamento subjetivo.

Muitas das características encontradas na escrita das agendas, diários e cadernetas também estão presentes nesse novo processo escritural, como aquelas tomadas de empréstimo da arte, abordadas no primeiro capítulo, que assinalam outros recursos de expressão do eu, mais adequados ao ritmo da vida contemporânea porque mais velozes e criativos. Os blogs são marcados pelos efeitos do *não-acabado*, do constante processo de vir a ser instituído pelo princípio de aceleração imperativo da comunicação realizada na Internet. Outra característica é o caráter *fragmentário* da escrita encontrada nos blogs recheados de impressões rápidas, econômicas, embaçadas, apenas esboçadas, cujo sentido de incompletude pretere o valor do

²⁸ <http://terreiro.net>

detalhe ou o coloca no mesmo plano, fazendo parte de um conteúdo total, de conjunto caótico que não privilegia o todo, mas apenas uma visão panorâmica, geral, parcial, porque pública. Dentre as múltiplas identidades que o indivíduo pode revelar, um mínimo é permitido de ser vislumbrado na anarquia do biografar diário do blog. Nessa confluência do não-acabado com o fragmentário manifesta-se o traço contemporâneo da *insignificância* ou *perda de sentido*. Essa velocidade de expressão e o privilégio do conteúdo total tendem a uma construção desarmônica que posterga seu sentido e o transfere ao sujeito leitor/a. No espaço biográfico do blog, cabe a este/a atribuir um sentido para os registros ali encontrados, interpretando textos e elementos paratextuais. Atuação que, aliás, reveste o/a leitor/a de poder, tanto quanto o/a blogueiro/a que produz o blog usando do critério da *autonomia*. Tal como na produção artística moderna, é o critério da *autonomia* que garante ao/à autor/a a reflexividade e a circularidade do ato criativo, exigindo uma consciência crítica que pode deixar de reconhecer aspectos como código ou assunto exteriores a sua arte, e faria ele/a mesmo suas próprias regras e modelos. Ora, o percurso apresentado pelos blogs, assim como ocorreu com diários e agendas, mostra o quanto esses espaços textuais tanto se manifestam sem formas ou normas fixas, não exatamente por força de uma consciência crítica ou artística, mas muito mais por um acordo tácito e involuntário do fazer biográfico, cuja produção mostra-se completamente desprovida de regras, permitindo instituir-se no modelo que o seu portador ou sua portadora desejar.

2.1 – Um lugar sem censura para a livre expressão do eu

Considerado um território livre e democrático, o blog então vem se revelando esse lugar de manifestação de um “eu” disposto a falar de si, a se mostrar. Uma vez surgido como superfície textual capaz de dar conta das narrativas desse novo eu sem uma identidade fixa, essencial ou permanente (HALL, 2005, p 12) o blog configura-se, ao mesmo tempo como espaço que pode ser “cruzado” num piscar de olhos e lugar que permanece fixo, permitindo ao sujeito uma zona de conforto onde pode deixar-se descansar e sentir-se em casa. “Finalmente eu tinha bastante lugar para contar as grandes histórias da minha vida. Eu senti como se tivesse um lar também,”²⁹ foi a experiência de outro pioneiro da blogosfera, Derek Powazek (*In PERSEUS*, 2002, p.3). O blogueiro que em seguida se lançou a teorizar sobre blogs e comunidades virtuais, diz que considera o blog como a *mother lode* da auto-

²⁹ No original: *I had plenty of places to tell the big stories of my life. But the little, fleeting thoughts now had a home, too* (tradução minha).

expressão. “O único lugar em nossas vidas em que nós (as pessoas com sorte o bastante em ter acesso) podemos dizer tudo o que quisermos sobre qualquer coisa que queiramos.”³⁰

No Brasil, o blog de Renato Pedroso Junior, *O diário da megalópole by Nemo Vox*³¹ criado em 31 de março de 1998 é citado como sendo o primeiro³² blog brasileiro escrito em português.³³ O blogueiro conta que a idéia para criar sua *homepage* surgiu da vontade de ter um espaço para contar sua adaptação em São Paulo, para onde tinha acabado de mudar.

Eu estava de mudança para São Paulo e queria um espaço mais descompromissado para contar minhas descobertas na cidade, os filmes que assistia, as exposições que visitava, coisas assim. A idéia de fazer isso em forma de diário me pareceu natural. Na época em que fiz o *Diário da megalópole* não existiam ferramentas para criar weblogs automaticamente. Eu fazia tudo em HTML mesmo, usando o Notepad do Windows. Bem depois, já com o Por um Punhado de Pixels, usei o Blogger. Atualmente uso o Movable Type.³⁴

Mantendo atualmente o blog *Por um punhado de pixels*³⁵ Nemo Vox como é conhecido, escreve sobre tecnologia, música, cinema. O pioneirismo brasileiro, no entanto, é creditado a outra pessoa, a gaúcha Viviane Vaz de Menezes, apontada como a primeira brasileira a escrever um blog, em fevereiro de 1998, tendo criado o *Delights to Cheer*, onde escrevia em inglês.

Meus primeiros dias foram em fins de 1994, com meu primeiro computador e BBS... Mal estavam começando a surgir provedores de Internet, os sites ainda engatinhavam, não havia todas essas frescuras de CSS, scripts mil, etc...:) Eu navegava via Lynx, acessava BBS, olhava meus e-mails, falava com alguns amigos que foram pra longe. E em 96, quando tropecei nalguns diários na Internet, descobri que tinha toda uma comunidade em volta disso lá fora. Foi como achei uma boa maneira de manter os amigos de longe atualizados.³⁶

A usuária conta ainda que “eram diários mesmo porque eu escrevia tudo o que se fala em um diário de papel. Links apareciam de vez em quando, para outros companheiros "journalers", como o pessoal se chamava lá fora. A diferença é que era tudo feito

³⁰ No original: *The one place in our lives that we (as people lucky enough to have access) can say whatever we want about anything we want*, (tradução minha).

³¹ <http://www.nemonox.com/megalopole/> acessado em 22.02.2007.

³² Ou devo dizer “um dos primeiros” já que é impossível afirmar com precisão quando surgiu o primeiro blog brasileiro.

³³ revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,,EDG74942-5856,00.html 25 momentos da blogosfera brasileira, exclusivo online, ed. 428, 31.07.2006. Disponível em http://72.14.209.104/search?q=cache:TIGcuRTgVPoJ:revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,,EDG74942-5856,00.html+blog+Tas+primeiros+blogs+brasileiros&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=3&gl=br&lr=lang_pt <http://web.archive.org/web/20030418225153/www.pl4y.com.br/players/ler.asp?id=51973> acessados em 22.02.2007.

³⁴ <http://web.archive.org/web/20030115173928/www.pl4y.com.br/players/ler.asp?id=51814> acesso em 24.02.2007.

³⁵ <http://www.nemonox.com/ppp/> acesso em 22.02.2007.

³⁶ <http://web.archive.org/web/20030418225153/www.pl4y.com.br/players/ler.asp?id=51973> acesso em 24.02.2007.

manualmente, geralmente um texto longo por dia, com links para o dia anterior, o seguinte, os arquivos e outros journals...³⁷ Ela manteve posteriormente o blog *White Noise*³⁸ o qual não é atualizado desde 04 de junho de 2002, e o Fantasma nas Brumas - o blog de Vi Chan, que também não recebe atualizações desde 05 de dezembro de 2002. Outra pioneira da blogosfera, Rebecca Blood (*In PERSEUS Publishing*, 2002, p. 9), ao relatar sua experiência, também revela que encontrou lugar para falar de si, contar suas histórias. “Blogs são o lugar para histórias diárias, reações (im)passionais, detalhes mundanos e miscelânea,³⁹ resume. Ela criou o *Rebecca’s pocket*⁴⁰ que hoje aparece como um portal que reflete a vida dinâmica de uma jovem escritora e conferencista guindada pela sua atuação como blogueira de sucesso. O blog criado em abril de 1999 é atualizado quase que diariamente até hoje e está incluído no ranking dos 150 melhores do *Technorati*,⁴¹ escolhidos entre 10 milhões de weblogs rastreados.

Se na década de 90 os motivos que levaram pessoas como Hall, Silvério, Menezes, Pedroso Jr. - seguidos por Powazek, Barret e Blood - a iniciar a partilha de suas escritas íntimas com leitores virtuais foram aqueles apresentados acima, pouco ou nada parece ter mudado nos diários virtuais que podemos encontrar na Rede anos depois. Atestado disso vem da declaração da blogueira mato-grossense que assina seus posts como Vanessa Lampert⁴²: “Nada substitui o blog para mim. Um espaço só meu, onde eu faço o que eu quiser, escrevo o que eu quiser posto fotos da minha cara e ainda encontro quem leia e acha legal :)”. Ou da estudante de Direito, Karla Valesca Lampe, gaúcha que criou o blog *Alampelife* para ter, segundo ela⁴³, “(...) um lugar onde pudesse me distrair, pensar em outras coisas além da correria do dia-a-dia. Às vezes, eu posto o que eu senti naquele dia, coisas que vi ou que achei importantes. (...) Queria algo que eu pudesse deixar exatamente do jeito que eu quero, que refletisse a minha personalidade, o que penso e sinto. Posso dizer que ele é uma parte de mim⁴⁴. Assim, o blog passou a ser um lugar, como as cartas, diários e agendas, de auto-

³⁷ Idem, mesma data de acesso.

³⁸ <http://web.archive.org/web/20020607020652/www.wiredkitsune.net/weblog/index.html>
<http://web.archive.org/web/20021205113619/www.wiredkitsune.net/weblog/> acessados em 22.02.2007.

³⁹ No original: *Weblogs are the place for daily stories, impassioned reactions, mundane details, and miscellanea*, (tradução minha).

⁴⁰ <http://www.rebeccablood.net/portal.html>

⁴¹ <http://72.14.209.104/search?q=cache:d3LRO6zDMWIJ:technorati.com/claim/wrkhzk75be+Technorati+Rebecca+Blood&hl=pt-BR&ct=clnk&cd> consulta realizada em 25.02.2007.

⁴² <http://www.maquinando.blogger.com.br>, consulta realizada em 14.02.2007.

⁴³ www.alampelife.weblogger.terra.com.br, *IHU online*, 13.06.2005:

⁴⁴ A manifestação da blogueira me remete a uma passagem de “O esboço de uma nova teoria da alma humana”, em *O Espelho*, de Machado de Assis (1994, p. 82), quando diz: “A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a

(re)conhecimento, de constituição do sujeito, de um saber de si. Sob essa perspectiva, os dizeres de si mesmo nascem no movimento de mulheres e homens que, ao passarem pela vida, constroem e reconstróem discursos auto-referentes. As identidades que se fundem e se apresentam ao longo do fazer narrativo e através de processos inconscientes estão ali também colocadas. Existe sempre algo de imaginário ou fantasiado sobre sua unidade. As identidades permanecem sempre incompletas porque estão em constante movimento de formação (HALL, 2005, p. 38). Desnudar-se diante do teclado pode então ajudar aquele/a que escreve a, revelando-se, descobrir-se, mas também manifesta o desejo de um “cuidado de si”, só que agora a partir de um novo movimento de consciência. A leitura de blogs como o da publicitária pernambucana, Lica, de 24 anos, *Bem aqui assim* mostra a intensidade e urgência dessa busca de auto-(re)conhecimento quando fala sobre si - mesmo fazendo uso da 3ª pessoa do singular - no perfil de apresentação de seu blog:

(...) 24 anos, uma família legal, um namorado que ama, duas cadelas, três jabotis, uma gata e uma carteira de motorista que ainda sente medo de usar. Adora chocolate. Tem amigos que estão sempre por perto. Publicitária. Redatora. (...) Tem sido difícil virar gente grande. **Ela** procura uma especialização, um rumo, uma idéia, uma solução instantânea, um caminho pra Terra do Nunca⁴⁵ (grifo meu).

A narrativa em terceira pessoa reforça, em minha opinião, um olhar de fora, as identidades que ela enuncia como sendo dela, olhadas por alguém não tão próximo, um olhar já tranqüilamente colocado no/a leitor/a onipresente típico da blogosfera. As identidades da blogueira passam a ser vislumbradas por uma impressão (nos dois sentidos do termo) exterior a ela. Mas se a brasileira Lica sente dificuldades para, aos 24 anos, tornar-se “gente grande” e encontrar um rumo para sua vida, *blogar* deu a Rebecca Blood um aporte à sua personalidade e, com isso um melhor conhecimento de si:

Pouco depois de começar a produzir o *Rebbecca's Pocket*, notei dois efeitos pelos quais não esperava. Primeiro, eu descobri meus próprios interesses. Eu pensava que sabia sobre o que me interessava, mas depois de postar por alguns meses, pude ver que (...) eu era muito mais interessada em ciência, arqueologia, e debates sobre injustiças, como jamais tinha imaginado. Mais importante do isso, eu comecei a dar mais valor ao meu próprio ponto de vista. Ao compor meu *linktext* cada dia, eu

primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira.”

⁴⁵ Acesso em 14.01.2007.

considerava cuidadosamente minhas próprias opiniões e idéias, e comecei a sentir que minha perspectiva era única e era importante. (BLOOD, 2002, p.12-13)⁴⁶

Esta perspectiva de reforço das próprias opiniões, de dar ênfase ao seu modo particular de ser e estar no mundo pode ser encontrada na maioria dos blogs pessoais, de acordo com o relato de suas/seus escritoras/res e conforme suas narrativas amadurecem com a postagem de textos ao longo do tempo. Tal perspectiva me remete à prerrogativa da escrita enquanto cuidado de si numa relação que se aproxima ou é bastante semelhante àquela do conceito de *epiméleia heautoû* detalhada por Michel Foucault do cuidado de si enquanto forma de atenção-, de olhar, e também de ações que são exercidas de si para consigo e pelas quais o sujeito se assume, se modifica, se purifica, se transfigura. Uma atividade, uma prática talvez como a meditação, a (re)memorização do passado, as técnicas de exame de consciência, de verificação e representação na medida em que elas se apresentam ao sujeito e ao outro, numa relação de troca que converte o olhar do exterior, dos outros, do mundo, para o “si mesmo” e vice-versa. “O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento. Há um parentesco da palavra *epimeléia* com *meléte*, que quer dizer, ao mesmo tempo, exercício e meditação” (FOUCAULT, 2006, p. 14).

Esse aspecto pôde ser comprovado na pesquisa qualitativa que empreendi com a leitura de centenas de blogs para chegar à definição de um *corpus* para a realização deste trabalho. Trata-se de uma análise literária com reservada atenção também às premissas da Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme abordada por Viviane Maria Heberle (2000). A ACD é utilizada na investigação de fenômenos discursivos por representar uma alternativa multidisciplinar de estudos da linguagem e práticas sociais. Heberle se apóia na proposta de Fairclough para quem qualquer texto “é multifuncional, pois representa uma fatia da realidade, constrói identidades e estabelece relações entre os interlocutores do discurso” (*apud* HEBERLE in FORTKAMP, TOMICHT, 2000, p. 205), tal como ocorre, no meu entender, com os blogs pessoais hoje. Levo em conta também que a ACD dedica-se à análise lingüística, semiótica e do discurso de textos, pois são esses eventos discursivos e práticas sociais que se apresentam como ação, representação e identificação, mostrando-se assim um bom método de análise da relação dialética entre o discurso (incluindo a linguagem e outras

⁴⁶ No original: *Shortly after I began producing Rebecca`s Pocket, I noticed two side effects I had not expected. First, I discovered my own interests. I thought I knew what I was interested in, but after linking stories for a few months, I could see that I was much more interested in science, archaeology, and issues of injustice than I had realized. More importantly, I began to value more highly my own point of view, In composing my linktext every day I carefully considered my own opinions and ideas, and I began to feel that my perspective was unique and important.* (tradução minha).

formas semióticas) e demais elementos de práticas sociais, já que, nos blogs as figuras, desenhos, fotos, e todas as formas de comunicação visual bem como a linguagem verbal expressam diferentes interpretações da realidade e diferentes formas de interação social. São esses materiais que também fazem parte da composição dos blogs e criam significados de acordo com as condições histórico-culturais do contexto de onde o/a blogueiro/a produz seu discurso. Em acordo com Viviane Heberle, considero a Análise Crítica do Discurso um arcabouço teórico relevante para, em associação com uma percepção literária dos blogs em estudo, analisarem-se esses textos midiáticos porque os discursos são integrados com as relações sociais e certamente são influenciados por variáveis como classe, gênero, idade, etnia, ocupação, *status* econômico e intelectual, e por normas de diferentes instituições, sendo assim “a ACD como método para a análise das dimensões *texto, prática discursiva e prática social* forma um constructo capaz de atender a essas variáveis em nossa percepção multifacetada da realidade” (HEBERLE in FORTKAMP e TOMITCH, 2000, p. 296). Tais categorias, inclusive, me ajudarão a identificar o lugar de enunciação do masculino e do feminino, um dos critérios que adotei para a seleção dos blogs que farão parte deste estudo.

A definição dos critérios de seleção dos blogs deu-se a partir de alguns elementos relativos às escritas de si, descritas na primeira parte deste trabalho, mas principalmente a partir das características intrínsecas e extrínsecas facilmente verificáveis nos blogs pessoais, como procurarei, a seguir, melhor explicitá-los. O **primeiro** critério refere-se à nacionalidade dos autores/as, que deveriam ser brasileiros, e conseqüentemente, os blogs selecionados deveriam apresentar-se na língua portuguesa brasileira, porém observo que não há como aferir a real nacionalidade dos/as autores/as, pois os sites dos provedores podem ser acessados na língua que o usuário desejar. O **segundo** critério diz respeito ao conteúdo dos blogs, sendo os pessoais a apresentação de minha escolha, o que significa que deveriam apresentar, predominantemente, discursos auto-referentes. Tais discursos aparecem, geralmente, sob a forma de descrições do cotidiano do/a próprio/a blogueiro/a, como relatos de experiências vividas, reflexões sobre a vida e os sentimentos, relações afetivas, ou, ainda, como descrições dos estados físicos e emocionais, mas também através da redação de crônicas, prosas poéticas e poesias. Esses elementos representam manifestações da escrita de si cuja aparição nos blogs visitados foi considerada, passando, desta forma, a critério de seleção. O **terceiro** critério refere-se ao gênero do/a autor/a dos discursos, ou seja, optei por três blogs cuja autoria fosse declaradamente feminina, e três cuja autoria fosse declaradamente masculina, com o intuito de que esses fossem representativos dos diferentes discursos proferidos por cada gênero. Assinalo, no entanto, a impossibilidade de afirmar com certeza se quem escreve o blog é

homem ou mulher, tendo em vista a possibilidade do anonimato e uso de pseudônimos. O gênero foi inferido tomando-se como base o nome do blog e as autodescrições do/a autor/a, geralmente mostradas na página inicial do blog e nos trechos que indicam as postagens, os textos auto-referentes encontrados, e, ainda, as fotos postadas como sendo do/a autor/a. Penso que estas informações indicam o gênero dos discursos contidos nos blogs. Essa escolha também se justifica pelo fato de que, ao contrário dos estudos da tradição dos diários íntimos, desejo mostrar que nos blogs as duas vozes – masculina e feminina – convivem e se desenvolvem em relativa igualdade no ambiente virtual. O **quarto** critério diz respeito à quantidade de comentários e de número de visitas que o blog recebe. Ao longo do processo de leitura dos blogs constatou-se que aqueles cujo discurso permanece mais fechado na zona da experiência íntima, estritamente na narração de si, com opiniões e comentários sobre a experiência e o cotidiano de quem escreve, são os que menos atraem o registro do/a leitor/a com a postagem de comentários, e são os que tendem a “morrer”, pois desestimulado/a pela falta de *feedback*, o/a autor/a pode apagar, retirar o blog da Rede quando bem entender, ou simplesmente abandoná-lo, deixando de atualizá-lo. Bem por isso, vinculada a esse critério, está a necessidade de que os blogs deveriam apresentar possibilidades de interação, seja através da seção *comments*, do e-mail do/a autor/a ou, ainda, dos *links* para outros blogs. Além desses critérios, buscou-se para esta pesquisa, blogs que tivessem seus registros atualizados, no mínimo uma vez por semana. Porque, este, que na verdade é o **quinto** critério de seleção, foi considerado um indicativo da relação que o/a autor/a mantém com seu blog - inserindo-o em seu cotidiano e, também da importância que esta forma de escrita possui na vida dele/a.

Para realizar uma leitura mais atenta e sistemática do conteúdo a ser analisado e pelo fato dos blogs escolhidos apresentarem um grande volume de publicação, optei pela coleta e impressão dos registros publicados no período de três meses retroativos a data do acesso à página, porém não sem antes lê-los na íntegra (desde a data de inauguração do blog até os últimos dias em que estive escrevendo esta dissertação), a fim de conhecê-los em todo seu conteúdo.

Retomando as questões que levantei no final da seção sobre diários íntimos e agendas, desejo ainda demorar o olhar sobre a performatividade do sujeito que escreve o blog adotando por essa via uma posição de enunciação. Ou seja, é ali que o sujeito está se produzindo e sustentando. É esse lugar que dá as condições de fala ao indivíduo que deseja mostrar-se a um impensável número de leitores/as proporcionado pela Internet, e que o faz adotar uma posição de enunciação ora premeditada, ora, talvez até inconscientemente, espontânea. Essa é uma

das razões que me levou a escolher trabalhar com blogs de autorias que se declaram femininas e masculinas, pois a blogosfera é um ambiente propício ao desenvolvimento de enunciadores de diversos tipos, performativos ou espontâneos, e que desejam, antes de tudo, uma superfície pública para mostrar-se. Levo em conta ainda que o anonimato é a prerrogativa da blogosfera, da origem das narrativas, sendo assim, não há garantias de fidelidade à uma origem enunciativa, porque ainda que escrever e falar sejam ambos atos do corpo, a marca do corpo que se lê no texto escrito nem sempre deixa claro de quem é o corpo. O ato da fala, em contrapartida, se realiza corporalmente e a simultaneidade da produção e da exteriorização da expressão não somente comunicam o que se diz como também mostra o corpo como um instrumento privilegiado da expressão retórica. Nas palavras de Judith Butler, apresentadas por Maria Luisa Feminias (2003, p. 116), o excesso do discurso deve-se ler junto com – e às vezes contra – o conteúdo proposicional do que se disse. Logo, a relação ato de fala/ato de corpo coloca junto ao corpo seus gestos, sua estética, seu saber inconsciente, como o lugar da reconstrução do sentido, sem o qual a realidade social não pode constituir-se como tal. Se diante do blog o/a leitor/a não pode contar com os sinais do corpo falante, mas compactua com ele o gênero da fala, a intenção do discurso, a pergunta que se impõe é: quais são os limites da performatividade?

Judith Butler (*apud* Feminias, p. 116) afirma que o gênero-sexo binário não é o que o sujeito diz ser ou ter, nem é pré-discursivo nem anterior e independente à cultura, tampouco é politicamente neutro, mas certamente é um resultado político. Portanto, trata-se de uma função do discurso que estabelece os limites de sua análise e que pressupõe e legitima as possibilidades e configurações imagináveis e realizáveis do sexo-gênero numa determinada prática cultural, todavia da escrita de si. Do mesmo modo que dissimular o sexo-gênero, o/a blogueiro/a pode adotar a *performance* que desejar quanto a pessoa que é, desde a escolha das características de suas múltiplas identidades que quer deixar vir à tona e revelar ou aquelas que quer abafar, deixar submersas ao texto. Assim, se uma blogueira decide criar um blog chamado *Mafauda, a caipira do vidrinho* e outro blogueiro criar o *Diário de um liso* (liso no sentido de pobre) eles terão sempre o trabalho de usar nesse blog um vocabulário (“Uai xô” ou “*digrátis*, eu adoro essa palavra”) e figuras que remetam a esses personagens. Por isso meu trabalho também terá esse cuidado em verificar que personagem esse sujeito deseja incorporar e revelar.

A partir dessas constatações, tomo o ciberespaço como o berço de efervescência desse peculiar “diário” para chegar ao que de si o sujeito contemporâneo tem revelado, mas sempre restando outras margens, fissuras e rompimentos a serem investigados nesse processo de

constituir a si no exercício da escrita. Para isso, partirei da análise de seis - já que meu critério não é estatístico e sim de análise dos processos de significação - blogs pessoais que selecionei para compor o *corpus* da pesquisa qualitativa que sustenta este estudo. Como o objetivo é investigar um universo limitado de blogs de autoria declaradamente brasileira, justifico a inclusão neste trabalho dos blogs escritos por estadunidenses abordados no capítulo anterior, por atribuir-lhes determinada importância em razão de serem as primeiras experiências registradas em *homepages* e blogs, e também por já terem sido sistematizadas em bibliografia de que me utilizei e muito colaboraram para a melhor compreensão desse universo tão amplo e diversificado que são a Internet e a blogosfera.

Importante destacar que meu interesse não é o de encontrar respostas nos blogs que são “sucesso de audiência” na blogosfera - aqueles que de tão populares viraram livros tornando-se, por conseguinte, também sucessos editoriais – mas sim investigar como se dá a construção de identidades e subjetividades no interior de uma problemática do sujeito que encontrou no blog um meio de se expressar. Meu foco é a auto-representação naqueles blogs que, ao contrário dos “campeões de audiência”, tendem a desaparecer por falta de leitores. Nesse lugar onde, ao mesmo tempo o falar de si e a intimidade escancarada são o objetivo e objeto principal em cena, paradoxalmente se os blogs pessoais se resumem a isso correm o risco de não cultivarem leitores levando seus autores/as desmotivados/as a abandoná-los. Assim, essa superfície constitutiva do blog já aponta para o si mesmo como um lugar de negação. Em vista disso vou abdicar de me deter - apesar de tê-los lido por algum tempo no período em que fazia a seleção dos blogs para este estudo e reconhecer valor neles para diferentes estudos - em blogs conhecidos como [www.brunasurfistinha](http://www.brunasurfistinha.com), www.interney.net, <http://catarro.blogspot.com>, www.blogdonoblat.com.br, <http://www.gardenal.org/inagaki>, www.cocadaboa.com/, <http://garotasquedizemni.ig.com.br/>, ou ainda tantos outros que fazem parte do fenômeno *blog boom* no Brasil e temperam seus *posts* com opiniões sobre sexo, tecnologia, política, jornalismo, esportes ou fofocas e ampliam ainda mais a inclassificável miscelânea de opções da blogosfera.

A pesquisa apresentada neste trabalho objetiva investigar como o indivíduo contemporâneo está se utilizando dessa nova superfície textual para constituir-se enquanto sujeito. As similaridades e diferenças entre os blogs e as formas tradicionais de escrita do eu são também consideradas tendo em vista que a narrativa de si acolhida pelo blog já nasce com o intuito de ser aberta aos olhos de todos aqueles que tiverem acesso à Internet e desejarem ler, enquanto outras formas de escrita de si como, por exemplo, os diários, eram destinadas, na vasta maioria das vezes, ao segredo desde sua concepção, ou para, no máximo, serem

revelados somente após a morte de quem os escreveu, gerando, mesmo assim, o fetiche do acesso ao proibido, tão em voga no meio literário.

Após o acesso e leitura de centenas de blogs para chegar àqueles que atendessem aos critérios desta pesquisa, passo agora à análise dos objetos selecionados, os quais relaciono a seguir com algumas informações disponíveis em seus conteúdos.

De autoria feminina

Blog	Autor	Período coletado	Data de Acesso	Data de criação
<i>Doida de marluiques</i> http://www.doidademarluiques.blogspot.com	Marla de Queiroz, 24 anos, RJ	23.02.2007 a 23.11.2006	23.02.2007	Criado em 19.01.2006
<i>Coisas bobas</i> http://coisasbobas.blogspot.com	Giorgia Sena, 34 anos, Florianópolis, SC	05.03.2007 a 05.12.2006	05.03.2007	O primeiro <i>post</i> é de 28.10.2001.
<i>Maquinando</i> http://maquinando.blogspot.com	Vanessa Lampert, 28, casada, Porto Alegre, RS	28.02.2007 a 29.11.2006	28.02.2007	Desde 02/2003, tendo mudado o nome e <i>template</i> do blog algumas vezes.

De autoria masculina

Blog	Autor	Período coletado	Data de Acesso	Data de criação
<i>Incorrespondências</i> http://incorrespondencias.blogspot.com	Marcio Markendorf, 26 anos, Florianópolis, SC	01.03.2007 a 03.12.2006	01.03.2007	Desde 12 de julho de 2005, data do primeiro <i>post</i> .
<i>Diário de um liso</i> http://www.diariodeumliso.blogspot.com	Whelborny Daijiro Inoue, 28 anos, Natal, RN	13.03.2007 a 13.12.2006	13.03.2007	O primeiro <i>post</i> é de 20.09.2005.
<i>Terreiro</i> http://terreiro.net	Thiago Pedrosa, 25 anos, Natal, RN	28.02.2007 a 13.11.2006	28.02.2007	Escreveu seu primeiro <i>post</i> em 11.08.2003.

III – A CONSTRUÇÃO DE UM EU VIRTUAL

Após a incursão na blogosfera cuja leitura de blogs de todos os tipos resultou nos critérios e modo de condução desta pesquisa, uma das primeiras constatações foi a de que, ao contrário de quem escrevia diários, e, em alguns casos, as agendas também, o objetivo de quem escreve um blog é ser lido. Nas narrativas dos blogs selecionados para o desenvolvimento deste trabalho pude verificar que a principal meta de seus/suas autores/as é ter seus textos lidos e provocar a manifestação de seus/as leitores/as através da postagem de comentários: “(...) quando não comentam eu fico com a impressão de que não leram os textos, só recebi um comentário em cada post de ontem. Eu tenho que reclamar, é claro, porque se não quisesse feedback não teria o espaço para comentários....aliás, se não quisesse ser lida não escreveria um blog!”, choraminga Vanessa Lampert, autora do blog *Maquinando* quando ainda mantinha apenas o blog *Another Monster*. A blogueira que escrevia sob o pseudônimo de *Sunflower* abandonou o blog em 30 de setembro de 2003. Decepcionada com a falta de recepção e audiência e queixando-se de problemas com o provedor, a blogueira criou o domínio *Maquinando*⁴⁷ cujo *layout* diferente do antigo, estilo da narrativa e a exposição das próprias fotos têm o objetivo de alavancar a audiência. Com seu antigo blog ela faz parte da comunidade do site de relacionamentos Orkut, *Blogueiros Fracassados* que reúne 589 membros⁴⁸. A falta de *feedback* nos blogs faz prosperarem outras comunidades como a *Ngm comenta o meu blog/flog* com 662 membros e *Odeio quando ã tem comentário* com 1360 membros, criadas para o apelo e desabafo de blogueiros/as que não atraem a atenção do público tanto quanto gostariam.

O fato de o/a leitor/a não cifrar sua visita com o registro de comentário no blog visitado permite ainda uma outra análise, aquela do/a leitor/a oculto/a, *voyeur*, que passou apenas para espiar a intimidade exposta e saiu sem dizer nada, fato muito comum nessa nova ordem textual. Por isso, o/a blogueiro/a pode instalar o “contador de acessos,” um dispositivo que marca o número de visitas que a página recebeu e cujos resultados nem sempre correspondem ao número de comentários postados.

⁴⁷ www.maquinando.blogger.com.br

⁴⁸ Consulta realizada em 24.01.2007.

Além de procurar divulgar seus blogs em comunidades e estar *linkados*⁴⁹ ao maior número possível de outros blogs, essa urgência por leitores mobiliza os/as blogueiros/as a abusarem da criatividade na composição de blogs cada vez mais cintilantes, criativos e coloridos, muitas vezes em contraste com uma narrativa capenga, desprovida de maior brilho ou apuro textual. Entre as estratégias para arregimentar leitores está a prática de visitar outros blogs para que os/as autores/as desses retribuam a gentileza.

O blog passou a ser um espaço do subjetivo que abarca o/a sujeito blogueiro/a, envolve-o, invade-o. Que o constitui, apesar de semelhante, como radicalmente diverso dos demais. É um espaço que o marca como singular no imenso e plural ciberespaço. Espaço também singular que permite testar, experimentar novas linguagens, manipular signos, brincar com a construção de discursos e fragmentar a comunicação em códigos privados. A narrativa autobiográfica encontrada ali delimita, contorna, desenha o sujeito da nova era e deflagra uma forma peculiar de falar de/sobre o si. O modo com que o sujeito constrói seu blog está estritamente relacionado ao seu modo de ser e estar na blogosfera, no mundo. As escolhas que faz para compor o blog enquanto instrumento de comunicação de si o denuncia, o declara. *Gifs, templates, blinkies* são alguns termos que nomeiam itens disponíveis para personalizar e dar “vida própria” aos domínios pessoais. *Sites* como o <http://www.blogs.com.br> reúnem uma lista de outros blogs tais como <http://dragonfly.just-magic.net/> e o <http://www.magiagifs.com.br>⁵⁰ criados por também blogueiro/as, para oferecer “tudo para deixar o seu *blog* com a sua cara.”⁵¹ Dos sítios mencionados o/a blogueiro/a pode importar recursos específicos a fim de criar *layouts* e fazer parcerias para incrementar cada vez mais seu diário virtual. Assim, o blog situa-se a partir do espaço de singularidade que o/a blogueiro/a passou a criar para constituir-se enquanto sujeito, sendo, portanto, produto da era cibernética em que vivemos e passando a marcar um dos modos pelo qual ele/a pode dar conta de sua própria história, criando um ponto de conexão com um contexto mais amplo da História enquanto memória da humanidade. Penso que a reconstituição dessa vida contada, ou se quisermos, criada na cibercultura, mesmo que ao longo de um determinado período de tempo, passa a ser um meio privilegiado de dar testemunho da própria existência. Se um blog

⁴⁹ Estar *linkado* é ter o nome do blog visível em outros blogs, podendo ser acessado a um simples clicar do *mouse*.

⁵⁰ Acessos aos três sítios realizados em 22.01.2007.

⁵¹ Texto de apresentação do blog: “Totalmente dedicado a *layouts, fanlistings* e *wallpapers* para vc incrementar seu blog, site ou *desktop*! Comecei a fazer este *site*, pois achava um desperdício guardar todas as minhas “criações” no meu PC, sem poder compartilhá-las com ninguém...Sinta-se à vontade para utilizar o que quiser! A ÚNICA REGRA é sempre linkar a imagem e/ou *layout* para cá: <http://dragonfly.just-magic.net>. Fique ligado nas atualizações! Espero que gostem do meu trabalho e voltem sempre :) Maripê - a.k.a DragonflyGirl xD” * [blog](#) * [fotolog](#) * [orkut](#) * Consultas realizadas em ambas as páginas em 22.01.2007.

apresenta imagens de fadas e gatinhos cor-de-rosa enquanto outros expõem *animes* e *mangás*⁵² ou desenhos feitos pelo/a próprio/a blogueiro/a ou ainda as próprias fotos, isso diz mais do que gostos e preferências, essas escolhas estão inscritas no relato autobiográfico, no plano do interminável onde a escrita, embora calcada na superfície nada plana da memória espacial e temporalmente finita, retrata um *locus* de identidade no qual o sujeito tenta se definir, pois sempre o sujeito está ali implicado. A marca do sujeito está posta nos seus percursos, nas suas escolhas, até mesmo na opção de narrar fragmentos de sua história, prendendo-se narcisicamente a discursos e acontecimentos, como pilastras nas quais o eu pode se sustentar, mesmo que por um curto ínterim de tempo antes de resvalar novamente. Com suas diferentes formas de relatar a vida, os/as blogueiros/as dos sítios analisados vão permitindo espiar pelo buraco da fechadura e acompanhar o que eles/as querem contar, deixar ler e ver sobre seu cotidiano: o trabalho, as viagens, os estudos, as festas, os problemas de saúde, os sentimentos e opiniões, os gostos culinários, literários, musicais ou sensoriais, os amores e humores, as tristezas, os lutos, os aborrecimentos, as ocupações, as preocupações e orações. Com base nessa leitura procurarei interpretar os blogs selecionados a partir de seus aspectos intrínsecos e extrínsecos, por assim dizer, da forma e do conteúdo. Assim, como detectado em outras narrativas de si, os enunciados se entrelaçam e se contaminam fazendo inviável qualquer classificação mais rigorosa e restritiva e tornando inconclusa qualquer tentativa de conclusão a respeito de seu tipo de escrita. Divididos entre vários estilos, os blogs pessoais se aproximam de uns, se afastam de outros, mas sempre acabam tendo um pouco de cada um deles borrando seus limites. Por exemplo, mesmo aqueles que se propõem blogs literários, sempre acabam suportando a narrativa da última bebedeira de seu/sua autor/a, ou o desabafo provocado por uma desilusão amorosa ou fim de um romance. Ou seja, o que encontramos nos blogs se institui na conhecida forma sem normas dos diários tradicionais, que impossibilita qualquer categorização e enquadramento.

3.1 - Um recorte de gênero

Como depositar o olhar sobre a auto-representação do sujeito no ambiente cibernético atentando para a manifestação do gênero é um dos objetivos deste estudo, retomo o exemplo do blog *Links for underground* onde o autor Justin Hall publicava tudo em detalhes, desde suas divagações até as aulas na faculdade, as bebedeiras, as doenças sexualmente contraídas,

⁵²*Animes* e *mangás* são desenhos de origem e inspiração japonesas.

as viagens, as amizades, os namoros, o suicídio do pai. Os/as leitores/as podiam acompanhar o cotidiano do jovem em textos e fotos dele em encontros com os amigos, cozinhando, fazendo trabalhos domésticos, fazendo a higiene pessoal (como na foto em que ele aparece com a boca escancarada passando o fio dental) e até as fotos dele nu ou urinando.⁵³ Vê-se nessa amostragem uma forte evidência da diferença comportamental e auto-representacional de gênero, pois se urinar em via pública com “pose para a foto” e ainda fazer disto um *post* em seu blog pessoal pode ser encarado com normalidade por um homem e algo pouco plausível para uma mulher, isso requer uma parada reflexiva, já que um acontecimento é uma relação entre algo que se passa e uma pauta de significações que lhe subjaz. Para além de mera escolha lingüística tal ação está, em minha opinião, imbuída das relações de poder que transbordam as relações discursivas e se derramam nas práticas cotidianas. Conforme Claudia de Lima Costa, para compreendermos a relação entre linguagem e gênero de forma mais interpretativa e contextualizada “devemos começar desvendando como as escolhas lingüísticas e práticas comunicativas situam os interlocutores em determinadas posições na trama das relações sociais, que, por sua vez, delimitam e moldam suas escolhas lingüísticas e comunicativas” (COSTA, 1994, p. 168). No âmbito do blog citado, o gênero pode ser entendido como categoria relacional, efeito de certas estratégias que abrem caminho para o estudo do uso da linguagem utilizada no blog enquanto *locus*, mas também pode passar a ser entendido como processo inclusive moldado por escolhas individuais e pressões situacionais compreensíveis somente no contexto da interação social. Afinal, como declara Judith Butler (2003, p. 27) “o que uma pessoa é, e até o que o gênero é, é sempre relativo às relações construídas onde o próprio gênero se constitui”. Porém, a mim interessa questionar aqui como o uso desta perspectiva permite analisar uma das tantas formas simbólicas de que se vale a cultura para institucionalizar a diferença entre homens e mulheres e para colocar em cena suas confrontações. Tem-se entendido que o gênero, como simbolização da *diferença sexual* se constrói culturalmente a partir de um diferenciado conjunto de práticas, idéias e discursos, ainda que sejam somente como processos de significação tecidos na trama da simbolização cultural a produzir efeitos no imaginário das pessoas. Estudos que investigam como se instituem as pautas culturais a partir da simbolização definem que o próprio processo incrusta na cultura essa simbolização, como alerta Marta Lamas (1996, p. 336):

A humanização do primata em *homo sapiens* é resultado de sua progressiva emergência da ordem do biológico para a ordem do simbólico. Sua socialização e sua individualização estão ligadas à

⁵³ <http://www.flickr.com/photos/tags/justinhall/> acesso em 20.04.2006.

constituição da simbolização. O núcleo inicial e fundador do aparato psíquico, essa parte do indivíduo que não está determinada pela história, é a mesma raiz da cultura, ou seja, o ponto de emergência do pensamento simbólico que se integra à linguagem. Com uma estrutura psíquica universal e mediante a linguagem nós seres humanos simbolizamos e fazemos cultura.”⁵⁴

Assim, as representações sociais são construções simbólicas que dão atribuições à conduta objetiva e subjetiva do sujeito. Neste caso, o blog enquanto espaço de interação social é mais do que um território, um espaço simbólico definido pela imaginação e determinante na construção da auto-representação do blogueiro em questão, cuja consciência vê-se habitada por seu discurso pretensamente irreverente. Ainda que uma multiplicidade de representações culturais esteja embutida nos atos do blogueiro, a *diferença sexual*, bem se vê, também o alimenta de certa persistência fundante: trata-se da fonte de sua imagem de mundo em contraposição com o *outro*. O corpo, no caso, explícito na foto urinando, desafia e situa incontrovertidamente a diferença na ordem das relações de poder, o que colabora, em certa medida, para que se tenha como aceitável a visão de um homem realizar determinadas funções fisiológicas em praça pública, enquanto a mesma liberdade não se aplica às mulheres. Nesse sentido tenho de concordar com Marta Lamas de que o que define o gênero é a ação simbólica coletiva tendo-se as relações de poder como pano de fundo. “Mediante o processo de constituição da ordem do simbólico em uma sociedade fabricam-se as idéias do que devem ser os homens e as mulheres”⁵⁵ (LAMAS, 1996, p. 340). Ainda que se leve em conta que as diferenças são efeitos da mútua imbricação dos vários vetores que intersectam a identidade social (raça, classe, etnicidade, nação, etc.), categorias que não podem ser simplistamente agrupadas sob a égide da *diferença sexual* ou unicamente de gênero, como pontua Claudia de Lima Costa (1994, p. 169), deve-se lembrar que em cada cultura a oposição homem/mulher (se aceita esta relação como binária e dicotômica) pertence a uma trama de determinadas significações expressas em algum dos três registros da experiência humana propostos por Lacan (1978, p. 109): “simbólico, imaginário e real.” Por isso, alinho-me aqui à corrente pós-estruturalista liderada por Foucault (1997, p. 127), cujo ideário depõe que, embora apresentem-se o gênero e a sexualidade como construções históricas que precisam ser entendidas a partir de sua articulação com outras categorias sociais, diferentes estruturas de

⁵⁴ No original: *La humanizacion del primate en homo sapiens es resultado se progresiva emergencia del orden biologico hacia el orden simbolico. Su socializacion y su individuacion estan ligadas a la constitucion de la simbolizacion. El núcleo inicial y fundador Del aparato psíquico, esa parte Del individuo que no esta determinada pela historia, es la raíz misma de la cultura, es decir, el punto de emergencia Del pensamiento simbólico, que se integra em el lenguaje. Com estrutura psíquica universal y mediante el lenguaje los seres humanos simbolizamos y hacemos cultura*, (tradução minha).

⁵⁵ No original: *Mediante el proceso de constitucion del orden simbolico en una sociedad se fabrican las ideas de lo que deben ser los hombres y las mujeres* .

poder, lugares de poder, formações discursivas e esquemas reguladores constituem *a priori* toda relação social. É impossível, portanto, extrair, por exemplo, o gênero da sexualidade, a masculinidade do colonialismo, e assim por diante. Os sujeitos tornam-se sujeitos na medida em que são produzidos por tais operações de poder e suas variáveis formas de sujeição social. Se for aceita essa teoria, talvez se possa lançar um pouco de luz sobre a lógica oculta do processo de simbolização que tem feito a *diferença sexual* traduzir-se em diferentes formas de desigualdade, podendo ser constatada também e na linguagem encontrada nos blogs. Ora, nas sociedades falocêntricas, a morte do feminino acontece de muitas formas e através de várias metáforas: a do silenciamento, a da imobilidade, a da fixidez, a da cristalização no lugar do subalterno, ou a da morte literal. Como na literatura, onde a mulher é delegada da voz alheia e a personagem feminina é sempre uma construção, uma fantasia que só pode ser efeito da escritura e só pode esclarecer alguma coisa a respeito daquele (homem) que a enuncia (BRANDÃO, 1995, p. 93).

A publicação da fotografia no blog ora problematizada induz questionar se há uma diferenciação notável no campo da linguagem derivada do feminino e/ou do masculino. Apesar das controvérsias apontadas por alguns autores e autoras, se todo sujeito se inscreve e se constitui no discurso, o texto dos blogs pessoais o faz duplamente, na medida em que não é só o indivíduo, mas também o relato e sua produtividade que se engendram com o tecido do imaginário social, o que me levou a investigar na análise dos blogs se há e quais diferenças podem ser apontadas também no campo da enunciação discursiva realizada por homens e por mulheres.

Não obstante o uso que cada gênero está fazendo do blog para falar de si, como no exemplo do blog de Justin Hall, e tornando o gênero, no âmbito da *sexualidade* meu primeiro vetor a tensionar a análise, me aventuro a afirmar que o ambiente blog parece estar aberto e receptivo a ambas as narrativas, tanto de homens quanto de mulheres, em oposição à tradição que sempre negligenciou os diários escritos por mulheres. A blogosfera parece ter declinado o argumento de que o discurso feminino era/é enxergado como uma subcultura sociolinguística decorrente da correlação de forças políticas, econômicas, históricas e ideológicas que determinou o acesso desigual aos recursos por parte das mulheres; a separação ocupacional e social entre homens e mulheres; a segregação das mulheres e de sua linguagem por instituições como o Estado e os meios de comunicação de massa; e a existência de estereótipos negativos disseminados relativos ao discurso das mulheres, como bem enumerou a professora Claudia de Lima Costa (1994, p.155). Estou falando das mesmas forças ideológicas que fizeram com que obras escritas por mulheres ficassem à margem do cânone,

por não representarem um determinado modelo de sujeito que reforçasse as malhas do poder dominante, o que ocorreu pelo motivo de que a literatura era vista, especialmente no século XIX e início do século XX, como um importante elemento para a formação de identidade e subjetividade de homens e mulheres.

Na blogosfera aparentemente isso não acontece, havendo espaço para todos os discursos independentemente de quem os enuncia, se homem, mulher, hétero, gay, lésbica, padre, prostituta, adolescente, velho, adulto, e cada qual é responsável por criar sua própria cadeia de leitores/as. O que vai determinar se o blog vai fazer sucesso e atrair leitores/as está mais ligado a fatores como estética e qualidade textual do que propriamente ao gênero de quem o escreve. Por isso opto por trabalhar com os blogs aos pares, traçando um elo e um limiar entre a escrita feminina e masculina na Rede.

3.2 – Um fio de poesia tecendo o feminino

Pensando nessas relações entre linguagem e gênero, posso afirmar que nos blogs escritos por mulheres, a opção inicial pelo modo de escrita é quase sempre balizada pela linguagem poética, o que não exige dos homens o mesmo processo. Elas fazem do blog um palco do imaginário, matéria de ficção literária, privilegiada pelo desejo do inconsciente que aflora por seus caminhos ou descaminhos do metonímico e do metafórico, com suas pontes e abismos, significações provisórias e sentidos breves, de ancoragem em porto nunca definitivo da memória. É assim com o blog *Doida de marluquices* escrito pela carioca Marla de Queiroz. De contornos límpidos, cujo projeto estético resume-se à postagem de uma foto ou gravura geralmente garimpadas na própria Rede a ilustrar um ou mais *posts* que faz diariamente, esse blog é palco da poesia do cotidiano e dos subterfúgios da alma. Lugar onde a autora deixa rastros de si numa narrativa autobiográfica de prosa poética:

Sexta-feira, Fevereiro 23, 2007

Batuque Final

Não havia o desejo antecedendo o abraço dos corpos
havia apenas uns brindes, o tim-tim no bater de vários,
vários copos.

(Nada que não soterrasse um abismo antigo).

Não olhei pra baixo quando me lancei
da altura da nota que sua voz alcança.

(Não gritei de medo por temer também o eco).

E, no rabisco de um passo de dança,
lançamos um tango,

e, no cigarro que acendo pra lembrar a cena,
te trago... comigo.

Nenhum drama, era carnaval:
me fantasiei de transgressora
pra me embrenhar nos teus cabelos com cheiro de banho
e desfrutar do que foi tão bom,
mas que já começou
no batuque final.

POSTED BY MARLA DE QUEIROZ AT 9:13 PM 11 COMMENTS LINKS TO THIS POST

Como miçangas coloridas, a blogueira vai unindo as palavras com leveza para confessar uma tristeza, uma esperança que não se estanca a cada *post* e a cada escasso comentário que recebe. Marla vale-se, em seu domínio, da estética da palavra em detrimento de elementos de maior apelo visual, onde a pulsão narrativa, paralela a constantes interpretações dos fatos cotidianos são poetizados de forma ora irônica ou só bem-humorada, ora melancólica ou triste. Assim a blogueira vai tecendo uma narrativa de incipiente compreensão da fraqueza humana com certa paixão e dúvida, movida talvez não só pela necessidade da poesia do texto, como também da poesia do olhar que deposita sobre o fato. Não obstante o sabor da poesia propriamente definida pode-se atribuir valor à estética de sua prosa poética, nesta evolução de formas narrativas que dispôs o universo blog, uma vez e mesmo assim, invadidas pelo sopro da poesia à altura daqueles/as mais rigorosos/as leitores/as para quem cada verso, cada estrofe deve ter o peso específico de uma “frase poética”, com ou sem rima ou métrica estrita ou ritmo sob controle, um “dizer poético”.

Trata-se da poesia enquanto matéria e espaço onde o desejo inconsciente de mostrar o feminino na imaterialidade da escritura aflora do imaginário ao simbólico. A mulher que sempre foi a personagem literária ressonante do desejo masculino, a ressonante ninfa, o eco da voz alheia, e que para expressar o seu desejo tinha antes de recorrer ao espaço secreto do diário tão privado quanto íntimo, encontra no blog seu espaço público, aberto, ilimitado de expressão dos próprios sonhos, do próprio desejo, do próprio eu. Um eu que não mais é ilusão de completude, ficção ideal criada pelo horror da castração, do corpo fálico do feminino, cuja voz que se ouvia não era feminina, mas seu simulacro, de modulação ilusória. No blog, a mulher não mais é boneca a veicular unicamente a voz de seu ventríloquo, mas proprietária da própria voz.

Se como acredita a professora Ruth Silviano Brandão (1995, p. 60), a mulher que se encena nos textos produzidos numa sociedade falocêntrica é apenas *Eco*, parceira não reconhecida de *Narciso* - o personagem mitológico caprichoso e egocêntrico - condenada a apenas reproduzir o que o seu representante macho fala, e a calar aquilo que na verdade nunca expressou e de que nada sabe: seu próprio desejo; então o blog deu o poder à mulher de

transgredir os limites impostos pelo sistema patriarcal cuja pressão dos estereótipos impedia a abertura de novas possibilidades discursivas. Pois ali, no blog, o sujeito falante e desejan­te inscreve-se por sua condição na linguagem que o constitui e o institui. O sujeito da escritura literária é duplamente inscrito e escrito no texto, aí onde ele mesmo se encena. Por estar pré-escrito na linguagem o sujeito já está no ato social e no simbólico que é a linguagem feita de códigos e como código, como definiu Lacan (1978, p. 319-20).

No blog *Doida de marluquices* a autora o tem como lugar do fazer literário, apresentando uma *mulher* escritora. Fala de sentimentos sem o sentimentalismo derramado, lírico que em geral foi excessiva e negativamente associado à escrita feminina. Do íntimo ao confessional, ela desabafa através da literatura, a mesma literatura que é produzida também pelos homens. No entanto, suas confissões são performáticas, encenadas, poetizadas, porque são fingidas, “enfeitadas”, transmutadas pelo literário. Por não cair no simples registro, mas “literalizar” o registro, o sujeito mulher se involucra como numa cápsula de aparências, como numa película protetora cujo interior segreda literaturas ou compartilha verdades. A autora então cria personagens que ventrilocam sua própria voz, como se fosse uma *Eco* para uma *Narcisa*:

Segunda-feira, Fevereiro 05, 2007

Sofia De Lira (a personagem)... ou véspera de um Carnaval.

Ela certamente poderá ser encontrada dentro de um quadro de Klimt, nos bares com um Bukowski, num filme do Almodóvar, numa música do Chico Buarque...

Seu despudor faria corar de vergonha Hilda Hilst, sua sexualidade exacerbada encabularia Simone de Beauvoir.

Todas as tardes ela contempla o dia morrer na beira de um lago namorando Narciso, esperando Godot.

Ela é aquela cujo sobrenome é verbo.

(Pode ser que alguma coisa dela fique entranhada até doer em você).

POSTED BY MARLA DE QUEIROZ AT 8:33 PM 16 COMMENTS LINKS TO THIS POST

Quarta-feira, Fevereiro 14, 2007

Sofia De Lira (sobre a raiva)

Ah, deixe-me reclamar um pouco de tudo e querer coisas absurdas como alfabetizar o sol! Eu sei quão bela é a vida, sei que as coisas que não são fáceis inda assim são simples. Mas quero berrar minhas angústias até fazer as pazes com meu silêncio novamente.

Ah, deixe-me experimentar essa ira e dar socos no ar até trincar o vento que vem de encontro aos meus passos dando mais peso e lentidão a minha caminhada. Meu grito ou choro não é falta de esperança, é um respeito profundo por mim quando me sinto fragilizada. Se estou dramática, ainda não cheguei aonde quero: quero ser trágica!

(...)

No meio de toda raiva sendo expulsa, pensei por que não se pode ser autobiográfica ou agressiva sem pedir desculpas com tanta antecedência. Quero só olhar, sem observar, sem absorver. Quero dizer sem atribuir juízos de valor, só pra desabafar. Quero poder sentir essa raiva sem ter que lidar com a indignação de quem me quer doce e positiva sempre porque se acostumou. E depois, quando a raiva for

embora, não pretendo me resgatar, mas me reinventar e ficar o tempo que for necessário me redescobrimo...

Não queria ter de pedir licença pra honestidade neste espaço, mas seguindo a moral e os bons costumes, eu

peço delicadamente: Pra você que leu esse texto até aqui, por favor, se pretende comentá-lo (não quero intimidar ninguém), não me deixe um consolo, um conselho ou termine com um "fique em paz". Não quero que me roubem um segundo dessa fase, desse instinto primitivo, ele é precioso. A paz eu conheço e ela não está ausente, só quero experimentar até aonde meu ser alcança, a totalidade. Eu quero estar plena de todas as emoções pra que elas não me governem, mas passem por mim. Quero me permitir cada segundo desse ranço, porque eu o sei tão transitório quanto o maior dos mais definitivos amores. E se ainda assim quiser deixar o seu rastro, me fale de tua dor, tua alegria, tua conquista, tua pendência, teus planos, tua raiva, me conte uma mania tua, compartilhe tuas belezas comigo para que eu possa aprender com elas.

E me deseje inspiração(a única coisa que quando falta, me tira a paz).

PS: Só lamento este texto ter sido escrito num dia de tanto sol.

PS2: Não lamento coisa alguma!

POSTED BY MARLA DE QUEIROZ AT 2:54 AM 15 COMMENTS LINKS TO THIS POST

A voz da autora e a voz da personagem oscilam e intercalam-se na confissão de vontades, desejos, experiências, deixando rastros de ousadia ao comparar-se a Hilda Hilst ou a Simone de Beauvoir. Ela não cora em manifestar o desejo de ser uma outra, mesmo autora literária, que no plano ficcional cria uma segunda voz, que encena a primeira, atuando sobre o próprio discurso, sua matéria-prima prenhe de seus próprios elementos também discursivos. Sua personagem também é fêmea e a autora empodera-a dando-lhe audácias e querereres próprios. *Sofia De Lira*, diz, é despudorada, tem uma sexualidade exacerbada. Estaria a blogueira mimetizando seus próprios desejos aos da personagem às vésperas do Carnaval? Ora a literatura amplifica os sentimentos, pois se engendra no imaginário social, mas a matéria-prima é a vida, já a forma de se expressar, a literatura, é seu produto. Resta-me enquanto leitora ler no texto os processos que o constituem como produto feito de linguagem, e não de uma condição filosófica pretendida de verdade. É justamente aí, na escrita o lugar em que a verdade nunca é definitiva e sempre escapa, oferecendo-se de/em diversos ângulos a cada leitura. O/a leitor/a, na verdade, consome um objeto íntimo adulterado porque adúltero: pelo viés poético a intimidade flerta com o literário e conduz à infidelidade do registro, no entanto, sem deixar de ser fiel ao sentimento registrado como verdadeiro. O íntimo em constante flerte com o literário provocando a infidelidade do registro e a fidelidade ao sentimento que registra. Falar de *Sofia De Lira* é falar de Marla de Queiroz, a autora? Saber tudo dela, tê-la toda no discurso? Ao avançarmos um pouco mais na leitura de seu blog e debulharmos sua escrita passamos a ter alguns elementos a mais para satisfazer essas indagações:

Quinta-feira, Dezembro 21, 2006

Poema que não alcança o gosto

Seu despudor gentil
rompe a resistência
da minha carne morna.

Um calor intenso
de verão, de corpos
desata
a liquidez salgada entre-colchas,
o fluido doce entre-coxas.

Não há gelo
que tire da pele
a digital dessa mordida,
essa cor roxa.

POSTED BY MARLA DE QUEIROZ AT [2:44 PM](#) [15 COMMENTS](#) [LINKS TO THIS POST](#)

Tem-se aí o despudor atribuído pela autora à sua personagem, numa linguagem erótica retesada namorando com o estilo da poeta negra Gilka Machado, que viveu no início do século XX e produziu, segundo a pesquisadora Ana Paula Costa de Oliveira (1999, p. 256), uma poesia erótica seguindo o modelo masculino, ou seja, um modelo que já havia cristalizado um espaço destinando à mulher de recipiente do desejo masculino, mas Gilka Machado inverteu os lugares estabelecidos e dotou o elemento feminino da poesia de características que a tradição lírica brasileira tinha naturalizado como masculinas, como declarar-se ao ser amado, colocar-se em posição de sujeito em relação aos sentimentos amorosos e mais importante, deu fala ao outro, ao elemento feminino na poesia que contando a sua versão passa a afirmar o seu desejo e não apenas a provocar o desejo masculino. Assim, podemos lê-la como aquela que subverteu a poesia erótica de uma época dando voz ao desejo feminino, quando escreve:

(...)
Porque não vens
Meu estatutário da volúpia,
Há em mim linhas imprecisas de desejo
Que teu carinho deveria modelar,
Tuas mãos milagrosas
Emprestariam expressões inéditas
Ao meu corpo maleável...
Porque não vens?!...
(...)
(MACHADO *apud* OLIVEIRA, 1999, p. 256)

Mas o erotismo não está presente apenas na escrita atribuída à personagem *Sofia De Lira* criada pela blogueira. Em outro *post* são dela própria as confissões da carne:

Quarta-feira, Março 28, 2007

SOL & CHUVA...(língua-de-fogo e olhos-d'água)

I-SOL...ou língua-de-fogo

Embriagada de sol
danço feito labareda
nos teus braços-ventania.
Inquieta, lambo teu corpo
bordando incandescências
na tua pele-foco-da-minha-sede.
É quando cedés.
E gemes alto
com meu gozo caudaloso.
E consumado o ato,
nos consumimos doces
feito incenso.

Incautos, guardamos o perfume
da nossa febre
numa caixa de fósforos
molhados.

II-CHUVA...ou olhos-d'água

Embriagada de chuva
danço feito lágrima gorda
abrindo caminhos em teu rosto.
Trêmula, corro tua face
procurando colo em teus lábios.
E desenho uma emoção
nos teus olhos ausentes.
É quando sentes.
E gozas insubmisso
ao meu gemido abafado.
E confirmado o fato,
nos consumimos cáusticos
feito um veneno.

Cautos, guardamos o antídoto da picada
na caixa d'água da nossa casa.

POSTED BY MARLA DE QUEIROZ AT 2:12 PM 19 COMMENTS LINKS TO THIS POST

Outra vez a blogueira faz sua voz romper o silenciamento do desejo feminino que imperou na literatura ao longo dos anos. Sem segredos enreda a dinâmica metonímica do desejo sempre escorregadio, sempre deslizante mesmo que ancorado no querer do corpo, e evoca a perspectiva da escrita erótica feminina ocupando seu lugar na blogosfera, já tão habitada pela narrativa erótico-pornográfica masculina.⁵⁶ Tendo o poema como veículo podemos enveredar pela trilha dos discursos eróticos da contemporaneidade que encontram no blog seu habitat e meio de difusão. Porém, para além do poético, a blogosfera tem servido de lugar de enunciação e de um não calar do desejo feminino a exemplo do blog *Delícias*

⁵⁶ São inúmeros os blogs de contos e outras narrativas eróticas e pornográficas de autoria masculina, por exemplo: <http://ovosdetouro.zip.net>, e <http://www.casadoscontos.com.br>, acessados em 31.03.2007.

*cremosas*⁵⁷ no qual suas autoras contam em detalhes suas aventuras, experiências e preferências sexuais.

A poesia do blog *Doida de Marluquices* traz, por sua vez, uma verdadeira grafia do desejo carnal e do gozo num lugar atópico, onde o discurso só cabe no florescer de signos e significados, onde afinal, a linguagem é mais amorosa do que carnal⁵⁸, porque visa de fato a comunicação, busca a auto-representação de um ser mesmo que sob a fruição do delírio, do sussurro, do suor, da secreção. Sua inspiração, no entanto, parece vir dos substantivos masculinos que a habitam e de escritas também masculinas, como do poema *Sob chuva amar*, no qual Carlos Drummond de Andrade⁵⁹ (1992, p. 28) fala de líquidos, espumas, formas:

Sob o chuveiro amar, sabão e beijos,
Ou na banheira amar, de água vestidos,
Amor escorregante, foge, prende-se,
Torna a fugir, água nos olhos, bocas,
Dança, navegação, mergulho, chuva,
Essa espuma nos ventres, a brancura
Triangular do sexo – e água, esperma,
É amor se esvaindo, ou nos tornamos fonte?

Do teor erótico ousado, lascivo, avassalador a escrita literária da blogueira passa sem titubear à narração do cotidiano cantada na beleza que encharca seus dias vividos na cidade do Rio de Janeiro de laranja tingido sob o pôr-do-sol. Algo da ordem do sussurro, da melodia, do ruído aproxima texto, autora, leitor/a no fluir de uma visão edênica da cidade:

⁵⁷ <http://www.deliciascremosas.blogspot.com> consulta realizada em 26.02.2007.

⁵⁸ De acordo com Alexandrian (1993, p.08), a pornografia é a descrição pura e simples dos prazeres carnaís; o erotismo é essa mesma descrição revalorizada em função de uma idéia do amor ou da vida social. Tudo o que é erótico é necessariamente pornográfico, com alguma coisa a mais. É muito mais importante estabelecer a diferença entre o erótico e o obsceno. Neste caso, considera-se que o erotismo é tudo o que torna a carne desejável, tudo o que a mostra em seu brilho ou em seu desabrochar, tudo o que desperta uma impressão de saúde, de beleza, de jogo deleitável; enquanto a obscenidade rebaixa a carne, associa a ela a sujeira, as doenças, as brincadeiras escatológicas, as palavras imundas.

⁵⁹ Poeta a quem a blogueira admira e decanta homenagens como neste post onde narra um passeio em Copacabana:

Sábado, Março 31, 2007

Panorâmica

Os passos suaves porque os caminhos são de delicadezas:
Na borda do dia, uma gaivota atravessa a retina do sol.
Calor de vento mudo, temeroso de árvores alvoroçadas.
Lua abarrotada, leitosa, amamentando estrelas-bebês.
A maré cheia de poemas do Drummond sentado, no meio do caminho.
Um casal deitando poesia na areia.
Uma flor arrancada enfeitando o asfalto.
(Uma nuvem preta sozinha não faz temporal).
E uma joaninha descrevendo a paisagem pro poeta.

Terça-feira, Dezembro 26, 2006

Verão com vista pro Amar

Assim, toda adereçada de flores pela primavera, foi que a Cidade conheceu o Verão. Ele chegou num dia fértil, arrancando as manhãs da cama mais cedo, desabotoando o suor pra escorrer no decote das tardes, derrubando na areia estrelas maduras. A Cidade o esperava amanhecida, semi-nua, vestida apenas

de luzes, de luas, de chuvas breves, de cio latente, de saias leves contornando as curvas do calçadão. No desaguar de tanto desejo, tudo se transformou em encontro: e os que habitavam seu corpo, com o calor daquele abraço, mergulhavam a língua de sal do suor do mar.

Seguiram compondo cenários, amando-se embaixo dos Arcos, dos Circos, aplaudindo o pôr-do-sol, amanhecendo pelas praias antes que o mesmo acordasse, até vê-lo surgindo, sonolento ou inclemente, cumprindo seu ofício, brilhando como os fogos, mas já sem artificios. E num Janeiro que nem era sobrenome do tempo, mas da Cidade, onde a música e a cultura se misturavam diversos, viram-se naquela tarde meio chuvosa desejando experimentar a matiz das possibilidades.

E a Cidade resolveu cair no samba, já era Rio com ânsia de mar. E o Verão atormentado de ciúme resolveu chover sua fúria. Mas a água que vertia dos seus olhos era doce e ampliou as conseqüências do seu desespero: os convidados da festa carnal bebiam, brindavam, comemoravam cantando a plenos pulmões, com as veias do pescoço saltadas, aquelas músicas que inundavam de saudade lúdica.

Desencontrados enfim, após a ressaca da quarta-feira cinza, na dança das fantasias, um o Frio, a outra a Serra, atraíram-se sem saber segredos que escondiam máscaras. Deram-se as mãos e brincaram na avenida. Atraídos pela sintonia de suas fantasias, rodopiaram, dançaram e foram abençoados e lavados de poesia e lirismo pelas quentes e torrenciais Águas de Março.

POSTED BY MARLA DE QUEIROZ AT 2:47 PM 15 COMMENTS LINKS TO THIS POST

Sua morada, estada ou passagem pela cidade que tanto inspirou poetas, pintores e outros tantos pensadores deixa na blogueira, na verdade, rastros de lascívia e rouquidão. É o cenário onde ela se perde em encontros etílicos, encontra os amigos e a inspiração. Sua escrita então que se proclama literária, suporta a narrativa da última bebedeira sem perder a rima.

Quarta-feira, Dezembro 06, 2006

(...)

POESIAÇA

Manguace-me, poeta das bandejas
entorpeça-me coa plenitude deste momento
despretensioso e etéreo
etílico
que prova, mais a mais, de modo empírico
que o rebento em grupo é aéreo e lírico
traga o copo,
traga a realidade sua fuga
transubstancie ternura etílica,
diga!traguemos deste ar,
deste espírito delírios, ilusões, doideiras híbridas
tracemos nesse mapa o nosso vôo
incrivelmente lúcidos e lúdicos.
Vertamos as lágrimas
de alegria
que lavam a cidade da mundície
E essa dormência, poeta das bandejas
é o que em nós se almeja.
P.S.: Muita cachaça nessa aur[h]ora!!!rsrsrs.....
Saudade eterna de todos!

POSTED BY MARLA DE QUEIROZ AT 11:56 PM 13 COMMENTS LINKS TO THIS POST

Além de revelador, esse eclético modo de composição do blog escolhido pela blogueira influencia também as chances dela ter seus escritos lidos, de ser conhecida, ampliando assim suas possibilidades de quando deixar de existir – blog e blogueira – ser lembrada por um número maior de pessoas. Ora, o blog dá também ao sujeito a oportunidade de, no transcorrer de seus dias voltar aos seus escritos e reavivar a memória ou mais do que isso, por conta de suas especificidades e ferramentas, o blog permite ao/a blogueiro/a “rebobinar” os arquivos para, além de perscrutar a memória do alto do mirante privilegiado do tempo futuro, fazer “correções” (que se poderia dizer, corresponderiam, em última instância, à idealização e “maquiagem” das biografias) no passado, como se pode verificar no fragmento a seguir:

Sexta-feira, Janeiro 19, 2007

Hoje o meu blog completa 1 ano de idade e vou postar aqui o primeiro texto publicado nele. Fiz algumas alterações porque, à medida que fui amadurecendo a escrita, tudo o que escrevi anteriormente me pareceu tão tolo, quase detestável. Eu tenho um carinho absurdo por este espaço, ele me proporcionou muitas das coisas mais preciosas que tenho hoje: amigos virtuais, amigos reais, inícios e redirecionamentos do fluxo dos sentimentos de relacionamentos afetivos, desabafos, homenagens, enfim, a matéria-prima dos meus textos. Sem contar toda a troca que tenho com os leitores que vêm aqui e comentam, gostam ou não, e deixam um rastro, um bilhete, uma crítica, um elogio, um beijo. Tudo isso é incentivo pra continuar. Ainda o alívio de poder expor o que pulsa, dói, alaga, sangra, resseca, chove, floresce, brota morto ou semeia... Da delícia de brincar e poder experimentar as diversas possibilidades de (des)construção da palavra. Então hoje eu reinauguro meu Ano-Novo (que não foi tão bom porque chovia fora e dentro). Hoje eu vou abrir o dia com um SOL-riso... Obrigada a vocês que fazem de mim uma pessoa cada vez melhor. (...) (grifos meus).

POSTED BY MARLA DE QUEIROZ AT 1:53 AM 20 COMMENTS LINKS TO THIS POST

Esse excerto me faz acreditar que o diário virtual - por conta de suas especificidades físicas como os próprios recursos de criação e edição em *softwares* disponíveis na Internet - permite⁶⁰ ao sujeito rebobinar o filme da vida, operar *flashbacks* ou cortes abruptos em certas seqüências, focalizar ou aplicar *zoom* sobre determinado detalhe, fazer um *close-up* sobre um rosto específico, repassar uma seqüência inteira do próprio passado. De maneira pormenorizada, priorizar a trilha sonora de um determinado episódio ou editar a montagem de diversos eventos da vida como se fora um vídeo-clipe. Um espécie de reconstituição da *história de vida* que se transforma mesmo num processo constituinte do sujeito que escreve, na medida em que ele toma consciência das nuances de seu percurso, podendo (re)significar suas experiências, sair de uma posição de alienação frente à História, situando-se, através de sua própria história, como agente de sua vida. Assim, blogueira se recria e constrói suas

⁶⁰ É muito comum em fotologs, por exemplo, encontrar-se *captions* que apontam para o link da mesma data do ano anterior, para mostrar ‘como eram as coisas’.

identidades a todo instante, a cada nova escritura em seu blog, confirmando a tese de Judith Butler (2003, p. 37) de que “identidade” é um *feito* de práticas discursivas.

Diante do teclado sempre resta certa liberdade para a lembrança que toma de assalto ou os esquecimentos momentâneos, os lapsos de memória, que permitem e incitam a adição ou supressão de algo a mais à narrativa. “Todos nós escrevemos com alguma liberdade que permite a reflexão continuada; nós podemos voltar ao texto em nossas mentes indefinidamente, adicionando um pouco mais de detalhe aqui, um pouco mais de precisão lá, rearranjar os blocos do material, suprimir informações se desejarmos, tudo isto sem a preocupação de esquecer ou recordar previamente,”⁶¹ concorda Humpheries (1997, p. 133). O eu transforma-se assim, em seu próprio editor de cópia permanente, tanto para escrever quanto para falar. Além do mais, as profundezas infinitas da memória exigem, do mesmo modo, um ato infinito da escrita. “Nós estamos dirigidos constantemente para escrever o futuro enquanto passa o passado, esforçando-nos sempre para manter o ritmo com que a memória se impõe sempre em profundidade e expansão,”⁶² (HUMPHERIES, 1997, p. 131). Significa dizer que todos temos algo mais na mente do que conseguimos escrever.

3.3 – No teor poético masculino

Alguns dos elementos apontados na análise do blog *Doida de marluquices* podem ser transportados para a análise do blog *Incorrespondências* escrito por Marcio Markendorf. Do mesmo modo que no blog *Doida de marluquices*, *Incorrespondências* desenvolve-se a partir de uma proposta literária e de um projeto estético que norteiam a construção da página e a distribuição dos elementos visuais - estes, quase sempre, uma imagem fotográfica, uma gravura ou qualquer outra imagem plástica - como meio de dar um suporte paratextual para cada *post*. No blog *Incorrespondências* a promessa de “confissão” se dá através de cartas, correspondências que evocam uma intertextualidade com o poema “Correspondência completa” de Ana Cristina César⁶³ (CESAR, 1999). Os destinatários não têm nome específico,

⁶¹ No original: “We write with a certain freedom that allows continued reflection; we can turn the text over in our minds indefinitely, adding bits of detail here, a little more precision there, rearranging blocks of material, even deleting material if we wish, all this without the worry of forgetting what we previously remembered.”

⁶² We are driven constantly to write the future as it passes over into the past, always striving to keep pace with this ever deepening and expanding memory. (tradução minha).

⁶³ 19.10.05

correspondências.

amor de ana.

my dear, fica difícil escrever cartas **tendo ana como mentora**. ela reconhece meus acidentes tipográficos e não perdoa essa leitura de estilo. quando muito me recrimina por mal disfarçar tantos dados biográficos. diz que eu

são os genéricos “dear” ou “honey”. Com isso, as correspondências criam um efeito curioso que colocam em suspenso a intimidade e a destinação, pois podem ser para alguém em especial ou para um/a leitor/a qualquer que se identifique com algo do texto. “Dear” parece referir-se quase sempre a uma pessoa amiga, confidente, que ouve reclamações ou filosofias da vida. Já “honey” parece ser o objeto amoroso, ora próximo, ora distante, e para quem o autor endereça e manifesta seus sentimentos.

A adoção nesse blog, do modelo da correspondência epistolar, gênero de escritura próprio da fala de si, intervém no campo discursivo da auto-expressão, da constituição de um eu produzido também na perspectiva exterior da leitura e como prática e fator de subjetivação. Sua prática remete a determinados padrões discursivos próprios do gênero epistolar que têm o efeito de tornar o destinatário cúmplice do discurso que constrói o remetente a respeito de si. Nesse jogo de cumplicidade, elabora-se o sujeito da confiança e do relato da experiência individual, mesmo quando este é transportado para o público. Numa carta 'oficial' há um pacto de cumplicidade entre duas pessoas. No caso das cartas ficcionais do blog esse pacto se estende para qualquer pessoa que possa se alinhar sob os signos de destinatário 'dear' ou 'honey', por exemplo. Assim, as cartas realizam uma confissão semelhante à do diário quando se destinam apenas a um meio de circulação, sugerido por duas figuras - remetente e destinatário, embora no diário, o meio de circulação, a princípio, seja apenas um. O diário carrega a idéia de segredo muito maior que a de uma carta justamente porque é mais privado, mas a opção pelas cartas brinca com a circulação da privacidade ao estipular um destinatário não nomeado. Brinca com o segredo, o privado, o pacto de cumplicidade. O eu que se constrói no plano da correspondência não se restringe a funcionar como um lugar referencial que dá sustentação ao discurso, mas “esse eu, sempre múltiplo e mutante, possibilita também uma intervenção desestabilizadora nas formações discursivas,” como defende o professor Pedro de Souza (1997, p. 60). O modo como se dá referência a si remete ao traço confidencial

preciso ser mais fingido e dizer o que não devo da forma que se deve: com desvelo e técnica. 'coloca as luvas, não toca tão diretamente nesse material bruto que é a vida. descalça vez ou outra as mãos e toca de leve, furtivo, cleptomaniaco no coração', é o que é me diz sempre. e não é porque eu não a ouço. faço isso com muita atenção e até consigo burlar tantas leituras de mim. só que não consigo ficar sem dizer o que verdadeiramente quero, me agarro no que vem de dentro. eu ainda sou aprendiz. me perdoa se as cartas ainda parecem ter destinatário certo. **estou longe de tua impessoalidade.** nem sei se posso dizer isso pra você, tão artista plástica e tão dona da palavra.

e eu perguntaria pra você, agora, como eu faço pra escrever sobre quem me deixa, de lado, pra trás, de imprevisito. como escrever sem fazer uma queixa, mas mostrar que o lado contrário é o melhor, esse mais próximo do peito? **como dizer tudo pra quem eu quero, sem ser pra ninguém mesmo, nem pra mim?** Como fazer do abstrato do amor essa arte técnica sem improviso? me conta bem ao pé do ouvido, quero escutar. e saber se ainda me escuta. beijos. (Grifos meus).

e autobiográfico, duas dimensões típicas da enunciação epistolar, mas também ao outro, o destinatário, com quem o remetente deseja compartilhar sua ‘intimidade’, mesmo que falsa, performática, visto que está aberta ao olhar de todos que desejarem ler, além do ‘dear’ e do ‘honey’, em se tratando do suporte público. Postular o texto epistolar como ‘enunciado’, ou “uma unidade discursiva que se produz na e pela enunciação, caracterizando-se como um elemento de uma prática discursiva imbricada com uma prática social” (SOUZA, 1997, p. 55), significa aceitar que as palavras que circulam no blog são as mesmas que circulam na esfera social do autor, em suas diferentes relações de sentido significadas nas múltiplas ações que recortam a vida do blog e a outra vida.

Nesse site, a escrita dos textos norteia-se pela metalinguagem. Alguns textos explicam o próprio projeto do blog, sem, no entanto, o revelar por completo. O blogueiro usa de artifícios e é artificial, mas não neutraliza os sentimentos pessoais que se vê de todo modo, aflorados, protegidos, no entanto, pela maneira performática de intimidade que se esconde e espreita por trás da escrita que se faz entre destinatários e remetente. É pelo artifício que se revelam as preocupações sôfregas do eu quanto à vida, sobretudo, a amorosa, cuja pauta romântica deixa entrever a identidade sensível do sujeito escrevente, como o fez Ana Cristina César, em seus falsos diários e cartas, ao lado de sua “verdadeira” correspondência pessoal, perturbando os limites entre o ‘real’ e o ficcional condensados numa “radicalidade da fusão arte-vida” (MORICONI, 1996, p. 09), a produzir efeitos como o blogueiro em suas cartas:

7.2.07

Carta da saudade.

esta carta, uma ferida. o desmedido. o imensurável. o intemporal. eu não minto minha nostalgia. reli antigos telegramas. cada grama uma tonelada de aço. cada grama um pedaço de universo. cada grama um verso no meio dos telefonemas e das conversas no espaço. e toda vez que me arrisco nesse papel é para arrastar os dedos no asfalto. porque a falta é uma fricção dolorida de tão cruel. faz parar a dor? me consola nos galhos deste chorão inclinado que sou eu? o sol nasce atrás de mim, as folhas farfalham. umas cores púrpuras, olhos fechados, um anil desbotando tanto que quase nem acordo. o dia amanhece você no meu pensamento, de um modo tão intenso e tão valente como é o sol crescente da aurora que, embora tão longe dos meus olhos, logo me veja queimando nos seus raios. logo me veja na demora de um coração em chamas azuis crepitando nas fogueiras da praia. **eu queria saber como te amar sem carências ou exuberâncias. de um modo mais sério e sob medida. já que sendo imensurável é tão difícil a acolhida por quem escreve bêbados riscos, risos de amor embriagados no teu colo.** me diz o que vai ser se eu ficar preso a esses contornos, enroscos e filmes fotográficos. e se eu me perder nas grades, nas grandes pulsações, nas vozes fantasmáticas, o que vai ser de mim? ah, que vontade de comer as pétalas dessas rosas que colam no meu corpo quando eu passo. que desejo de ficar deitado entre essas luzes antes que se apaguem de um sopro. que magia sair do preto e branco, da escala cinza, e ser definitivamente colorido. ao teu lado, sem tempo para voltar. a saudade, amor, é que é uma ferida. (grifos meus).

m.markendorf. | 11:08 PM | [meu fotolog](#) | [4 comments](#)

Ora, a literatura alimenta-se da vida real e o fazer poético nutre blogueiros/as e seus leitores/as. Ambas narrativas (a do *Incorrespondencias* e a do *Doida de marluquices*) podem servir como mais um entrelaçamento lúdico enlaçado ao relato autobiográfico, mesmo que não se estruture a rigor pela narrativa ordenada de fatos, de eventos cronologicamente organizados. Acredito que ambos os textos podem ser lidos de modo subliminar a uma autobiografia, sempre pulsando ali uma vida à espreita e a marca do sujeito que o escreve. Sua escrita pode trazer à tona toda a trama de desejos que movem seus/as autores/as, mesmo não tendo eles/as consciência disso, mas essa já é tarefa quiçá para a psicanálise.

A “carta da saudade” acima, por exemplo, ainda que doce e literária, impõe uma dor a que parece o blogueiro foi submetido. Remete à ausência, a falta em dia talvez quando a solidão era a única companhia do blogueiro a lhe ouvir os íntimos sentimentos, além da tela opaca do computador, que por sua vez, não lhe faz jus à procura, pois não lhe faz companhia, ao contrário, o priva do contato face a face, boca a boca. O segredo então é contado através da metáfora ao “dear” ou ao “honey” quem nada lhe podem dar. Mas que talvez, dêem-lhe tudo de que precisa para ali estar e continuar suas cartas literárias, de aprendizado do amor.

Além do amor, o autor em questão trata do tempo, das memórias, da representação de uma existência que mais do que viver, se escreve, em franca tensão com as dicotomias verdade e mentira, vida e literatura, pessoal e impessoal, num visível esforço em escrever bem, acertar.

11.2.07

Carta da resistência.

a calma retornou aos meus pés, inteiramente grata, embora exausta desta noite passada aos delírios e murmúrios. sonhei com botas embrulhadas, bagagens partindo de madrugada, bilhetes passados por baixo da porta. foi um noturno medroso, no qual eu deitava na cama chorando baixinho. tive outros sonhos: eu era um menino e minha caixinha de fantasias caía das mãos ao som da estática dos rádios. nada de música, só um chiado elétrico, rouco, de intermitências e vozes fugindo. então uma porta se fechava e alguém ia embora. meu coração se apertava e rodava feito um pião. acordei suando, as mãos tocando o telefone. não havia sinal, nem sinal de ninguém. queria ouvir tua voz, meu bem. que medo infantil de perda e desencontro. será que é sempre assim a gente querendo ser único e especial? eu moro num lugar só seu, você habita um lugar só meu. sem coincidência alguma é o mesmo lugar. (a física abaixa as orelhas e não nos incomoda em nosso canto mágico). não te contei antes, mas eu venho de uma cidade chamada resistência. cidade onde acontece a resistência de amor. e também a bravura, a coragem, a espera tão grande por aquilo que perdura e vence: dois corações em território-nação. eu fui sincero ao dizer que te espero o tempo todo. (minha cidadania não me contradiz). os risos sumiram durante a noite: eram os rios que transbordavam, levando margens e pontes. um quarto vazio, um exílio, restava depois da enchente. senti tanto medo de soltar tua mão, de sentir teus olhos de adeus em palavras mornas. mas logo me acalmei com tuas orações de joelhos lá na missa, pedindo aos céus por uma estrela madrinha, noivando de azul e branco nossas casas. estou tão calmo depois que teu afeto desceu os dedos pelo meu cabelo. agora que, com gratidão, me deito aos pés e te beijo. estalado e levemente doce. (da janela da noite também atiro beijos ao deus destino, o bem feitor que nos cruzou num só caminho).

markendorf. | 4:00 PM | [meu fotolog](#) | [0 comments](#)

Nesse blog, são freqüentes as referências mitológicas, literárias e imagéticas, espelhadas no uso de recursos que revelam uma memória interior submersa a um imaginário literário, cuja impossibilidade da linguagem apresenta o homem, o dizer sobre ele. Ele confessa um não saber, um não querer nas entrelinhas, para logo ali tudo revelar, num intertexto escancarado com Ana Cristina César. Mesmo afirmando que os segredos ainda estão guardados, remanesçam em si mesmos. Sua escrita, no entanto, escorrega para o biográfico sempre, fazendo do blog um (auto)biografema virtual. Com sua escrita diáfana, cheia de humores oscilantes, apostos, divagações e interrupções, o blogueiro vai tecendo *biografemas* ao sabor dos próprios fragmentos de vida, alinhavos das menores unidades de uma biografia, como proposto por Roland Barthes (1975, p. 10-11). Unidades que, ao serem enunciadas na primeira pessoa, compõem um texto visivelmente autobiográfico, mas que deixa margem também a interpretações dos desejos e iluminações fugazes, momentos palpáveis e textuais de uma vida contada nas palavras escolhidas por quem a está vivendo. Ao se (auto)biografar o blogueiro não deixa de fazer o que Barthes sugerira e desejara: “Se eu fosse escritor e morto, como eu gostaria que minha vida se reduzisse pelos cuidados de um biógrafo amigável e desvelado, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos *biografemas*, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, como átomos epicuristas, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão.” (BARTHES, 1975, p. 9). O *biografema* é uma saída sábia para o exercício descontínuo e trêmulo do narrar diário nas páginas sem lacre da blogosfera e apreensão dispersa do texto biográfico. O que o/a leitor/a pode captar dessa vida (do blogueiro em questão) não é o espetáculo grandioso e acabado do que ela é, mas sim capturar os detalhes marcantes que lhe escapam da alma e descem à ponta dos dedos em momentos de muita ou nenhuma inspiração. Como Barthes, pode-se ler nesse blog um sujeito não das grandes causas, mas sim das pequenas volúpias, aquelas vistas nos pequenos detalhes, nos pequenos hábitos.

27.1.07

Cardiografia.

o derramamento lírico acalma e alisa o espírito. todavia não é biografia. biografia é coisa para gente morta e enterrada. eu estou muito bem e vivo. me enterrando em outras terras, de outro jeito, vívido e bem-aventurado. eu criei coragem para começar tudo de novo. a possibilidade de se reinventar o que está por vir. a parte que dói é o efeito dramático, é essa espera na sala de espera, na sala de jantar, na sacada do prédio. na verdade, eu acho que a fome é a parte que mais dói. *je vais te dire un secret*: não tenho mais segredos contigo. logo mais a casa estará vazia e o meu coração sedento. todos saíram, bateram a porta. voltarão algum dia? alguns voltam. outros pra nunca mais. talvez por isso a lua navegue por trás da minha cabeça e um rastro rosado de estrelas nas minhas costas se esvaia em brilho e pedidos. por que não atende meus telefonemas? **estou bêbado e tão caído. preciso lhe falar. preciso tanto lhe falar.** *i'm going to tell you a secret, please*. não me deixa mais. **voltei a ouvir nina simone no último.** e não venha me dizer que é só melancolia criativa. não se engane nem tente me enganar. é na alegria que se escreveram os versos mais lindos de amor. porque a tristeza, a tristeza só sabe fazer

despedida. amor é outra coisa (o amor é o que chega e fica). e eu fico sozinho nesta noite naufragada de ciúmes e de bafo de gato. os gatinhos novos todos querendo lambar no teu prato. mal consigo dormir com tanto felino miando fedido nas calçadas, nos muros, nas ruas da tua cidade. será que esse é um dia fora de nossas vidas? amanhã será, com certeza será. um domingo para se lembrar e esquecer. não me esquece nunca mesmo que em outras esquinas teu corpo transpire em outro corpo? **eu nem quero mais transpirar se não for bem colado no teu ombro.** estou fazendo biografia, eu sei, eu menti (porque eu estou morto de saudades). ou de outro jeito, eu te falo: estou fazendo cardiografia. (tira a tua ausência da pauta?) (grifos meus).

m.markendorf. | 2:53 PM | [meu fotolog](#) | [0 comments](#)

Se nos blogs pessoais a descrição dos pequenos gostos e hábitos diários é exatamente o material escolhido para produzir o texto, e se é através desses mesmos gostos e hábitos que o/a leitor/a encontra uma conexão com o/a autor/a, então o blog é essencialmente uma reunião de *biografemas*. Mas *biografemas* cuidadosamente escolhidos pelo blogueiro, no caso, dentre os pequenos detalhes, as manias, os afetos, os rechãos, as decepções, as opiniões, cápsulas de subjetividade de um eu fragmentado em partículas que aderem ora a este ora àquele sujeito que lê e se identifica com o autor. São estes pequenos fragmentos de vida, desta vez escritos e polidos não pelas mãos de um biógrafo cuidadoso, mas pelo próprio blogueiro, que constituem os (auto)*biografemas*: pequenas impressões, gostos, frustrações, sentimentos dispersos e recolhidos, escolhidos no dia-a-dia que embora possam parecer, de forma alguma são banais. São essas unidades que vão dar o tom da aproximação com o outro, o outro de crucial importância para o si que escreve, se expõe no blog e anseia por esse *feedback* para continuar escrevendo.

A noção de *biografemas* pode ser perfeitamente aplicada aos seis blogs selecionados para este estudo. Todos eles são feitos de pequenos e dispersos estilhaços de um eu que tenta se reconhecer e se aglutinar em torno de um núcleo, núcleo este que a todo o momento lhe escapa, inatingível que, é, já que não existe um núcleo no sujeito. São eus que se dão aos/às leitores/as aos poucos, dia após dia, em vôos curtos, mas que em ambiciosas arremetidas também anseiam ser vistos no todo e acreditam dar-se a revelar sem mistérios. Quando se lê na página de apresentação de um blog, como o *Incorrespondencias*, por exemplo, uma definição de si como alguém:

“estranho, introspectivo, temperamental, *junkie*, *poser*, sentimental, meigo, ambicioso, *nonsense*, tímido, filósofo, preguiçoso, *dark*, *sided*, sério, *pop*, carinhoso, *performer*, divertido, honesto, único, espontâneo, *stand-by boy*, original, atencioso, ciumento, *clubber*, carente, bagunceiro, especial, visceral, *jazzy*, convencido, metido, calmo, *explosive*, exigente, sonhador, *sexy*, apaixonado, solteiro, taurino complicado,”

... ou seja, um punhado de adjetivos a ilustrar, a qualificar um nome próprio, podemos entender melhor o que busca o sujeito com sua auto-representação na Internet. Criando uma

imagem discursiva de si, objetiva a auto-afirmação e a singularização. Carlos Piña (1991, p. 107) defende que a imagem é o que ‘faz visível’ o ‘si mesmo’ em determinada circunstância: “é a representação que torna uma pessoa à base das características que supõe dever encarnar em determinado momento. Porém, para ele, “a imagem nasce e morre na relação social, somente existe na cena, (...) se consome no momento mesmo em que se extingue a relação social, é um produto situacional,”⁶⁴ assim sendo, através da linguagem, a personagem, ficção do ser biológico, mascara-se também de narrador/a, para a construção de si no ‘momento biográfico’ da escrita. A construção do ‘si mesmo’ nesse ‘momento biográfico’ da escrita de um blog em pílulas diárias, permite a elaboração de uma imagem do eu, qual seja sua representação, realizada ante si e ante o outro, na tentativa de construir uma identidade pública aprovada. Por isso é tão importante aquela página de abertura do blog (como também a do Orkut) por onde entra o olhar do/a leitor/a e onde o/a blogueiro/a é convocado a descrever-se, a dizer quem é, e o que diz geralmente vem autenticado por uma fotografia pessoal. Como acredita Piña (1991, p. 106) “a imagem de si mesmo varia segundo os atributos que o sujeito diz possuir ou se sente obrigado a materializar, de acordo com suas possibilidades e a relação social específica de que ele está participando.”⁶⁵ Significa dizer que não é apenas pelo que manifesta em sua escrita que o/a blogueiro/a trava um relacionamento com o/a leitor/a mas também pela identificação formada através do perfil construído.

A legião de pessoas que optou por se constituir enquanto sujeitos escrevendo blogs credencia a idéia de que estes, em particular, com seu caráter de imediatez, de transcrição quase simultânea dos sentimentos experimentados, com o frescor do cotidiano e do detalhe significativo, propõem ao/a leitor/a ser levado a olhar pelo buraco da fechadura com a impunidade de uma leitura solitária e ao mesmo tempo de uma intervenção emotiva. Como acentua Felipe Pena (2004, p.38), “no palco contemporâneo, o espetáculo em cartaz é a vida. Os ingressos na bilheteria dão direito a entrar na intimidade dos atores”, formar subjetividades e alteridades e a idealizar heróis. Mas a platéia não está satisfeita e quer ela mesma encenar o espetáculo, numa espécie de via de mão dupla proporcionada pela postagem de comentários. Ao “falar de si” o/a narrador/a-personagem lança mão da alternativa que se lhe impõe sem

⁶⁴ No original: “*La imagen es la faz visible del ‘si mesmo’ em determinada circunstancia, es la representación que hace una persona a base de los caracteres que supone debe encarnar em esse momento. La imagen nace e muere em la relación social, solo existe em escena, (...) se consume em el momento mismo em que la relación social se lleva a cabo, es um producto situacional*”. Tradução minha.

⁶⁵ No original: “*La imagen del ‘si mismo’ varia según sean los atributos que um individuo desee, o se sienta obligado a materializar, de acuerdo a sus posibilidades y a la relación social específica de la que está participando (...)*”. Tradução minha.

resistência: servir-se da linguagem que incorpora ao si mesmo uma estrutura significativa a ser compartilhada com o/a internauta/leitor/a, como se vê neste *post* do blog *Incorrespondências*:

08.04.06

Dear,

(...) não é que meu correio andou agora a receber correspondências anônimas? Sem falar que percebi que fizeram notas embaixo de minhas fotos, no pé de página de algum texto. Pelo tom de algumas, desconfio que seja gente que conheço. Passado fazendo fantasmas de linguagem? Outras parecem algo do tipo “nunca te vi, sempre te amei” (...). O melhor é a superfície transparente: eu sou eu. [swift, disse eu sou o “eu”. Me deu até medo de loucura. História de duplos, desdobramentos]. (...) Claro que vez em quando faço pose, invento, desvio. Mas há de concordar comigo que a verdade também cansa. E por que não mostrar uma vida mais literária, dessas que se lê em biografias, memórias? Todo mundo vira herói. E meu heroísmo aqui, você sabe, é o mesmo de sempre.

m.markendorf. | 3:50 PM | [meu fotolog](#) | [0 comments](#)

Nessa interposição de forças, da confrontação do “eu” do blog com o “eu” que o lê, ao se encontrar semelhanças e variáveis, verifica-se uma relação especular. A veracidade que é posta em jogo nos relatos vem, em geral, atestada pela ascensão do “eu”, pela insistência da “vida real”, pela autenticidade da história na escrita de seu/sua protagonista, mesmo que seja a autenticidade das câmaras de inscrição dos símbolos gráficos. À intervenção do/a leitor/a através da postagem de comentários atribui-se um valor, um nível da veracidade decorrente da troca de informação entre a vida ‘virtual’ e o mundo ‘real’. Mas é sobre a veracidade da escritura que se impõe o terreno resvaladiço da ficção. Onde a compulsão de realidade, resguardo efêmero da devoração midiática pavimentada pela interação com o/a leitor/a, parece colar-se como uma sombra num nome próprio, numa fotografia, num rosto, num corpo, numa vivência, numa retórica de intimidade.

3.4 – Auto-representações e recriações possíveis

Não corrompendo demasiado o texto, submeto a linha deste raciocínio ao pensamento de Roland Barthes exposto no livro *A Câmara Clara* (1984, p.27), onde ele afirma que diante da “objetiva” de uma máquina fotográfica, ele (Barthes, personagem da foto) é o “eu” que se julga ser, aquele que ele gostaria que o julgassem ser, aquele que o fotógrafo julga que ele seja e aquele de quem o fotógrafo se serve para exhibir sua arte. Temos assim, nada menos do que quatro “eus” presentes nessa narrativa. Pensemos na “tela do computador” como sendo a “objetiva” de que fala Barthes e teremos o seguinte: ao se postar diante de um teclado o/a blogueiro/a tem a oportunidade de se recriar: ele/ela é o “eu” que é, o “eu” que se julga ser, o “eu” que ele constrói em sua narrativa e o “eu” que o/a leitor/a lê, intersectado pelos diferentes vetores que compõem suas identidades, e que irão atribuir

significado à narrativa do/a narrador/a-personagem. Esforço semelhante ao que se pode depreender do excerto a seguir, parte do texto inicial do blog *Coisas Bobas*:

Meu nome é **Giorgia**. Nasci em 04.12.1973 numa pequena cidade do litoral catarinense chamada Imbituba. Aos 15 anos, mudei de lá para cá. Morava sozinha. Não moro mais (Graças a Deus!). Casei com o **Migas**, meu namorado desde 1993, que eu conheci via internet num dia de carnaval. Ele estava em Lisboa, eu na sala dos terminais da UFSC.

Moram conosco a **Clara e o Chico**, dois adoráveis gatinhos vira-latas que nós adotamos e amamos. Não foi por rebeldia, mas para estudar, que eu comecei a morar sozinha tão, tão cedo. A idéia foi da minha mãe, que é psicóloga e tem idéias malucas adoráveis. No começo, eu detestava. Mas acabei gostando e fui ficando, ficando, ficando – mesmo depois de terminar a universidade...

Sou 100% **sagitariana**, seja lá o que isso queira dizer... Extremismos, exageros, assertividade, sutileza elefântica, sinceridade irritante, idealismo ingênuo e um absoluto fervor pelas viagens, pela aventura e pela natureza são coisas minhas. Sem falar, é claro, daquela veia religiosa quase fanática, tão típica dos sagitarianos. **Religião e Espiritualidade**. Esse é um capítulo à parte. Muito, muito importante pra mim. Decisivo, determinante, essencial, fundamental. A busca foi intensa, o caminho foi longo e culminou no Budismo Zen. Em 6 de dezembro de 2003, o Mestre Zen Ryotan Tokuda-Igarashi me ordenou monja leiga e me deu o nome Kogetsu (lê-se kôgetz), que significa Luz da Lua. Sigo no Treinamento Zen sob a orientação do Mestre Tokuda e do Monge Marcos Beltrão. Nutro por ambos a máxima reverência e gratidão. Gosto muito de praticar **Yoga**, mas ando meio relaxada ultimamente.

Tenho bastante interesse pelos **Caminhos de Cura**. Acredito que a doença é resultado de desequilíbrio nas emoções e sua cura se dá fazendo o caminho de volta, ou seja, pela cura das emoções. Sou **Reikiana** (nível mestre) e pratico **imposição das mãos** pelo método ensinado Frei Franciscano Hugolino Back. Aprendi um pouquinho de **Shiatsu** com o Monge Marcos e adoro praticar. Aprendi **Watsu** com o Serginho, mas não tenho praticado. Dediquei bastante tempo e energia ao estudo e prática dos **Florais de Bach**, terapia que me ajuda imensamente do ponto de vista pessoal e, ao mesmo tempo, constitui um instrumento eficaz que me permite ajudar os outros.

Escrever, pra mim, é uma das melhores coisas da vida. Sempre escrevi muito. Pela vida afora, lotei dezenas de diários, agendas e cadernos. E também vivo dos meus escritos: faço petições para a Justiça Federal, defendendo o **Meio Ambiente**. Sou Procuradora Federal. Amo a **Mata Atlântica** e me sinto feliz por poder defendê-la. A causa ecológica me toca o coração. Profunda e irrestritamente.

Sou **vegetariana** por amor aos animais. Fico muito triste com o antropocentrismo que grassa neste mundo e com a crueldade contra os animais, com a forma como eles vivem e morrem. Acho que a vida dos animais é mais importante que o meu prazer gustativo. Não vejo qualquer diferença, do ponto de vista afetivo, entre um cão e uma vaca: ambos são meus irmãos e merecem o meu amor. Salve São Francisco, que há muito tempo já pensava assim. Não gosto (...)

São tantos os “casacos” - para utilizar a metáfora do corpo como porta-casacos, desenvolvida por Linda Nicholson (2000, p. 12) - que compõem a identidade exposta da blogueira acima, e tantos os adjetivos auto-referentes que prejudicam qualquer tentativa de redução. A defesa de um eu forte - personagem e narradora - é feita pela própria blogueira, antes mesmo que o/a leitor/a possa emitir um julgamento. Um modo de ‘ser escrito’ que se interpõe ao discurso e torna tão possível quanto verificável a afirmação de que nesse intercurso escritural dá-se a constituição do sujeito. A blogueira se faz, constrói um si mesmo ao longo da seleção do que declarar e do que omitir no ato da descrição do eu do blog. Constituindo a si mesma no próprio instante da escrita ela se vê diante da oportunidade de empenhar-se no projeto de uma vida com maior notoriedade e sentido. A autora cede então à tentação de tornar-se a “ideóloga” da própria vida, como previu Bordieu (1996, p.184-185), à

medida que seleciona, num processo metonímico de edição, as melhores características e acontecimentos *significativos* de sua vida para apresentá-las ao/à leitor/a. Ela faz ali a escolha do sujeito que quer ser e quer mostrar através da “objetiva” pela qual está sendo observada, numa tentativa de criar uma identidade pública admirada e, principalmente, aprovada.

Quarta-feira, Janeiro, 24, 2007

Um empresário reclamou pra mim da corrupção no serviço público. Disse assim:

"Muitos funcionários criam dificuldades para vender facilidades"

Eu concordei com ele. Claro que existe corrupção no serviço público. Mas ela só existe porque as pessoas pagam propinas e subornos. Enquanto as pessoas continuarem pagando (ou oferecendo dinheiro a a funcionários inescrupulosos), a corrupção continuará existindo. O corrupto não existe sozinho, ele depende de um "ecossistema". A corrupção é um diálogo, não um monólogo. A corrupção no Brasil é alta porque a sociedade brasileira tem uma índole corrupta. Só isso.

Nunca, em nenhuma repartição pública ou mesmo numa blitz, alguém fez menção de me pedir dinheiro para facilitar as coisas. Nunca mesmo. Acho que essa interação ocorre quando os dois lados estão predispostos a levar alguma vantagem indevida. (...)

[Comments](#) | [Trackback](#) :: [Giorgia Sena](#) :: [link](#) :: [arquivado](#)

Terça-feira, Janeiro 23, 2007

Sou contra as raves. Acho um desrespeito aos animais. O período noturno é muito importante para eles. Muitos animais, como os felinos, têm hábitos preponderantemente noturnos. Imagina uma barulheira se instalando na floresta... como o bichinho vai caçar e conseguir seu alimento? Acho tudo isso muito triste... egoísmo das pessoas. Até nisso!

[Comments \(5\)](#) | [Trackback](#) :: [Giorgia Sena](#) :: [link](#) :: [arquivado](#)

Na verdade, muito do que resiste na figura pública e publicada da blogueira se deve ao que gira ao seu redor atrás da tela do computador e que ela própria admira: o ser exemplar documentadorizado, o ser em constante busca do aperfeiçoamento pessoal; o ser tomado como representante legítimo do valor da raça humana que deseja ver um mundo melhor sem agressão ao meio ambiente, com respeito aos animais e todos os seres vivos, que tem afeto por todos os seres humanos e coisas:

Quinta-feira, Março 01, 2007

Cada coisa que me deixa triste... hoje saí pra caminhar bem cedinho e vi uma senhora varrendo na frente de casa. Ao lado dela, uma mangueira aberta e muita, muita água escorrendo... Fiquei bem triste. Lembrei da coisa o dia todo. Fico triste pela mulher e pelo planeta... Triste pela falta de consciência...

[Comments \(5\)](#) | :: [Giorgia Sena](#) :: [link](#) :: [arquivado](#)

Quarta-feira, Fevereiro 28, 2007

(...)

Eu, louca pra ter uma casinha com um pouco de terra pra pisar, fico perplexa quando vejo alguém cimentar o jardim... Que coisa triste e sem noção, só!

[Comment \(1\)](#) | :: [Giorgia Sena](#) :: [link](#) :: [arquivado](#)

Segunda-feira, Fevereiro 26, 2007

Uma vez, voltando de uma viagem de carro a Paraty (ou a Minas, nem lembro), passei por Cubatão e senti um impacto forte, uma espécie de insight ou coisa assim. Sofri. Vi aquelas indústrias todas, aqueles bairros pobres à volta, a degradação ambiental, enfim... Imaginei a vida daquelas pessoas todas. Senti o cheiro da poluição no ar. Depois, lembrei das prateleiras dos supermercados... dos corredores dos shoppings. Tudo cheiroso, bonito, asséptico, naquelas caixinhas coloridas e impecáveis. E o que está por detrás disso tudo? Cubatão. Muitas cubatões. Pobreza, miséria, exploração. Poluição, degradação ambiental. Enfim... É tudo mentira. Vivemos num mundo de ilusão. Acreditamos nos

corredores do shopping. Não vemos um palmo além. Hoje o Migas me mostrou uma poesia da Sophia de Mello Breyner Andresen que fala sobre isso... e que me fez lembrar do episódio de Cubatão: Retrato de Uma Princesa Desconhecida: (...)

Comments (6) | :: [Giorgia Sena](#) :: [link](#) :: [arquivado](#)

Sai Baba

Hoje percebi que os hibiscos se fecham à noite. Recolhem-se. E me dei conta de que isso é o que deveríamos fazer sempre. Noites em claro não fazem nada bem. Dormir tarde tampouco.

Comment (1) | :: [Giorgia Sena](#) :: [link](#) :: [arquivado](#)

A blogueira que não usa pseudônimo e não esconde que é funcionária pública, ilustra seus *posts* com as próprias fotos e adota um tom conciliador em seu discurso, discurso que, aliás, já angariou um bom número de leitores/as e amigos/as virtuais. Orgulha-se de já ter, na verdade, formado uma “rede de amigos” ao longo de seus mais de cinco anos de escrita pública na Rede.

Quinta-feira, Fevereiro 22, 2007

Quero deixar aqui registrado um beijão pra Fernanda M. Martins, **minha nova e querida leitora**. Hoje, como quem não quer nada, eu perguntei o nome dela inteiro, já pensando neste post. Pra que ela não tenha dúvidas pra quem é o beijão!

smack, Fê!

Comment (1) | [Trackback](#) :: [Giorgia Sena](#) :: [link](#) :: [arquivado](#)

Quarta-feira, Janeiro 24, 2007

Eu queria fazer mais slideshows e publicar mais fotos da viagem. **Tô devendo muita coisa aos meus amados leitores:** Havana, Varadero, Trinidad, Antigua (Guatemala), Panajachel, muitas e muitas coisas do Panamá... enfim. Tô em dívida com vocês. Mas é que o tempo tem sido realmente escasso. Tô com muito trabalho, audiências, viagens, prazos vencendo... Não consigo nem respirar muito bem. Correria. Sorry. (grifos meus).

Comments | [Trackback](#) :: [Giorgia Sena](#) :: [link](#) :: [arquivado](#)

O exercício de recriar-se através da linguagem permite à blogueira eleger as facetas identitárias – heróicas, trágicas, religiosas, engraçadas, engajadas, romanescas - que além de gerar o elo de identificação com o público que a lê, também a situam mais confortavelmente ao momento vivido. A blogueira, em geral, deposita mais do que um *post* por dia, numa operação seletiva que dá a ela ainda mais poderes de refazer o cotidiano, pois pode voltar aos seus escritos e refazê-los a todo instante, a cada minuto. O tempo não está comprimido. É possível vê-lo passar através da releitura. Se no diário tradicional, o/a diarista podia retomar o papel escrito e ver nele as marcas de suas dúvidas, suas questões e suas mudanças de opinião nas rasuras e anotações de canto de página, o blog esticou ao infinito os tempos de reflexão e releitura. É possível voltar quantas vezes quiser ao texto e mudá-lo, voltar a refletir sobre ele, sobre que trechos tirar ou acrescentar, sem que, no entanto, as rasuras fiquem marcadas sobre o original. Isto significa dizer que o blog permite ao sujeito um outro cotidiano, de caráter sempre aberto, inacabado, cambiante no processo vivencial, submetido e motivado também pela interação com o outro, como postula Arfuch (2002, p. 64):

(...) a concepção de sujeito, e correlativamente, de identidade que guia meu pensamento é a de um sujeito não essencial, constitutivamente incompleto e, portanto, aberto a identidades múltiplas, em tensão com o outro, o diferente, através de posicionamentos contingentes que é chamado a ocupar – este “ser chamado” opera tanto no desejo como nas determinações do social – sujeito suscetível, no entanto, à autocriação. Desse ponto de vista, a dimensão simbólico/narrativa aparece, por sua vez, como constituinte. Porém, mais do que uma simples sucessão de fatos, uma necessidade de subjetivação e identificação, uma busca conseqüente daquele “outro” que permita articular, ainda que temporariamente, uma imagem de auto-reconhecimento.”⁶⁶

Se é possível construir uma outra realidade, é possível também construir as identidades heterogêneas que em si transitam. A idéia de que se “constrói” a identidade como defendem Arfuch, Hall, Foucault, Butler, Costa entre outros/as autores/as, é de grande importância para o entendimento do blog como uma das possíveis janelas de exposição das facetas desejadas, intencionadas pelo sujeito que escreve. É possível afirmar que ao mesmo tempo em que o blog passa por transformações – modificações em seu *layout*, reformulações no modo de escrita, reconstruções e correções de textos e conteúdos - o mesmo ocorre com a identidade do/a blogueiro/a⁶⁷. Essas mudanças podem corresponder, a meu ver, também a uma resposta crítica à interação com o/a leitor/a, e até mesmo apresentam questões, não sobre “quem sou eu” – já que não existe uma essência do eu - mas principalmente sobre as mudanças constantes pelas quais o eu passa nessa construção coletiva. Tanto os *posts* quanto os comentários representam discursivamente alguém e é a partir dessas representações que o/a blogueiro/a se percebe e é percebido/a pelos demais. Nesse fazer discursivo do blog a linguagem é quem dá as cartas, como estrutura dinâmica e complexa que governa essas vidas. As práticas lingüísticas e discursivas constituem e reforçam a realidade social e material desses sujeitos. Nesse sentido, como sustenta Teresa de Lauretis (1994, p. 20) a linguagem dá

⁶⁶ No original: “(...) la concepción de sujeto, y correlativamente, de identidad, que guía mi indagación: la de un sujeto no esencial, constitutivamente incompleto y por lo tanto abierto a identificaciones múltiples, en tensión hacia lo otro, lo diferente, a través de posicionamientos contingentes que es llamado a ocupar – en este “ser llamado” opera tanto el deseo como las determinaciones de lo social -, sujeto susceptible sin embargo de autocreación. En esta óptica, la dimensión simbólico/narrativa aparece a su vez como constituyente: más que un simple devenir de los relatos, una necesidad de subjetivación e identificación, una búsqueda consecuente de aquello-otro que permita articular, aun temporariamente, una imagen de autorreconocimiento.” (Tradução minha).

⁶⁷ O exemplo mais adequado vem do blog *Maquinando* que também integra o *corpus* desta pesquisa.

Terça-feira, Fevereiro 13, 2007

Nova Cara

Troquei a montagem que abre o blog. Cansei da antiga. O cabelo não é mais o mesmo, a história não é mais a mesma, tanta coisa aconteceu neste ano que minha vontade é começar do zero. Mas zero é um número redondo, um número vazio, vazado. Prefiro continuar de onde parei, tentando manter um controle que não é meu.

Vou adiante. Procuramos desesperadamente um lugar tranquilo para um piquenique. Parar sob uma árvore, descansar, comer alguma coisa, da forma mais romântica possível. (...), (grifos meus).

Escrito por Van Lampert 4:56 AM Até agora (5) leitores comentaram

forma tanto ao sujeito, suas diferentes posições de significado, de identificação e de desejo, como os modos em que esse mesmo sujeito se vincula com as práticas e sua experiência de mundo.

Ao contrário dos dois blogs tratados anteriormente, o *Coisas bobas* não persegue um ideal literário. Seu discurso corresponde a um modelo que se aproxima bastante daquele comumente encontrado nos diários tradicionais, o da escrita ordinária com o desafogo dos sentimentos, as impressões da vida, o relato do dia-a-dia, caminhando talvez para o sentido da crônica, com destaque para o claro posicionamento político-ambiental da autora. Uma presença repetida no orgulho que sente da mãe, nos desejos de mudança de conduta das pessoas que a cercam, nos atropelos e pequenas vitórias que teve no trabalho, ou nas próprias mazelas diárias de que ninguém está livre. O relato das viagens que fez acrescido da postagem de fotografias dos lugares que conheceu, os afetos que sente, as esperanças que tem. Tudo numa perspectiva eminentemente pessoal, mas que dá lugar também à postagem de textos e informações que fogem de sua voz, capturados na própria Internet, letras de música e receitas culinárias que experimenta. Exercício, aliás, que expõe o modelo de texto mais freqüentemente encontrado nas escritas da Internet, o hipertexto, ou a escrita em rede, híbrida, formada por várias influências e caracterizada pela combinação dos princípios da fragmentação, interatividade, movimento, heterogeneidade e descentramento, que se constrói na relação com o outro e se concretiza no ato da leitura, ou como conceituou Pierre Lévy (1993, p. 33), “hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.”

Tem-se assim, nesse blog um hipertexto de afetuosa ligação com a escrita rotineira, diária. A blogueira declara que sempre gostou de escrever e já “lotou” dezenas de diários, agendas e cadernos, portanto o blog passou a ter para ela o mesmo fim, repositório de um eu que se inscreve e se escreve sobre. Sendo esse sujeito mulher, essa escrita vai representar muito mais do que mero relato diarístico, mas contribuir com o rompimento do laço de fechamento sobre si da mulher a que a sociedade já estava acostumada, acabando por colocar em cena o discurso feminino no limiar tenso entre o domínio do público e do privado no espaço enunciativo do blog. Aí se instala uma outra questão: a do que escrever. No blog se escreve tudo o que se escrevia no diário tradicional? Ou pode o sujeito, fonte e controlador de uma linguagem que se sustenta no eu da intimidade - aquele que na verdade está atrás da tela

opaca do computador e não aquele personagem de seu blog - simular uma ruptura com a formação discursiva da identidade predominante que deseja enunciar?

Discutir a formação das identidades do sujeito é central quando se trata de analisar os discursos biográficos. Stuart Hall, em seu livro *A identidade cultural na Pós-Modernidade* (2005), apresenta três concepções de identidade. A primeira está relacionada ao sujeito do Iluminismo, ou a do indivíduo centrado, unificado e dotado de razão e consciência. A segunda concepção diz respeito ao sujeito sociológico, que ainda mantém um núcleo ou essência, mas cuja identidade é formada pela interação entre o “eu” e a sociedade. A terceira concepção explica o sujeito pós-moderno, cuja identidade está em mutação. “O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade estável e unificada está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas,” (HALL, 2005, p.46), explica o autor, que defende que o sujeito pode assumir identidades diferentes em diferentes momentos e, claro, elas não estarão unificadas em torno de um “eu” coerente. Assim, as identidades podem estar sendo constantemente deslocadas, sem possuir um centro estável. Além da desarticulação da coerência do passado, há a possibilidade de novas articulações no presente, ou seja, a criação de novas identidades do sujeito. Assim, as formações discursivas encontradas nos blogs pessoais nada mais são do que manifestações autobiográficas de identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno descrito por Hall, tendo ele já esclarecido também que não há nem pode haver uma identidade predominante do sujeito, elas se cruzam ou se deslocam mutuamente, sendo assim não existe uma identidade mestra, que possa alinhar todas as outras, independentemente da circunstância ou do momento, “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado” (HALL, 2005, p. 21). Sendo assim, ao tecer a escrita do blog *Coisas Bobas*, a autora é interpelada ora como a servidora pública abnegada e ética, ora como a advogada que é chamada a dar ‘conselhos’ *online*, ora como a monja de espiritualidade aguçada praticante do *reiki*, ora como a vegetariana defensora de dietas saudáveis e defensora da vida animal, ora como a filha, ora como a esposa, ora como a amiga e ora como a escritora autora de blog.

Compondo essa mesma discussão parto para a análise de outro blog, agora de autoria masculina, o Diário de um liso - “vida e obra de bony inoue”, que evoca também o modelo de “diário”, com postagens regulares e diárias. O autor Whelborny Daijiro Inoue, de Natal, RN, aspira ser seu blog uma espécie de espaço de ‘defesa’ (não no sentido militante) dos pobres ou, como ele chama, ‘lisos’, por identificação. Seu primeiro post o credencia junto ao que podemos chamar de comunidade, o seu público leitor:

Terça-feira, Setembro 20, 2005

Começa a lisura!

Gente, eu nasci liso!!!

Nasci, cresci e espero não morrer liso!!!

Faço faculdade de liso, moro em casa de liso e tenho emprego de liso...

Amanhã mais novidades....

POSTED BY BONY DAIJIRO INOUE AT 8:53 PM 2 PESSOAS FIZERAM UM LISO FELÍZ!! COMENTAÍ...É DE GRAÇA!!!

Sexta-feira, Setembro 23, 2005

Fim de semana de liso!

Hoje é sexta-feira. Começa o fim de semana, e com ele a pior manifestação de lisura: pra onde ir?

Qualquer lugar que você queira é caro. Se não é caro é longe (liso não tem carro).

Quando é barato e perto, não é bom.

Um exemplo: bom é ir pra Pipa no fim de semana, mas é longe e caro. Pertinho de casa tem o Forró do Ovo, que por sinal é bem baratinho! Mas é uma merda!!!

Da última vez que eu fui, uma banguela de meia idade se apaixonou por mim.

A entrada é R\$ 1,50 e a banda que toca é o Forró Cuscus com Ovo!

Por isso, liso que é liso fica em casa vendo um DVD pirata. Comprei a Paixão de Cristo, com o Mel Gibson. Só estranhei Jesus Cristo de tapa olho, perna de pau e um papagaio no ombro...estranho...muito estranho...

POSTED BY BONY DAIJIRO INOUE AT 8:43 AM 3 PESSOAS FIZERAM UM LISO FELÍZ!! COMENTAÍ...É DE GRAÇA!!!

Com a postagem diária de textos ele faz de seu blog um ‘manifesto’ e certa apologia à pobreza, com o registro de seus desejos pessoais por ‘bocas-livres’ ou as *BLs*, como ele chama, descontos, promoções, enfim toda forma de vantagens a que possa ter acesso. Mas o autor transforma também o blog num espaço de “utilidade pública” onde ele dá informes e faz anúncios, como o do próprio pedido de emprego, já que recentemente expirou seu tempo regulamentar de serviço na Marinha do Brasil e no período de postagens em que analisei esse domínio o autor encontrava-se desempregado e comentava todos os atropelos que tem para se deslocar e participar de entrevistas de emprego, além de publicar o próprio *curriculum vitae* no blog e pedir aos seus/suas leitores/as que lhe avisassem caso soubessem de alguma vaga.

Segunda-feira, Março 05, 2007

(...)

Á procura da felicidade....

Felicidade é um salário no fim do mês...pelo menos pra mim é!

Estou á procura de emprego...se alguém souber de alguma coisa, qualquer coisa, me avise!

POSTED BY BONY DAIJIRO INOUE AT 1:13 AM 0 PESSOAS FIZERAM UM LISO FELÍZ!! COMENTAÍ...É DE GRAÇA!!!

Sexta-feira, Março 09, 2007

(...)

Donde estás?!

As BL´s sumiram!

Isso me deixa deprimido....tão deprimido....

Já não basta estar desempregado, sem namorada e ser vizinho de um fã de Saia Rodada, ainda por cima não aparecem mais bocas livres como antes. Estou definitivamente no fundo do poço.

Como diria Borat, o segundo maior jornalista do grandioso país do Casaquistão: "Eu estar na merda..." Mas onde estariam as BL's? O que teria acontecido com elas? Seria culpa do tal do aquecimento global? Teria Bush alguma influência nisso?

Enquanto as BL's não retornam, me contentarei em ir ao cinema com aqueles ingressos que eu ganhei na Tribuna....sem falar do Cidadão Nota 10....

Adoro a palavra digrátis!, me soa como "Luana Piovani que dar pra mim!"....

Marcadores: Devaneios

POSTED BY BONY DAIJIRO INOUE AT 2:48 PM 2 PESSOAS FIZERAM UM LISO FELÍZ!! COMENTAÍ...É DE GRAÇA!!!

Domingo, Março 11, 2007

(...)

Obrigado pela graça recebida!

As BL's voltaram!

O Senhor ouviu-me em oração e providenciou um convite pra uma BL!

Mas o melhor da BL, é que foi um daqueles aniversários de criança, que são feitos no Game Station do Midway Mall e que dão direito a trocentos passes-livres praquelas maquininhas infernais que eu adoro. Pois é, eu peguei um cartão daqueles....

Outro grande lance de festas infantís, é que elas são repletas de coisas que criança adora comer: docinhos, salgadinhos e refrigerantes...me sentí em casa!

Mas gostei das companhias....alguns Maçons, alguns amigos, mulheres bonitas....foi legal...

Mas o melhor foram os cartões free....aqueles cartõezinhos....Beach Head e aquele em que você é um sniper me fizeram tão feliz...cheguei em casa com um sorriso bobo no rosto. Agora só falta Ele me mandar a Luana Piovani, um emprego e aquele bilheteinho premiado (e ainda não recebido) da Mega-Sena!

Marcadores: BLs

POSTED BY BONY DAIJIRO INOUE AT 4:24 PM 0 PESSOAS FIZERAM UM LISO FELÍZ!! COMENTAÍ...É DE GRAÇA!!!

O destaque que dá a sua condição de pobre é tanto que ele fundou o quadro *Dica do liso*, uma espécie de seção do blog onde ele dá dicas de como, por exemplo, ir ao cinema de graça e “Como comer bem sem gastar muito”, nominando e descrevendo os lugares onde as refeições são mais baratas em Natal, lugares onde se concorre a brindes e ganha-se descontos, enfim conta todos os tipos de vantagens que ele pensa possam interessar aos seus/suas leitores/as.

Sábado, Março 03, 2007

Como comer bem em Natal - Os sebosões.

A gastronomia natalense tem suas peculiaridades, entre elas o **sebosão**.

Depois do pastel de dez centavos, o sebosão é a estrela mor deste espetáculo chamado gastronomia de rua.

Mas o quê é um sebosão?

Sabem aqueles trailler's de lanches, muito comuns em praças?

Pois bem, este trailler é o famoso sebosão.

Mas por quê sebosão?

Oras, parem um pouco e comparem aquele trailler pequeno e apertado, normalmente sujo com as lanchonetes do Midway Mall. Compararam? Agora vocês entendem a origem do termo sebosão.

Mas essa fama de imundície, na maioria das vezes (e aí eu digo maioria e não totalidade) costuma ser apenas uma herança dos antigos tempos. É comum o sebosão estar de acordo com as normas da vigilância sanitária.

Os sebosões ficaram famosos, e se alastraram pela cidade, por causa do preço. Enquanto um baurú custava seus R\$ 3,00, nos sebosões não passava de R\$ 1,00!

Por R\$ 1,50 você podia comer um baurú e beber um copo de Coca-Cola. Com o tempo, o cardápio

aumentou e o X-tudo (uma espécie de baurú com frango desfiado, batata palha e bacon) foi incluído. Hoje em dia, o sebosão oferece uma gama de opções de comida barata e calórica. Em todos eles, sem exceção, **pode-se comer bem por menos de R\$ 5,00**. O que é uma boa pedida nas noites de domingo...

Os melhores pra mim são: **Gosto Gostoso** (ficou famoso pelo molho de bacon), **Madrugão** (peça um X-Hallrison), **Tia Ira** (sempre peço um Tia Bacon), **Galego** (o da Av. Nascimento de Castro), um no cruzamento da Av. Prudente de Moraes com a Av. Nascimento de Castro (sim, a maioria fica em cruzamentos...) e o **Paulista** (Av. Roberto Freire, em Ponta Negra).

Em Natal, ir pra balada e na volta não parar em um sebosão, é como ir a Roma e não ver o Papa...ou algo parecido....

Marcadores: "Dica do Liso"

POSTED BY BONY DAIJIRO INOUE AT 2:21 AM 0 PESSOAS FIZERAM UM LISO FELÍZ!! COMENTAÍ...É DE GRAÇA!!!

Sua escrita perpassa a vida das pessoas com quem se relaciona no dia-a-dia, amigos com quem compartilha segredos na vida ‘real’ fazendo ponte com a vida do blog e vice-versa. Deseja ser lido e o que comenta no blog tem o intuito de ‘verdade’, de não perder o elo com seu cotidiano e daqueles com quem convive. Escreve que prometeu não publicar ‘gafes’ e ‘segredos’ dos amigos *reais* a quem também chama de *lisos*, mas acaba sempre comentando, resvalando na própria vaidade de saber-se lido, e isso o inscreve com uma marca diferencial de escrita que transcende o registro do cotidiano puro e simples, na medida em que rompe com as amarras do particular e o situa como produtor de literatura. Ele consegue retratar literariamente, e com tamanha inventividade, as lutas paroquiais pela sobrevivência e o grotesco das pequenas mesquinhas humanas. E isso o faz de tal forma que, ao ler-se o blog, torna-se difícil separar a verdade da ‘verdade’, entre os fatos que lhe ocorreram efetivamente e a construção ficcional. A noção do ‘quase’ verdadeiro fragmenta a escrita, como se o autor estivesse dizendo que, com o passar dos dias e dos *posts*, as versões construídas pelo *liso* tomarão o lugar dos acontecimentos, criando novas ‘verdades’ que se não aconteceram na cronologia de Natal, onde o blogueiro vive, estão situadas em um tempo e espaço ficcional, onde embora tudo lhe seja permitido, o escritor não avança sinais, numa escrita meramente narrativa e contida.

Terça-feira, Março 13, 2007

(...)

A greve

Circula pelos corredores do comando grevista da Polícia Militar do RN, uma controversa versão para o fracasso da greve da PM potiguar.

Segundo a versão, a greve não deu certo por falta de apoio dos próprios policiais, receosos de perder conquistas internas: o pessoal da ROCAM ficou com medo de perder as motos e a mordomia de rodar pra cima e pra baixo às custas do Estado. O pessoal da Rodoviária ficou com medo de perder os carros, e com isso as bolas. O pessoal da Cavalaria ficou com medo de perder os cavalos, afinal, se tamanho é documento, nada melhor do que um cavalo...lance estranho esse do cavalo....

POSTED BY BONY DAIJIRO INOUE AT 4:07 PM 0 PESSOAS FIZERAM UM LISO FELÍZ!! COMENTAÍ...É DE GRAÇA!!!

A exemplo do blog *Coisas Bobas*, a composição do *Diário de um liso* passa pela postagem de textos curtos de caráter eminentemente pessoal, com frequência ilustrados pelas próprias fotografias. O autor conta sobre os episódios familiares, as festas que participa, o que lhe ocorre durante os trajetos de ônibus para a faculdade ou pequenas viagens que faz, as conversas e experiências com os amigos e freqüentemente comenta notícias que leu ou viu na televisão, com uma postura crítica aguçada:

Sábado, Março 03, 2007

Cadeias x escolas

Com este surto de debates sobre segurança, daqui a pouco algum aparecido vai sugerir diminuir a maioridade penal para -9 meses.

Sem falar na quantidade de cadeias de ultra-súper-mega segurança máxima que irão construir por aí. Alguém já se perguntou onde deveria estar aquela menor de idade que assassinou a corretora de imóveis?

Pois é, ele deveria estar na escola, mas não estava. Agora, o lugar dele é na cadeia.

Se ao invés de estar na rua vadiando, ele estivesse na escola estudando, talvez daqui a alguns anos ele servisse de exemplo em algum Globo Repórter. Mas não será assim, o problema não é a má qualidade da educação. O problema é a falta de cadeias. Pelo menos é o que dizem por aí....

Façamos assim: derrubemos as escolas. Passemos a investir em presídios.

Melhor ainda: transformemos nossas casas em fortalezas intransponíveis, e deixemos os bandidos soltos (o que já vem acontecendo). Talvez seja mais seguro estar preso, do que andando pela rua. Tem funcionado com o Fernandinho Beira-Mar...

Marcadores: Devaneios

POSTED BY BONY DAIJIRO INOUE AT 3:08 AM 0 PESSOAS FIZERAM UM LISO FELÍZ!! COMENTAÍ...É DE GRACA!!!

O ato de escrever em *Diário de um liso* é sintomático do cenário de batalhas pessoais diárias, de um eu ancorado em padrões que considera éticos e pertinentes ao estudante universitário de 28 anos oriundo de boa família, embora seduzido pelos poderes da mídia e variações do imaginário. E por que toma como *Devaneios* o título dos “Marcadores” do *post* desse dia, se sua opinião está fundamentada em fatos concretos? Talvez porque reconheça que sua escrita está inundada de conceitos político-ideológicos, mas também contaminada dos padrões de comportamento típicos da masculinidade que levam o blogueiro a posicionar-se ora moderno e libertário, ora preconceituoso e machista. O que pode ser percebido quando se vê o blogueiro emitindo opiniões onde seu discernimento agoniza, abrindo em carne viva os estereótipos que povoam o pensamento masculino e prostram a mulher numa posição inferior, como no conteúdo do *post* abaixo:

Quarta-feira, Março 07, 2007

(...)

Abgail

Conheci Abgail no Circular da UFRN.

Sabe como é, aquele balanço acaba aproximando as pessoas....

O juízo da Abgail é inversamente proporcional ao tamanho dos peitos dela. A moça tem talento....e que talento!

Ela sempre que me encontra, me pergunta o nome. Eu sempre respondo. Ela sempre esquece.

Ela me chama de "Menino do livro". Eu costumo carregar uns livros.

Abgail é aluna de Direito. Fico imaginando ela, vestida com uma toga, exercendo a magistratura.

É o tipo de juíza que condenaria o Cristo Redentor por exercício ilegal de santidade!

Menina ímpar, essa tal de Abgail....como diria o Tato: "Vê-se cada coisa no ônibus!"

POSTED BY BONY DAIJIRO INOUE AT 10:30 PM 2 PESSOAS FIZERAM UM LISO FELÍZ!! COMENTAÍ...É DE GRACA!!!

Se o jovem estadunidense Justin Hall afirmava sua masculinidade postando as próprias fotos em poses reacionárias, vestigiais da sociedade falocêntrica a que pertence, no blog *Diário de um liso* vê-se, através da escrita, toda a carga de preconceitos que subjaz ao pensamento do autor, a ocupar importante espaço da narrativa pessoal *online* de um homem moldado pelos valores convencionais que sempre nortearam a esfera masculina, e que contribuíram para erigir os pilares da sociedade patriarcal brasileira. O mesmo homem opressor e também vítima de um sistema que o faz emissor e receptor de um conjunto de representações simbólicas que o subjugam a determinados paradigmas e o situam numa intencionalidade de desconstituir o feminino para constituir o masculino. É como se o blogueiro necessitasse menosprezar, desqualificar, diminuir a inteligência da mulher com quem esbarra no ônibus (e que, aparentemente ele sequer dispõe de informações suficientes para emitir um julgamento ou avaliar o quociente de inteligência que ela possui), para afirmar e mesmo superestimar a própria inteligência, estabelecendo, consciente ou inconscientemente, uma relação de alteridade para satisfazer o próprio *ego*. Como explica Elizabeth Grosz (2000, p. 47), essa dicotomia não é simplesmente uma divisão neutra de um campo descritivo abrangente, “o pensamento dicotômico necessariamente hierarquiza e classifica os dois termos polarizados de modo que um deles se torna o termo privilegiado e o outro sua contrapartida suprimida, subordinada, negativa. O termo subordinado é meramente negação ou recusa, ausência ou privação do termo primário, sua queda em desgraça; o termo primário define-se expulsando seu outro e neste processo estabelece suas próprias fronteiras e limites para criar uma identidade para si mesmo.” Do mesmo modo, tendo-se em vista o teor do *post*, o visível tom depreciativo das palavras que a princípio deveriam soar como ‘elogio’ às formas e sensualidade femininas, estabilizam a mulher no lugar do subalterno, do recipiente, do objeto do olhar desejante masculino. Um olhar motivado pelas representações já cristalizadas do feminino, da imagem de mulher colocada no lugar de subserviência onde o olhar heterossexual já se acostumou a situá-la. A escrita do blogueiro não escapa à mediação das representações oferecidas pela linguagem, já que esta tem o poder de construir e não apenas de expressar significados. Ou como esclareceu Michèle Barrett (1999, p. 111) o significado é

construído dentro da linguagem a partir de um processo de diferenciação. O significado não é absoluto fixo em relação ao referente, mas é arbitrário a esse respeito. Nesse caso “o significado é construído através da contraposição de elementos diferentes, cuja definição reside precisamente nas diferenças entre eles.” O discurso do *post* em questão remete claramente à oposição macho/fêmea intimamente aliada à oposição mente/corpo, como tipicamente tem sido representada (explícita ou implicitamente) o corpo como equivalente ao feminino e a mente equivalente ao masculino, excluindo, assim, o *status* da mulher como sujeito do conhecimento. Basta ver o comentário que o blogueiro faz ao dizer que imagina a mulher citada como juíza: “Abgail é aluna de Direito. Fico imaginando ela, vestida com uma *toga*, exercendo a magistratura. É o tipo de juíza que condenaria o “Cristo Redentor” por *exercício ilegal de santidade!*” Tal postura me faz verificar como ainda hoje - ou, em outras palavras, passados tantos anos de embates e conquistas feministas - atuantes mecanismos da opressão patriarcal vinculam a mulher muito mais intimamente ao corpo do que o homem e, através dessa identificação polarizam homem e mulher e restringem os papéis sócio-econômicos das mulheres a termos (pseudo) biológicos.

Voltando-se a análise outra vez ao pólo feminino, o tom dicotômico e mordaz do blog de autoria masculina, *Diário de um liso*, se desvanece diante da escrita polida e delicada do blog *Maquinando*. Este se aproxima do estilo do blog *Doida de Marluquices* sem, no entanto, o uso recorrente de recursos poéticos. A blogueira vai da crônica ao relato do cotidiano, passando inclusive pelas alegrias e sofrimentos vivenciais decorrentes da morte, do luto, do amor, da fruição literária. Como num determinado *post* em que ela comenta a morte da sogra. Classificando como injustos os preços praticados pelos jornais tradicionais da cidade de Porto Alegre onde vive, a blogueira Vanessa Lampert faz a publicação oficial da Nota de Falecimento da própria sogra em seu blog, já que o considera um meio de divulgação de massa, com condições, portanto, de atender ao requisito formal de publicação documental:

Porto Alegre, 04 de fevereiro de 2007.”

(...)

O texto acima foi escrito por minha cunhada, Marjorie Lampert, para participar o falecimento da mãe dela, minha sogra e grande amiga Dinorá, mas infelizmente não houve como publicar a nota no jornal (impossível neste momento desembolsar mais de dois mil Reais por um box 10x5 na Zero Hora. Capaz de a Dinorá ressuscitar e nos dar um puxão de orelha por uma coisa dessas nas circunstâncias financeiras atuais. O preço não é muito diferente nos outros jornais daqui.). No entanto, pedi permissão para publicá-lo neste meu espaço, e garantir que nossa homenagem esteja disponível a quem por ela procurar. (...).

Escrito por Van Lampert 11:47 PM Até agora (3) leitores comentaram

No mesmo *post* a blogueira tece uma longa homenagem afetiva, ao mesmo tempo em que narra as circunstâncias da doença e morte da sogra. São palavras de afeto e luto numa escrita literária urdida no factual, cujos interstícios permitem a mútua oxigenação entre a literatura e a história pessoal e familiar da autora, cuja finalidade os blogs pessoais em geral, ao que parece, têm servido muito bem.

Ao entrelaçar as linhas de sua produção literária, Vanessa Lampert almeja que sua escrita transite entre o que lhe preenche os dias e o que fecunda sua inventividade, num diálogo com azeitonas, tomates, sabores, sofás e falta de energia e inspiração para realizar suas atividades diárias e, sobretudo, escrever. Suas queixas vão desde a falta de vontade de atender aos apelos da pia da cozinha repleta de louça por lavar até a falta de adequadas horas de sono, conteúdos que fluem abundantemente em suas crônicas. Sua percepção, no entanto, está filtrada por uma lente criativa de inusitada inspiração ora atribuída ao aniversário do marido, o “amor” de sua vida, ora aos gatos de estimação, ora a datas comemorativas, ora ao curso de formação de escritores e agentes literários que frequenta na Unisinos, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A blogueira parece apontar ao/à leitor/a que, ao roçar o factual à emoção palpável, há uma mudança de nível narrativo, na medida em que predomina uma espécie de aspiração ficcional a elucidar os acontecimentos de uma vida. Ou melhor, ela propõe novas cores ao esboço histórico do relato de vida, onde as idéias oscilam entre o real e o imaginário, onde a narrativa é instrumentalizada pela ficção, como se pode ver neste *post*:

Quarta-feira, Janeiro 17, 2007

Anotação misteriosa

O tempo apaga tudo

Em visita à casa da minha avó, descobri uma velha caderneta de anotações, aparentemente pertencente a uma das minhas tias, embora contenha a letra de uma porção de gente. Uma única data: 13 de maio de 1973, cabeçalho de um texto que nunca foi escrito. Um imenso número de folhas vazias e, lá pelo meio, rabiscos de crianças, desenhos de adultos, números de telefone e algumas anotações esparsas. Uma delas me chamou a atenção. Era uma carta, de alguém para alguém, sem assinatura, sem data, sem muitas pistas. Minha mãe não reconheceu a letra, nem grande parte dos nomes, e a história permanece uma incógnita, a amarelar-se pelo tempo. Transcrevo aqui, para relatar meu espanto.

?André avisou-me que Tuco quer nos colocar longe da Geida. Pedrinho acha que ?eu? influencio Geida ao desquite. Tuco já pediu que eu afastasse aos poucos e falasse para você fazer o mesmo, que ele acha que Geida, ficando só, volta para ele. Isto é ?tara?, o homem é perigoso. Eu acho que no caso nós não devemos nos afastar de maneira nenhuma, pois ela fará uma loucura. Mas o perigo é que ele pode nos prejudicar de algum modo, não é? Já pensei nisso, pressinto algo bem horrível, já pensei até que ele poderá falar com meus pais, estou desesperada. Geida não quer que a deixemos em hipótese alguma, chorou e se agarrou a mim, ela prefere que Tuco a mate. Ela está querendo viajar agora!

Suely...e agora, o que vamos fazer? Tenho medo dele. Vamos pedir a Deus que nos ajude. Vamos falar com o Felix, também, sei lá... nem sei o que penso. Ele no desespero que está é capaz até de matar. Geida está me esperando lá fora, por favor, depois do culto vá à casa dela, ela fica desesperada só em pensar que você pode se afastar.

Tchau e até lá?.

Suely pode ser uma das primas de minha mãe, o Pedrinho, talvez, o tio dela, a dona da carta provavelmente seja minha tia, e o Felix era tio da minha avó. Apenas essas pistas. Não sei quem é Geida e Tuco e nenhuma desgraça houve na família com essas pessoas. Um problema enorme, que torturava a remetente da carta, desesperava a pobre Geida, perseguida pelo ex-marido, e ameaçava uma série de vidas, hoje não é nada.

A vida passa rápido. O que na época era uma desgraça assustadora, hoje é apenas uma anotação misteriosa em uma folha amarela cheirando a barata. Sem assinatura, sem data, sem continuidade, um problema esvaziado pelo tempo. Trinta anos passaram depressa, carregando o que encontraram pelo caminho, sem medo, sem pena. O tempo apaga, muda o sentido, altera a importância.

Olhei para a minha vida, para meus problemas enormes e insolúveis, para minhas cartas desesperadas a um destinatário mudo qualquer e achei graça. Vi meus dramas reduzidos a anotações sem importância, apagando-se pelos dias, histórias que a história despreza. Não vale a pena agarrar-se a coisas tão pequenas, enquanto o tempo continua passando, a amarelar nossas folhas vazias. Nosso tempo, por mais longo que seja, é curto demais para que o gastemos à toa. O bilhete que Suely nunca recebeu me lembra de que devo levar a vida de forma mais leve, porque tudo, absolutamente tudo, passa.

Graças a Deus.

Escrito por Van Lampert 9:04 PM Até agora (3) leitores comentaram

As avaliações da vida, o jeito intenso de vê-la com estrelas no olhar parecem fazer parte do modo intermitente e latejante da blogueira escrever seu dia-a-dia. Aliás, tarefa que parece estar entre suas principais atividades diárias, pois além de escrever o blog pessoal *Maquinando* mantém outros dois sítios: o *Autor desconhecido*⁶⁸ (onde tenta provar a tese de que o autor desconhecido *não* existe) e o *Vanlampert*⁶⁹ (que apesar de batizá-lo com o próprio nome não recebe da autora a mesma atenção em atualizações que o *Maquinando*) e a coluna *Sala de Estar*⁷⁰ na revista digital Paradoxo.

Do mesmo modo que ocorre no blog *Incorrespondencias*, o lirismo de Vanessa Lampert não se apresenta em rimas e versos, mas em prosa. Sua escrita perpassada de sentimento nas interpretações do cotidiano acaba sempre indo repousar nas próprias impressões e avaliações filosóficas, mas isto não impede o intercuro dialógico que trava com o/a leitor/a implícito à sua escrita, na medida em que expõe suas inseguranças, frustrações, apegos, dúvidas. É da vida que a autora fala e não se abstém dos assuntos ou da falta deles. Como acontece com a maioria dos/as escritores/as, se não há assunto ou inspiração é sobre essa falta que se fala. E a falta é o que abunda, ou a falta de percepção para algo que sempre há sobre o que escrever.

Quarta-feira, Fevereiro 28, 2007

Hein?

Eu tinha que escrever sobre uma coisa muito importante, mas como não faço a menor idéia do que era, resolvi escrever sobre a amnésia. Eu tenho esquecido uma porção de coisas. E não acho isso nem um pouco legal, mas já assumi que é culpa da idade, porque começou mais ou menos na época em que eu estava para fazer um ano a mais do que tinha no ano passado.

⁶⁸ <http://www.autordesconhecido.blogspot.com.br/> acesso em 01.03.2007

⁶⁹ <http://vanlampert.blogspot.com/> acesso em 01.03.2007

⁷⁰ <http://www.revistaparadoxo.com/materia.php?editid=33> acesso em 01.03.2007

A coisa é pior do que você imagina. Eu fiz 27 anos. Até aí nada de mais. O problema é que me preparei psicologicamente durante 2 meses para o fato de fazer aniversário. Nada de mais também, já que faço isso todos os anos. O problema é que passei novembro e dezembro falando como se eu já tivesse 27 anos. Me convenci tanto que quando fiz aniversário meu cérebro achou que estava fazendo 28. Resultado: se alguém me pergunta eu digo que tenho 28. Estou mentindo minha idade para mais!!! Devo estar mesmo maluca.

Comprei um creme anti-rugas novo, porque agora tenho 28 anos. E ando com um medo muito grande de ter puxado a pele da família do meu pai (essa frase ficou estranha, me imaginei puxando a pele das pessoas, o que, posso garantir, nunca fiz), que tem um prazo de validade muito curto. Pensando seriamente em inventar uma desculpa qualquer e tirar o sobrenome deles, para ver se engano meu dna e o faço pensar que sou clone da minha mãe. Quem sabe nessa consigo até uma corzinha?

Os cabelos brancos desistiram de nascer, depois que eu arranquei os dois pobres coitados que deram o ar de suas alvas graças. Nunca mais apareceu nenhum. Acho que ficaram com medo. Toquei terror nos despigmentadozinhos. Uhú! Estou me achando.

Como ando desmemoriada, não tenho o menor compromisso com assunto neste blog, nem com a literatura, nem com nada. Só quero escrever à toa, pode ser? Então tá. Acabou o mês, percebeu? 28 de fevereiro, março está aí, na nossa cara. Posso ser lugar-comum e dizer que este ano tem passado mais rápido do que o ano anterior? Do que todos os anos anteriores? Tem passado, não, está passando, assim, no gerúndio, em movimento. Constante movimento.

Faz tanto tempo que não escrevo nada que não sei se contei que trocamos o sofá abóbora por outro, verde-limão, de um tecido que aguenta arranhões de três gatos ao mesmo tempo. Eles são bonzinhos, e não costumam destruir coisas (os gatos, embora eu também nunca tenha visto nem tecidos nem sofás destruindo coisas), mas o tecido do sofá antigo era tão ruim, um emborrachado porcaria (não esqueçam que eu compro coisas baseada única e exclusivamente no critério "preço") que bastava o gato passar perto que ele já rasgava. De medo, decerto. Levou a sério a expressão "se rasgando de medo".

E o Gatão é muito forte. Ele parece gordo, mas são músculos :-). Então, mesmo de brincadeira, poderia ferir um sofá mais sensível. Como meu outro sofá era muito porcaria, ficava mais barato comprar outro do que mandar trocar o forro. Felizmente encontramos um sofá muito bom por um preço bem baixo. Na verdade compramos dois sofás, um de dois e outro de três lugares, muito bons e por menos do que gastaríamos em um sofá ruim como o anterior. Pegamos uma super-hiper-mega-assustadora promoção de fim de ano. Deu medo. Sério, era uma promoção muito promocional. Eu me assusto com promoções que se promovem demais assim. Coisas se liquidando, se jogando aos nossos pés totalmente desprovidas de amor próprio, se desvalorizando assim, sem razão!

Tudo bem, eu imagino que por ser um mostruário verde-limão, o jogo de sofá teria motivos de sobra para se desvalorizar daquele jeito, mas me assustei, da mesma forma. No começo achei que seria meio espalhafatoso colocar um sofá daquela cor no meio da sala, mas depois que lembrei que ele substituiria o cor de abóbora, me tranqüilizei. E acho que não preciso dizer que os gatos amaram. E que o verde-limão combinou com o amarelo listrado, o que é uma regra importantíssima para a permanência de um móvel nesta casa. Se não combinar com nosso único gato colorido, não serve para o apartamento.

Em breve, terei fotos de todos eles testando o sofá verde-limão, que está parecendo cada vez mais verde e menos limão. E esse tecido que já parece arranhado é perfeito para quem tem gatos. Mesmo que eles arranhem, não tem como ver. Eu juro que eles não arranharam, o sofá já veio assim.

PS: Espero que minha ausência prolongada não tenha causado danos cerebrais irreversíveis em ninguém.

Marcadores: postagens inúteis sem assunto algum

Escrito por Van Lampert 3:46 AM Até agora (7) leitores comentaram

Um reiterado tom amoroso e doméstico especifica o território em que a blogueira manipula sua escrita e se sente confortável. Toda sua escrita de longos *posts* é marcada por certo apreço ao ambiente doméstico nem sempre dito em palavras, mas assinalado nas fotos, nas escolhas paratextuais. O título da coluna que escreve na revista digital Paradoxo é *Sala de estar*. A entrada no blog *Maquinando* é marcada por um *composé* de fotos da própria autora com seus gatos de estimação. Um ir e vir de informação entre o blog e o fotolog da autora completa a cadeia cognitiva elaborada por esse jovem eu em formação. Sua escrita é pontuada

pelo calor de sentimentos e família, cuja inusitada habilidade parece residir na palavra e na coisa que a palavra quer representar. Decodificar a escrita da autora soa tanto como descascar a palavra até expor o máximo da intimidade da coisa-em-si, a matéria da coisa escrita, a vida.

Por percorrer os caminhos inerentes ao relato da história pessoal, o blog *Maquinando* parece estar mais ligado ao objetivo de memória, ao registro do vivido e sua preservação, ao armazenar para não perder. Tudo é documentado em texto e foto: a troca do sofá, a compra de um vestido novo, o passamento de um ente querido, a consulta veterinária do gato, as aulas na faculdade, o passeio com o marido. É nesse território de evidente realidade e pura ficção que a autora expõe uma prática literária de exercícios memorialísticos e desejo de transcendência, não apenas pelo viés do texto, mas pelas esquinas da blogosfera. Além de protagonizar seus próprios blogs, sua escrita percorre outros blogs pessoais em espaços de conexão com outros escritores, cuja produção textual se dá de forma conjunta e interativa. Ela quer que sua estada e permanência na blogosfera seja devidamente marcada, mesmo que sob o caráter criador dos atos de memória, incapazes de reproduzir exatamente o fato em si, já que aos chamados do presente são o passado e a lembrança que respondem. Mas, mesmo que a memória do blog não seja capaz de restaurar o vivido, é justo que se trace em seus vários fios paratextuais e fantasmáticos, matéria de sua construção arqueológica, o vivido que se põe no lugar do que se foi. Seus *posts* falam do vivido, do tracejado cotidiano que abarca uma vida, mas também deixam nítida a impressão que todos temos de que cada dia vivido leva consigo lembranças irrecuperáveis. Que o indivíduo sofre de uma amnésia crônica e tem a sensação de deixar de “existir” todos os dias, por isso a crescente necessidade de registrar tudo em alguma outra superfície que não apenas nos obscuros labirintos da memória. Embora consciente de que é cada vez mais difícil construir fundações duráveis, porque o ritmo de informações que se recebe diariamente é enorme e a produção de memória a partir dessas informações tem também de ser cada vez mais acelerada, a blogueira parece ter encontrado no blog o espaço que lhe permite uma escrita íntima e informal, ao mesmo tempo em que lhe possibilita acompanhar de forma paralela o fluxo de memorização. Uma realidade criada pelo computador, pois hoje quando se pensa em guardar alguma informação pode-se imediatamente escrevê-la e salvá-la em arquivo, além de disponibilizá-la na Internet, o que dá a sensação de se ter controle sobre a memória. Mesmo que seja um controle fugaz sobre essa caprichosa faculdade humana, que serve mais a ela própria do que ao sujeito, pois quanto mais se tenta consultá-la, mais parece se embaçar e misturar os acontecimentos importantes às lembranças inúteis. “Cada vez mais as pessoas estão preocupadas não apenas em lembrar as coisas mais importantes, mas em lembrar-se de tudo. E tudo em riqueza de detalhes”

(SCHITTINE, 2004, P. 121), então para isso serve o computador e a Internet, organizando as informações e possibilitando o seu acúmulo em grandes volumes. Uma necessidade ampliada pelo caos contemporâneo de que fala Gilles Deleuze, e para o qual o sujeito deseja abrir um guarda-sol que o “proteja” dessa desorganização. “Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que o pensamento que escapa de si mesmo, idéias que fogem esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras que também não dominamos” (DELEUZE, 1992, p. 259).

Se não se podem dominar as idéias então que elas sejam guardadas, preservadas para se tentar entendê-las num outro momento, talvez? Assim têm-se processado os blogs pessoais, ajudando a aplacar a angústia do indivíduo na construção de uma memória em mosaico, labiríntica, mas também seu espaço de proteção contra a esquizofrenia diária, sua “zona de segurança” onde ele pode guardar esses fragmentos flutuantes que logo são suplantados por outros, novos, numa luta visceral para fixar o tempo presente, não mais o passado. Assim escrever, fixar a memória em fotos (agora ainda mais facilitadas pela presença das máquinas fotográficas digitais, disponíveis também em aparelhos de telefone celular e *webcams*), organizar, guardar, catalogar as lembranças são maneiras de “abrir o guarda-sol” que atende à proposta de Deleuze para proteger o indivíduo do caos.

Certo cuidado com a preservação, o resguardo dos momentos vividos, o registro dos pensamentos e sentimentos fragmentados e flutuantes está presente também no blog *Terreiro*, escrito por Thiago Pedrosa. Nesse blog a escrita diária em tom pessoal não se realiza no sentido de íntimo, mas no sentido de apontamentos pessoais. *Terreiro* parece servir ao blogueiro como lugar de registro do vivido e do que vai no pensamento, mas na perspectiva do que pode circular no espaço público sem expô-lo em demasia porque são fragmentos opinativos, engraçados, informativos. Por saber-se lido, a fala de si aparece atravessada pelo olhar do outro. Medo de se expor? De furar o tácito véu burguês que persiste nas relações a separar o público do privado? Talvez, já que todo o resto está dado: a cidade onde mora, a empresa onde trabalha, os lugares que frequenta, as atividades que pratica com regularidade, o namoro, os amigos, o apelido. E tudo isto lhe pode ser associado pelo fotolog, cujas miniaturas das sete fotos mais recentes ilustram diariamente o pé da página, ambiente de aparência límpida num estilo claro e delicado. E se a delicadeza era um traço tradicionalmente associado ao feminino Thiago Pedrosa o desmente, pois seu blog ostenta tal característica sem que nada remeta ao feminino: um grafismo que lembra uma flor marca a divisão entre um *post* e outro e um arabesco algo *Decó* distingue o nome do blog e seu autor logo no início da página.

O texto predominante do *Terreiro* enceta um tipo de conversa virtual com algum/a leitor/a, algo assim como uma coluna de jornal, cuja exposição do pensamento do autor experimenta poucos riscos já que pouco trabalha com o privado, mas nada de muito íntimo ou comprometedor está sendo dito ali. O blog parece servir ao autor como um espaço para a socialização do pensamento sem, no entanto, numa entrega tácita, sem muito arriscar. Seus textos em geral sob o formato de crônica, outras vezes de pílulas em tom bastante pessoal deixam fluir o pensamento do autor por diversas vertentes, em pequenas amostras de sua fé ou ceticismo, de sua graça ou desencanto, de sua permanência ou fluidez:

Melhor animal de estimação de todos os tempos

Publicado em 26.02.07.

Duas Testemunhas de Jeová tocaram minha campainha sábado pela manhã. O pessoal tem uma mania de deixar o portão da frente do prédio aberto, e toda milacria de gente aparece lá dentro. De qualquer forma, como eu ainda estava sonolento, abri a porta, vestindo apenas uma cueca samba-canção, com o cabelo completamente assanhado, a cara inchada, *y remelitas en los ojos*.

Olhei meio sem encarar a senhora à minha frente, enquanto ela me mostrou uma foto de uma família asiática com um tigre de estimação (!) e me perguntou se eu conseguiria me imaginar na mesma situação.

Eram 7:10 da madrugada, e eu não conseguiria me imaginar sequer em pé.

“Sei lá”, respondi, ainda tentando digerir a cena (eu ali na porta, de cuecas, e dois crentes me enchendo o saco, coisa e tal). Ela continuou com um discurso sobre como as pessoas conseguiam se imaginar ali, todas felizes e blá blá blá, e eu notei sua bolsa aberta e alguns panfletinhos sobre a igreja. “Escuta... não estou interessado”, e dei um passo atrás.

Ela continuou perguntando se eu achava que os seres humanos iriam resolver todos os problemas do planeta, e eu pensei em responder, educadamente, que apesar de achar que ter um tigre de estimação seria fuderoso bragarái, eu não conseguia acreditar que Deus poderia consertar tudo enquanto nós deveríamos simplesmente ficar em casa dando banho e escovando os dentes do tigre. Mas ao invés disso eu simplesmente respondi “Não sei. Tenham um bom dia”, e fechei a porta. Provavelmente eles acham que vou queimar no inferno, por ter dado as costas ao meu próprio tigre de estimação, mas tudo bem. Não os julgo. Nem quintal pra colocar esse tigre eu tenho.

A escrita de *Terreiro* encena um posicionamento político do autor em relação aos vários assuntos que fazem parte de seu dia-a-dia na cidade de Natal, onde vive, e incita o/a leitor/a à reflexão ou a compactuar com suas afirmações e questionamentos, se aproximando, mais uma vez, do movimento que ocorre com a escrita de uma coluna de jornal. Na coluna de jornal, no entanto, o escritor está distante do/a leitor/a e menos acessível a ser interpelado, à interação. No movimento virtual do blog, porém, a interação pode ocorrer instantaneamente e o blogueiro dispõe desta para afirmar-se, reforçando suas opiniões e legitimando certo lugar de sujeito em um espaço coletivo de enunciação, ou seja, ele encontra no blog a sua possibilidade de dizer “eu” publicamente. A escrita do blog investe o blogueiro de certo poder, pois lhe dá condições de fala e de produção desse sujeito político. No processo discursivo que se estabelece nesse contexto a escrita dirigida ao/a leitor/a onipresente inscreve-se tanto na ordem enunciativa da determinação quanto da indeterminação do sujeito.

Num caso e no outro representam o âmbito público e privado, respectivamente, pois suas opiniões não constituem apenas uma projeção das formações discursivas implicadas na exposição de uma consciência política, mas intervêm nelas para contradizer, dizer sem dizer, numa fuga dos sentidos já determinados.

Reflexão

Publicado em 13.02.07.

Subi na linha 51 que subiu a rua Nuncalembroonome, em direção à Cidade Alta. Passando ao lado da igreja de N.Sra./N.Sr. de Nuncalembroonome, tava lá pendurados os dizeres:

“CARNATAL: O QUE VOCÊ GANHOU COM ISSO?”

E eu “realmente...”

E olha que nem fui.

A construção de sentidos num blog passa também pela identidade projetada pelo sujeito no momento da produção textual. Não parece difícil concordar com a idéia de que no ciberespaço é possível se assumir as mais variadas identidades, cujo reconhecimento realiza-se pelo próprio processo de comunicação que na construção do hipertexto torna-se um poderoso dispositivo construtor de subjetividades. Assim, as experiências de descentramento semântico e quebras da cadeia significado/significante viabilizadas pela estrutura fluida da Rede envolvida em processos de multilinearidades, multivocalidades e interatividade é o que estabelece a relação blogueiro-leitor/a. E mesmo considerando-se que nada há de novo na hipertextualidade no que se refere a esses processos, já que o/a leitor/a sempre produziu sentidos no texto lido e multilinearidades já estariam presentes em textos ficcionais submetidos a outros suportes, não há como se fechar os olhos para o fato do texto *online* fazer emergir formações polissêmicas nas quais a produção de significados não encontra esteio na lógica atrelada ao uno, ao idêntico, ao departamentalizado, ao não contraditório, mas está atrelada ao aberto, cambiante, flexível e dinâmico.

Contrariando a visão pessimista e mal-humorada do filósofo e sociólogo francês Jean Baudrillard de acreditar que “a Internet apenas simula um espaço de liberdade e de descoberta. Não oferece, em verdade, mais do que um espaço fragmentado, mas convencional, onde o operador interage com elementos conhecidos, *sites* estabelecidos, códigos instituídos. Nada existe além desses parâmetros de busca. Toda pergunta encontra-se atrelada a uma resposta preestabelecida. Encarnamos, ao mesmo tempo, a interrogação automática e a resposta automática da máquina” (BAUDRILLARD, 2007, 132), acredito que não só são os sujeitos que “fazem a máquina” como os sujeitos são a blogosfera ou “são a máquina,” como postulado pelo professor assistente de Antropologia Cultural da Universidade Estadual do Kansas, Michael Wesch, criador do vídeo *The Machine is us/ing*

us⁷¹. No vídeo feito inicialmente para servir de ferramenta para suas aulas, a fim de levar os/as alunos/as a refletirem sobre suas relações com a tecnologia, o professor promove o pensamento de que a partir da construção e manutenção de hipertextos e *links* na Web os indivíduos conectados não apenas fazem a máquina como são a própria máquina, já que são eles que constroem os conteúdos e alimentam a Rede, a máquina com seus conhecimentos e informações. O vídeo que já foi visto na Rede por mais de dois milhões e meio de pessoas, conforme os contadores do *site Youtube*⁷², explica com simplicidade e clareza a evolução do hipertexto até o momento em que se começa a construir colaborativamente uma Web semântica, cada vez mais aberta e acessível ao domínio dos/as internautas, cujos conteúdos além de construídos por eles/as atendem aos seus interesses.

O blog *Terreiro*, bem como o *Diário de um liso*, serve como exemplo para a tese do professor Wesch. A escrita recheada de *links* que conectam esses blogs a outros diferentes *sites* faz a cadeia hipertextual transcender a própria Web na interconexão de pessoas e histórias de vida para influir nessas vidas por detrás da tela.

[Adeus, JPG...](#)

Publicado em 15.05.07.

Tão revoltante quanto isso possa soar, [acabo de apagar meu perfil](#) na [JPG Magazine](#), em resposta silenciosa e isolada aos editores daquela revista, que expulsaram de seu quadro os fundadores da comunidade, [Heather](#) e [Derek](#). A revista, que começou em 2004 como uma proposta incrivelmente inovadora de publicar novos e desconhecidos fotógrafos, me deixou completamente apaixonado por sua abordagem alternativa de tratar os novos talentos. Sempre fui fã declarado de Heather e Derek, e os tenho como referências pessoais e fontes de inspiração, e de certa forma imagino o quão tristes eles devem estar com [isso tudo](#). **ps:** Há [uma discussão rolando no Flickr](#), sobre o assunto, e ao que parece, não sou o único que escolheu sair da JPG em protesto. **pss:** [I deleted my JPG Magazine account](#), grupo no Flickr.

Todos os trechos marcados em azul assinalam *links* que clicados levam a outros *sites* da Web inter-relacionados ao texto do blogueiro. Assim sendo, mais do que fazer a máquina os sujeitos que constroem esse particular conhecimento não deixam de ser a máquina. É desse material que é feito o vídeo do professor Wesch. O autor de *Terreiro* tem no espaço virtual um lugar familiar onde cria (ou simula?) uma existência desde 2002, pelo que indica em seus *posts* mais antigos. Suas idas e vindas ao meio de existência virtual e seu nível de entrega a essa existência revelam o elevado grau de importância que a Rede tem em sua vida fora desta:

Um novo começo

Publicado em 11.08.03.

Há algo bem particular sobre weblogs. Uma vez que você pára de escrever, parece ser mais complicado retomar daquele ponto do que começar da estaca zero.

⁷¹ http://www.youtube.com/watch?v=NLIgopyXT_g e <http://www.youtube.com/watch?v=X4n90pO-kRk> acessos realizados em 23.05.2007.

⁷² <http://www.youtube.com/watch?v=6gmP4nk0EOE> acesso realizado em 27.05.2007. O vídeo foi postado no portal em 31.01.2007.

Muita coisa aconteceu desde que eu escrevi algo por aqui pela última vez. Eu e Adriana juntamos trapos, saí da casa dos meus pais, alugamos uma casa em Mossoró, resolvemos nos mudar para Natal. Eu poderia escrever muita coisa, porque muita coisa há para ser escrita. Ou eu poderia simplesmente deixar tudo rolar naturalmente, sem atualizações, sem assuntos colocados em dia, sem nada. O mais interessante desse período longe da web foi, sem dúvida, **aprender a me relacionar comigo mesmo novamente, sem depender das tecnologias.**

Tudo está mudando e caminhando em passos muito rápidos hoje em dia, e se não estivermos antenados diariamente, podemos nos perder no meio do caminho.

Então deixa como está. Aos poucos vou colocando a casa em ordem.

All fresh n'now!

Publicado em 11.08.03.

Estou de volta, finalmente, powered by Blogger, **após mais de um ano sem computador** e com raríssimos acessos à internet. Apenas o suficiente para manter uma ou outra correspondência em dia. Os posts antigos se foram. Acho que é hora de começar do zero. (grifos meus)

O indivíduo que faz o blog vive nesse lugar como se vivesse uma outra vida, porém virtualmente. A liberdade dada pelo blog permite que o autor trace uma vida paralela à vida *real*, numa relação hipertextual tecnologicamente interdependente. Mas o vídeo do professor Wesch faz mais do que ampliar a discussão filosófica para compreensão da presença e fazer humanos na Rede. O que o professor faz é anunciar como está se dando a evolução do hipertexto até o momento em que se começa a construir colaborativamente uma Web semântica, cujos conteúdos são separados dos formatos.⁷³ Numa Web semântica os conteúdos podem receber *tags*, ou seja, marcadores que identifiquem com palavras-chave o que as páginas são. Isso permitirá às máquinas encontrá-los e organizá-los como se estivessem interpretando o seu significado. Assim, por exemplo, se um/a internauta está interessado/a em saber por que o céu é azul e busca explicações científicas colocando a palavra “céu” em seu buscador, poderá ir diretamente à página desejada sem antes ter que passar por páginas onde aparece a palavra céu em todos seus outros significados, como aquelas que explicam a idéia de céu e de inferno, as de poesia ou aquelas que constam CEU como Centro de Ensino Unificado. Isso acontece porque as palavras e os conteúdos portam diversos significados. A Web poderá evoluir muito se as máquinas conseguirem avançar na classificação do significado de suas páginas, através de um processo colaborativo de construção dos significados dos conteúdos na Web. Esse processo está sendo beneficiado pela enorme onda colaborativa que já está se desenvolvendo na Internet. *Wikipedia*, *BitTorrent*, *Flickr*, *Youtube*, *Syndication*, *Viddler*, *Mojiti*, *Bubbleply* e *Blogosfera* são exemplos de práticas colaborativas apelidadas pelo defensor da idéia do nosso tempo como a “Era da Inteligência Coletiva”, Tim O’Reilly,⁷⁴ de Web 2.0. Para ele, entramos em uma fase da Web em que o compartilhamento e

⁷³ www.aredo.inf.br/index.php?option=com_content&task=view&id=924&Itemid=81-42k acesso em 25.05.2007.

⁷⁴ <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,AA1377043-6174-42,00.html> acesso em 26.05.2007.

a colaboração são a sua principal característica, como já ocorre, por exemplo, com o processo de arquivamento de *sites* preferidos. Praticamente todo navegador possui em sua barra de ferramentas o item “favoritos”. As pessoas que gostam ou freqüentam muito um determinado site podem armazenar o seu endereço no navegador. Atualmente, é possível fazer isso na própria Web e de modo coletivo e colaborativo, através do *site del.ici.us*,⁷⁵ uma ferramenta de arquivamento e catalogação de sites preferidos, assim, se pode acessá-los de qualquer computador, e compartilhar a sua catalogação com outros/as usuários/as.

3.5 - Os fios da teia

Acredita-se que o potencial de interatividade da internet ainda está sendo descoberto. A interatividade está servindo cada vez mais aos processos colaborativos, assim como o processo de “linkagem” na Rede. Até agora, os *links* são determinados por quem construiu a página e, em geral, são unidirecionais, ou seja, apontam para um único *site*. Não há possibilidade de inserir um outro endereço para um determinado *link*, mesmo quando se sabe que há outra opção melhor do que a escolhida pelo/a autor/a daquela página. Hoje a maioria dos *links* é estática e não interativa.

A palavra *link* é inglesa, mas sua origem é escandinava, *hlekk*, e significa elo, argola ou enlace. Na Internet, *links* são as pontes que transportam pelos territórios do ciberespaço. O hipertexto, a base da Web, só pode existir porque existem os *links*. O processo de “linkagem” é uma das principais atividades da Internet e as hiperligações são os fios da teia, da Web. O engenheiro e cientista norte-americano Vannevar Bush⁷⁶ é considerado o pioneiro do hipertexto. Em 1945, escreveu um artigo revolucionário chamado *As We May Think ?* (Como nós podemos pensar?). Nele, o autor argumenta que o modo linear com o qual classificamos as informações não é o modo como pensamos, nós pensamos por associação. Bush propunha uma máquina eletrônica denominada Memex (*Memory Extension*, extensão de memória) que permitiria armazenar conhecimentos e apoiar a memória humana. Ela funcionaria fazendo associações e pontes entre as informações armazenadas. Sua proposta visionária para a época influenciou as gerações seguintes e foi a partir, principalmente da concepção de Vannevar Bush, que Theodor Nelson⁷⁷ cunhou, em 1965, o termo hipertexto.

⁷⁵ <http://del.icio.us/> acesso em 25.05.2007.

⁷⁶ http://cobit.mma.com.br/precursosores/vannevar_bush.htm e <http://www.async.com.br/~kiko/papers/think/> acessos realizados em 25 e 26.05.2007.

⁷⁷ http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/natal_digital_2005/p_048.html acesso realizado em 25.05.2007.

Os blogs, em meu entender, são os melhores exemplos de hipertexto e criação em processo colaborativo como apregoa Wesch, não só com o uso de recursos e informações associadas à composição semiótica da página como também por contar com a possibilidade de interação e *links*, o que no momento é o que garante a dinamicidade da blogosfera.

IV – CONCLUSÕES

Como Susan Sontag que, rebatendo a idéia do diário íntimo como sendo um “confidente surdo, mudo e analfabeto”, dizia expressar-se aos seus diários mais abertamente do que com qualquer pessoa, sujeitos que escrevem blogs parecem mesmo querer fugir dessas antigas prerrogativas a que se referiu Sontag, pois o que buscam são “ouvidos” e olhos simpáticos às suas conjecturais construções e desabafos. A prática antes considerada como um momento de estar só consigo mesmo, cuja categoria discursiva Foucault chamou de escrituras de si que oferecem uma espécie de tecnologia da produção do contato consigo mesmo, ou da autopercepção como unidade indivisível e singular, faz-se agora expositiva e de certa forma espetacular. Enquanto o diário íntimo tradicional funcionava mais como elemento de separação entre o “eu” e o “outro”, escrita feita no segredo, escondida, longe do olhar e da opinião de quem a pudesse interceptar, o diário em Rede clama pelo olhar do outro, por sua participação e contribuição, numa condição que poderíamos chamar de “publivado”.

Agora é permitido entrar no “jardim secreto”, até mesmo sem ser visto pelo dono, mas atendendo ao desejo explícito de quem escreve um blog que invariavelmente anseia ser “bisbilhotado”. Mas esse relacionamento entre leitor/a - blogueiro/a funciona porque talvez seja como um faz-de-conta em que intencionalmente quem escreve finge ouvir o/a leitor/a, que por sua vez pensa influenciar diretamente na vida do/a diarista. Uma influência e relação que acontecem no plano textual, mas que para muitos/as blogueiros/as realmente repercutem e interferem naquilo que são, já que se definem e se formam no momento da escrita auto-referencial, um momento em que ficam mais desarmados/as, digamos assim, mais informais e procuram mostrar um pouco mais de si e do que são capazes de ser e fazer, pensar e escrever nessa superfície pública de constituição de subjetividades onde querem ser aceitos/as.

Estes são espaços de expressão e exposição do si que funcionam como um espelho “infiel” onde seus/as autores/as esperam ver refletida a melhor imagem, uma imagem construída com irrefutável esmero, num movimento semelhante ao das biografias, exercício de fazer da própria pessoa um herói ou heroína. Heróis de si mesmo. E como ninguém deseja ver uma imagem negativa de si mesmo “pintam-na” da melhor maneira, como uma pintura íntima instalada em caprichosa moldura de si, inserindo cores, figuras e fotos numa construção textual que ilustra seu modo de ver o mundo como um *layout* que pode ser modificado constantemente, pois aquele é o “seu” mundo. Existe então a necessidade da contribuição, da opinião do “outro”, mas é preciso que esse outro lhe seja semelhante.

Blogs pessoais são um passo inevitável das escritas de si na progressão evolucionária da comunicação, da oralidade e da literatura desde a invenção do computador e da Internet. Os milhões de pessoas usando a Internet para falarem sobre si e se (inter)relacionarem evidenciam que a sociedade adentrou em novo estágio nas trocas humanas mas esse ingresso denota também um retorno ao imediatismo da linguagem que a escrita impressa havia removido. Por isso, traçar um paralelo com os diários tradicionais me foi importante para um melhor entendimento dos blogs pessoais enquanto espaço de manifestação de si e construção de subjetividades, pois muitas das possibilidades de fazer visíveis os múltiplos efeitos e significações do sujeito como modulações expressivas de sentimentos, posicionamentos e performances são construídas pelo e no exercício diário de escrever um blog.

Dada a velocidade, a instantaneidade com que o processo escritural e interativo ocorre esse é também um terreno de areia movediça. Tudo nessa superfície é volátil, desde o eu que escreve à sua experiência que não se permite durar, que escorre entre os dedos. A experiência e o sentimento ao mesmo tempo em que descem à ponta dos dedos que teclam já passaram, esvaindo-se em bits e bytes. Como ocorreu com o último blog a fazer parte do *corpus* desta análise, o *Terreiro*, que enquanto eu ainda escrevia sobre ele levando em consideração os elementos textuais e paratextuais, sem ter tido a preocupação preliminar de imprimir seu *template* a fim de assegurar o “material empírico”, por assim dizer, seu autor, Thiago Pedrosa, de um minuto para outro simplesmente mudou o *layout* removendo todos aqueles elementos que fizeram parte importante de minha análise e percepção do sujeito criador do blog.

Mas a instabilidade e a volatilidade que fazem parte da natureza desse novo suporte e rondam essas superfícies de auto-expressão não pairam apenas sobre *templates* ou *layouts*. Na verdade essas características refletem fatores intimamente ligados ao processo constitutivo de seus/as autores/as. Nesse lugar está exposta toda instabilidade do sujeito em suas identidades de movimentos descontínuos, fragmentados e em constante deslocamento. Um lugar onde se faz verificável o conceito de identidade unificada como sendo na verdade uma ‘narrativa do eu’, um mito construído pelo sujeito que vive em permanente confronto com uma enorme multiplicidade de identidades possíveis e cambiantes, com as quais temporariamente tenta se situar. O que aparece nos blogs pessoais, como explicou Laclau pelas palavras de Stuart Hall (2005, p. 18), é uma variedade de “posições de sujeito” que emergem das múltiplas divisões e antagonismos sociais emanados por diferentes “centros de poder” que promovem, com a desarticulação das identidades estáveis do passado, a produção de novos sujeitos. Nesse processo de narração de si que ocorre nos blogs pessoais, as identidades passam por diversos

estágios de identificação na elaboração discursiva e nas relações dialógicas que estabelecem no dia-a-dia, cujo resultado é uma narrativa muito particular do “eu”. Essas identidades são multiplamente construídas no decorrer de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou se opor. Por isso, mesmo sujeitas a uma historicização, permanecem sempre em processo de mudança e transformação, e como apegos temporários às posições de sujeito construídas pelas práticas discursivas, suas narrativas em blogs permanecem como em estado de suspensão por tempos indeterminados numa blogosfera tão instável quanto seus autores/as, podendo ser abandonadas à deriva ou mesmo deletadas a qualquer instante.

Do ponto de vista literário, os blogs, pelo seu caráter eminentemente discursivo, têm aparecido como espaço em que as localizações do sujeito e as construções da identidade afloram, do mesmo modo que sempre fez a literatura permitindo uma visualização clara de como os indivíduos de épocas diversas concebiam e construíam suas identidades. Assim, os blogs têm ungido essa característica, pois a escrita que ali se encontra é eminentemente literária e biográfica. Muito embora, autores como o jornalista e escritor Sérgio Villas-Boas, afirmem que mesmo que num romance haja "configurações esquemáticas para os personagens nos planos físico e psíquico" (VILLAS-BOAS, 2006, p. 39) e que o indivíduo (na ficção) é projetado como real, mas totalmente determinado pela “criação” enquanto numa biografia nada disso é possível porque não se pode inventar destinos.

Sendo assim, todo escritor/a, mesmo lançando mão de experiências pessoais reinventa destinos para tornar sua vida mais literária. Tomemos como exemplo a escrita epistolar. Mesmo sendo as cartas uma fonte primária de consulta para o biógrafo, não há garantia alguma de que o que dizem seja “verdadeiro ou transmita os sentimentos mais autênticos de quem as escreveu, visto que na carta o remetente exprime uma visão de mundo e sua auto-imagem (pelo menos a que gostaria de ter sido) para o destinatário” (VILLAS-BOAS, 2006, p. 40). Tal raciocínio permite pensar se o virtual, assim como o imaginário, não faz parte da realidade. E o imaginário faria parte da realidade em que sentido? Talvez porque quem imagina está pleno de sentidos porque quem imagina o faz a partir de uma realidade. Pois nem tudo é concreto, mas tudo é real. Roland Barthes, ponderando a respeito do valor literário dos diários, acreditava que a escrita de um diário com os fins que se atribuem tradicionalmente a esse modelo de escrita já não eram pertinentes, pois estavam “todos eles ligados aos benefícios e aos prestígios da ‘sinceridade’ (dizer-se, esclarecer-se, julgar-se) (...), mas a sinceridade não passava de um imaginário em segundo grau,” (BARTHES, 1988, p. 304). Assim, a justificação de “um diário íntimo (como obra) não pode ser senão literária, no

sentido absoluto, mesmo que nostálgico, da palavra”, continua Barthes, colocando o diário cabalmente num lugar literário.

Mas, ao contrário dos diários tradicionais que revelavam em suas páginas o modo como o indivíduo efetuava a construção de sua subjetividade, os blogs pessoais de hoje permitem que se acompanhe o desenvolvimento de subjetividades construídas. Trata-se do jogo da *performance*. Uma *performance* do desejo. Se o diário tradicional funcionava como repositório de segredos do eu, os blogs são a ferramenta para, ao contrário, segredar, tornar oculto um (verdadeiro) eu por mais paradoxal que isto possa parecer. Pois é no blog que um ‘falso’ eu pode ser construído, projetado a partir das insatisfações gerais da vida – os desejos, os recalques, as fantasias – que podem finalmente ser liberados para se fundar um outro sujeito, virtual, num mundo virtual.

Posso dizer que uma outra identidade do sujeito surge, então, no mundo virtual. Uma identidade oriunda de espaços secretos do eu e que, dificilmente poderiam ter sido verbalizados nos diários tradicionais. Os blogs pessoais levam a intimidade à condição de um imaginário expresso. Uma nova esfera é criada, uma existência paralela num metaverso, um mundo paralelo. Nada é mais público ou apenas privado. Estamos diante de uma segunda esfera ainda sem nome, mas que mistura ambas. A partir do real e irreal, do jogo de revelar escondendo e de esconder revelando. É como se o mundo virtual fosse um lugar sem superego, permitindo um fluxo dos instintos e das necessidades egoístas do *id*. As pessoas, portanto, são na *Web* o que não são (e talvez nunca vão ser) na vida real. Todos os impulsos reprimidos por mecanismos diversos de proibições, moralismos, pré-julgamentos, pré-conceitos, eclodem na forma de personagens (ou personalidades) falsas revestidas das fantasias e do desejo do sujeito. Então, as pessoas ao mesmo tempo em que não são elas mesmas (pelo menos o que não mostram na vida real ou não podem mostrar ou ser), são elas mesmas no sentido de que derrubam todas as barreiras (morais, raciais, econômicas, políticas, sociais, sexuais) para ser o que em seu íntimo tanto gostariam. Nesse caso posso pensar no simulador de vida *Second Life*⁷⁸ que tenta reproduzir uma vida *real*. Nessa outra superfície de

⁷⁸ *Second Life* é um ambiente virtual e tridimensional que simula em alguns aspectos a vida real e social do ser humano. Dependendo do tipo de uso pode ser encarado como um jogo, um mero simulador, um comércio virtual ou uma rede social. O nome *Second Life* significa em inglês "segunda vida" que pode ser interpretado como uma "vida paralela", uma segunda vida além da vida "principal", "real". Dentro do próprio programa, o jargão utilizado para se referir à "primeira vida", ou seja, à vida real do usuário, é "RL" ou *Real Life* que se traduz literalmente por "vida real". Esse ambiente virtual tem recebido ultimamente muita atenção da mídia principalmente a internacional e a especializada em informática, pois o número de usuários cadastrados e também os ativos têm crescido de forma exponencial. Hoje são sete milhões de usuários em todo o mundo, e cerca de 200 mil no Brasil, segundo matéria publicada em 29.06.2007, no blog jornalístico da revista Superinteressante, <http://super.abril.com.br/super2/blogs/secondlifeblog/>.

constituição de sujeitos e subjetividades o/a usuário/a pode escolher sua aparência física, etnia, classe social, construir uma casa, comprar um carro, manter relações de amizade e de amor, tudo como se fosse de verdade, incluindo aí transações financeiras com uma moeda virtual chamada *Linden Dollar*. O simulador de vida que é classificado também como um jogo, pode ser considerado um sintoma de uma mudança profunda do sujeito e suas relações, devido às “necessidades” cada vez mais aparentes de procurar por algo que não encontram no si mesmo. Necessidades estimuladas pelo mundo atual e também pelo modelo de consumo que leva o sujeito a buscar uma vida diferente da que ele vive, mesmo que seja um faz-de-conta: “que sou rico, que sou bonito, que estou amando, que me amam também”. Necessidades incômodas que empurram o sujeito a desistir de estabelecer conexões vitais na esfera *real* e a procurá-las numa outra esfera, a de uma segunda vida possível.

De fato há no metaverso da *Second Life* uma exploração de territórios sem fronteiras, numa linguagem e recursos novos e infinitos. Espaços onde se pode recriar uma vida cotidiana em que o possível e o impossível, o público e o privado, o real e o imaginário (pois a moeda virtual *Linden Dollar* se compra com dinheiro real a débito no cartão de crédito), pouco se definem ou mesmo se confundem. Construções imaginárias que não devem ser tomadas apenas como fuga, sonho ou pesadelo, mas como uma liberdade possível, onde a própria libertação do terror da mortalidade e da imobilidade da vida real pode ser tomada como um valor e um tipo diferente de práxis. Um tipo de aventura que substitui as paisagens de um cotidiano maçante por um espaço de possibilidades infinitas, plenamente construído de imaginária pós-urbanidade, onde as materialidades e os limites que conhecemos são de algum modo, abolidos e substituídos por edificações mirabolantes e avatares⁷⁹ elegantemente vestidos e rostos sem vincos.

E se o desvelamento dessa vida paralela é só um sinal do início de outra Era que veio para transformar as vidas em algo virtual-real, para que sejam entregues à atividade imaginativa os que tiverem acesso e se entusiasmam com as novidades da tecnologia, só resta nos rendermos à ficcionalização do cotidiano e então vivê-la para saber se será uma (dupla) realidade sustentável ou uma fantasia de insustentável leveza.

⁷⁹ Avatar é um boneco que representa a pessoa, o personagem do usuário do *Second Life*. Ele é totalmente modificável através da modelagem 3D, permitindo que o usuário o crie com aspectos físicos muito próximos dos seus ou qualquer outro padrão de beleza que lhe satisfaça. As modificações são inúmeras e cada parte do corpo possui diversas características para serem modeladas. Para deixar o personagem ainda mais próximo do estilo do usuário, é possível modificar, comprar e até mesmo criar as roupas dele. Além disso, pode-se importar imagens, o que garante total liberdade de personalização de qualquer objeto de uso do avatar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALEXANDRIAN. *História da literatura erótica*. Trad. Ana Maria Scherer e José Laurêncio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- AMORIM, Ricardo; VIEIRA, Eduardo. *Blogs os novos campeões de audiência*. Revista Época de 31.07.2006, p. 97-105.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *O amor natural*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- ARAÚJO, Nara. *La autobiografía femenina, un género diferente?* Debate Feminista, v. 8, n. 15, 1997, p. 72-84.
- ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico - dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, S.A. 2002.
- ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, Vol. II, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. Biografia e autobiografia antigas, in *Questões de Literatura e Estética*. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1988. p. 250-262.
- BARRETT, Michele. *As palavras e as coisas: materialismo e método na análise feminista contemporânea*. In: Revista Estudos Feministas, V.7, N.1 e 2, 1999, p. 109 – 125.
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia / Roland Barthes*. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. Deliberação. In: *O Rumor da Língua*. Brasília: Brasiliense, 1988.
- _____. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1975.
- BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital*. Trad. Luciano Trigo. RJ: Civilização Brasileira, 2001.
- _____. *Tela Total, mito-ironias do virtual e da imagem*. Org. e Trad. Juremir Machado da Silva. 4 ed.. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BORDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica.” In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183-192.
- BRANCO, Lúcia Castello, BRANDÃO, Ruth Silviano. *Literaterras: as bordas do corpo literário*. São Paulo: Anablume, 1995.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero - feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

- CALLE-GRUBER, Mireille. Journal intime et destinataire textuel. *Poétique*, nº 59. Paris: Seuil, septembre, 1984.
- CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. *Atrás dos olhos pardos: uma leitura da poesia de Ana Cristina Cesar*. Chapecó: Argos, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em Rede*. Trad. Roneide Venâncio Majer. (*A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. 1). 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *O poder da identidade*. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. (*A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. 2). 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *Fim de milênio*. Trad. Klaus Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. (*A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. 2). 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CESAR, Ana Cristina. *A teus pés*. São Paulo: Atica, 1999.
- COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- COSTA, Claudia de Lima. O leito de Procusto. *Cadernos Pagu*. (2), 1994, p. 141-174.
- _____, Paradoxos do Gênero. *Revista Gênero*, V. 4, Niterói. 2003, p. 169 - 177.
- DAMIÃO, Carla Milani. A sinceridade em Rousseau. In: MARQUES, José Oscar de Almeida. (Org.). *Verdades e mentiras – 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rousseau*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005, p. 179 – 197.
- De LAURETIS, Teresa. A tecnologia do Gênero. In: Heloisa Buarque de Hollanda (org). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206 – 242.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- De MAN, Paul. Autobiografy as De-facement. In, *The Rhetoric of Romanticism*, Columbia University Press, New York, 1984. p. 67-81.
- DIDIER, Béatrice. *Le journal intime*. Paris: PUF, 1976.
- FEMINÍAS, Maria Luisa. *Judith Butler: introducion a su lectura*. Buenos Aires: Catálogos, 2003.
- FONSECA, Márcio Alves da. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2 ed. 2006.
- _____. *A história da sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 12 ed. 2005.

- _____. *O que é um autor*. Trad. António F. Cascais e Edmundo Cordeiro. Portugal: Vega, 1992.
- _____. *Technologies of the self*. In: Hutton (P.H.), Gutman (H.) e Martin (L.H.), *A Seminar with Michel Foucault*. Anherst: The University of Massachusetts Press, 1988, p. 16-49.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GARMA, Rousseau. Rousseau ¿Miente? In: MARQUES, José Oscar de Almeida. (Org.). *Verdades e mentiras – 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rousseau*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005, p. 199 – 204.
- GASS, William. A arte do *self*. Folha de São Paulo, Caderno Mais! de 21.08.1994. In: KIEFER, Charles. *Borges que amava Estela e outros duplos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995, p. 12-29.
- GAY, Peter. Fortificación para el yo. In: *La experiencia burguesa, de Victoria a Freud*, v. 1: “La educación de los sentidos”. México: FCE, 1992, p. 374 - 426.
- GENETTE, Gerard. Le Journal, l’antijournal. *Poétique* n° 59, Paris: Seuil, septembre, 1984.
- GROSZ, Elizabeth. *Corpos reconfigurados*. Cadernos Pagu, V. 14, 2000, p. 45-86.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública – investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.
- HEBERLE, Viviane M. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de idéias? In: *Linguagem em (dis)curso*. CALDAS-COUTHALRD, Carmen Rosa e FIGUEIREDO, Débora de Carvalho (orgs). Tubarão: Unisul Ed. 2000, p. 85-111.
- _____. Análise Crítica do Discurso e Estudos de Gênero (gender): Subsídios para a leitura e interpretação de textos. In: *Aspectos da Lingüística Aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. FORTKAMP, Mailce B. M., TOMICTH, Leda M. (orgs.). Florianópolis: Insular, 2000.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1997.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva. 1978.
- LAMAS, Marta. *Usos, dificultades y posibilidades de la categoría “género”*. In: Marta Lamas, org. *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*. México: PUEG/UNAM, 1996, p. 327-366.

- LEMOS, André; PALACIOS, Marcos - Orgs. *Janelas do ciberespaço, comunicação e cultura*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Trad. Carlos Irineu da Costa, Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de lingüística para o texto literário*. Trad. Maria Augusta Bastos de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MORICONI, Ítalo. *Ana Cristina César: o sangue de uma poeta*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.
- MUZART, Zahidé. Do navegar e de navegantes. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs). *Refúgios do Eu – educação história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 181-189.
- NICHOLSON, Linda. *Interpretando o gênero*. In: Revista Estudos Feministas, V. 8, N.2, 2000, p. 9-41.
- OLIVEIRA, Ana Paula Costa de. *Poesia erótica e construção identitária: a obra de Gilka Machado*. In: Anuário de Literatura do curso de Pós-Graduação em Literatura, UFSC, Florianópolis: 1999, p. 241 - 272.
- PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- PERSEUS, Publishing Editors. *We've got blog: how weblogs are changing our culture*. Cambridge: Perseus Books Group, 2002.
- PIÑA, Carlos. *Sobre a natureza del discurso autobiográfico*. In: Anuário Antropológico/88, Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1991, p. 95-196.
- POWAZEK, Derek M. *What the hell is a Weblog and why won't they leave me alone?* In: PERSEUS, Publishing Editors. *We've got blog: how weblogs are changing our culture*. Cambridge: Perseus Books Group, 2002, p. 3-6.
- ROSSEAU, Jean-Jacques. *As Confissões*. Trad. Raquel de Queiroz. SP: Ed. Atena, 1959, Vol. 1 e 2.
- ROUSSET, Jean. Le journal intime, texte sans destinataire. *Poétique*, nº 56, Paris: Seuil, novembre, 1983.
- RYBCZYNSKI, Witold. Lo íntimo y lo privado; La domesticidad. In: *La casa. Historia de una idea*. Buenos Aires: Emece, 1991.
- SERFATY, Viviane. *The Mirror and the Veil – An Overview of American Online Diaries and Blogs*. New York: Editions Rodopi B.V., Amsterdam, NY, 2004.

SOUZA, Pedro de. *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

TIN, Emerson. (Org.) *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lípsio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

TOLEDO, J. *Dicionário de Suicidas Ilustres*. São Paulo: Record, 1999.

VILLAS-BOAS, Sérgio. *Biografias e biógrafos*. São Paulo: Summus, 2006.

SITES CONSULTADOS:

<http://www.ibope.com.br>

<http://www.ibope/netratings.com>

<http://snippy.ceejbot.com/wiki/show/start>, <http://www.ceejbot.com/>

<http://www.sfgate.com/cgi-bin/article.cgi?file=/c/a/2005/02/20/MNGBKBEJO01.DTL>

<http://michellemalkin.com/archives/001793.htm>

<http://www.technorati.com>

<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes>

<http://www.tsac.blogger.com.br>

<http://www.alampelife.weblogger.terra.com.br>

<http://www.rebeccablood.net/portal.html>

<http://invisivelparticular.zip.net/>

<http://www.revistaparadoxo.com/materia.php?editid=33>

(<http://un2sg4.unige.ch/athena/rousseau/rousseau.html>)

<http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI1461195-EI4802,00.html>

<http://blog.ericmartini.com.br>

http://www.youtube.com/watch?v=NLIgopyXT_g

<http://del.icio.us/>

http://cobit.mma.com.br/precursos/vannevar_bush.html

<http://www.async.com.br/~kiko/papers/think/>

http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/natal_digital_2005/p_048.html

www.aredo.inf.br/index.php?option=com_content&task=view&id=924&Itemid=81 - 42k

<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,AA1377043-6174-42,00.html>

<http://del.icio.us/>

http://cobit.mma.com.br/precursos/vannevar_bush.htm

<http://www.async.com.br/~kiko/papers/think/>

http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/natal_digital_2005/p_048.html

<http://super.abril.com.br/super2/blogs/secondlifeblog/>

BLOGS ANALISADOS:

<http://www.doidademarlquices.blogspot.com>

<http://incorespondencias.blogspot.com>

<http://coisasbobas.blogspot.com>

<http://diariodeumliso.blogspot.com>

<http://maquinando.blogspot.com>

<http://terreiro.net>

ANEXOS